



FACULDADE DE ARQUITETURA  
UNIVERSIDADE DE LISBOA

# TERRITÓRIOS *IN-BETWEEN*

Os Espaços de Transição como Elementos de Requalificação  
Urbana. O caso do Núcleo Urbano de Agualva.

Maria Inês Henriques Morgado

Projeto Final de Mestrado para a obtenção do Grau de Mestre em  
Arquitetura, especialização em Urbanismo

Orientação Científica:

Professor Doutor João Rafael Santos

Professor Doutor José Luís Crespo

Júri:

Presidente: Professor Doutor Sérgio Miguel Padrão Fernandes

Orientador: Professor Doutor João Rafael Marques Santos

Vogal: Professora Doutora Bárbara Lhansol da Costa Massapina Vaz

Documento Definitivo

Lisboa, FA.Ulisboa, Dezembro, 2019

TERRITÓRIOS *IN-BETWEEN*

# TERRITÓRIOS *IN-BETWEEN*

Os Espaços de Transição como Elementos de Requalificação  
Urbana. O caso do Núcleo Urbano de Agualva.

Maria Inês Henriques Morgado

Projeto Final de Mestrado para a obtenção do Grau de Mestre em  
Arquitetura, especialização em Urbanismo

Orientação Científica:  
Professor Doutor João Rafael Santos  
Professor Doutor José Luís Crespo

Júri:  
Presidente: Professor Doutor Sérgio Miguel Padrão Fernandes  
Orientador: Professor Doutor João Rafael Marques Santos  
Vogal: Professora Doutora Bárbara Lhansol da Costa Massapina Vaz

Documento Definitivo

Lisboa, FA.U.Lisboa, Dezembro, 2019

TERRITÓRIOS *IN-BETWEEN*

# Resumo

<b>Título</b> Territórios <i>in-between</i>	Resultado de um crescimento desordenado e com um planeamento urbano pouco eficaz, Agualva-Cacém evidencia-se como uma área suburbana com diversas carências a nível urbanístico, enfrentando problemas decorrentes da multiplicação de barreiras infraestruturais e das diversas falhas de serviços urbanos.
<b>Subtítulo</b> Os Espaços de Transição como Elementos de Requalificação Urbana. O caso do Núcleo Urbano de Agualva.	
<b>Autora</b> Maria Inês Henriques Morgado	Este Projeto Final de Mestrado tem o objetivo de estudar soluções que respondam às descontinuidades e insuficiências territoriais aqui identificadas, potenciando os valores ambientais, urbanos e socioculturais que se reconhecem neste território. Ambicionando consolidar o espaço urbano preservando as suas preexistências e equipando-o com edificado e espaço público adequado às necessidades sociais ativas, apresenta-se uma proposta urbana desenvolvida a duas escalas diferentes.
<b>Orientadores</b> Professor Doutor João Rafael Santos Professor Doutor José Luís Crespo	

Lisboa, FA.Ulisboa, Dezembro, 2019

A proposta à *escala alargada* desenvolve-se entre a urbanização da Quinta da Fidalga e a Avenida dos Bons Amigos e visa a refuncionalização do sistema urbano existente numa lógica de estabelecer uma articulação entre o núcleo histórico e a zona mais emergente da cidade promovendo a relação entre o público e o privado e a construção do lugar contínuo. Na proposta à *escala aproximada* pretende-se a exploração de tipologias para um conjunto residencial entre o tecido urbano e os espaços intersticiais e a criação de um Centro Multifuncional de carácter cultural, complementado com um novo espaço público onde os espaços de transição assumem o papel principal à conceção do mesmo.

## Palavras-Chave

Espaços de Transição; Requalificação Urbana; *In-between*; Tecidos Urbanos; Agualva-Cacém



# Abstract

**Title**  
Territórios *in-between*

**Sub-title**  
Os Espaços de Transição como  
Elementos de Requalificação  
Urbana. O caso do Núcleo Urbano  
de Agualva.

**Author**  
Maria Inês Henriques Morgado

**Advising Team**  
Professor Doutor João Rafael Santos  
Professor Doutor José Luís Crespo

Lisboa, FA.U.Lisboa, Dezembro, 2019

As a result of disorderly growth and poor urban planning, Agualva-Cacém stands out as a suburban area with several urban needs, facing problems arising from the multiplication of infrastructures barriers and the various defects of urban services.

This Final Project aims to study solutions that respond to the discontinuities and territorial insufficiencies identified here, enhancing the environmental, urban and sociocultural values that are recognized in this territory. Aiming to consolidate the urban space preserving its preexistences and equipping it with built and public space suitable to the active social needs, we present an urban proposal developed at two different scales.

The wide-scale proposal develops between the urbanization of Quinta da Fidalga and Avenida dos Bons Amigos aiming at the re-functionalization of the existing urban system in a logic of establishing an articulation between the historical nucleus and the emerging area of the city, promoting the relationship between public and private spaces, maintaining spatial cohesion and continuity. The approximate-scale proposal aims to explore typologies for a residential complex between the urban layout and the interstitial spaces, and intends to create a Multicultural Center, complemented with a new public space where the transitional spaces take the main role in its conception.

## Keywords

Transition Spaces; Urban Requalification; In-between; Urban Layout; Agualva-Cacém



# Agradecimentos

À minha família e amigos, pela paciência.

Aos meus professores orientadores, pela disponibilidade, partilha de conhecimentos e dedicação.



# Índice Geral

Resumo

*Abstract*

Agradecimentos

Índice Geral

Índice de Figuras

1. Introdução	1	
2. O Contexto: Premissas de Intervenção	15	
2.1 Os processos de transformação do território metropolitano: o caso de Lisboa	17	
2.2 Os terrenos vagos como oportunidade de requalificação urbana	27	
2.3 A articulação e conexão entre tecidos urbanos	39	
2.4 O conceito de <i>In-between</i> e a hibridez na relação de público e privado	47	
2.5 Casos de referência	57	
2.5.1 Parc de la Villette	59	
2.5.2 Percurso Pedonal Assistido de Montemor-o-Velho	65	
2.5.3 Centro de Artes de Sines	71	
2.6 Síntese	75	
3. O Território de Agualva-Cacém	79	VII
3.1 Enquadramento territorial de Agualva-Cacém	81	
3.2 O clima, a topografia e a hidrografia	87	
3.3 Evolução Histórica e Urbana	91	
3.4 As componentes do mosaico territorial	99	
3.5. Caracterização Socioeconómica	103	
3.6 Os planos, programas e projetos urbanos	107	
3.6.1 Plano Diretor Municipal de Sintra	109	
3.6.2 Programa Estratégico de Reabilitação Urbana de Agualva	113	
3.6.3 Plano de Pormenor da Área Central do Cacém/Programa Polis	115	
3.7 Problemáticas e Potencialidades	117	
4. O Projeto	121	
4.1 Escala alargada	123	
4.1.1 O Plano Urbano: entre Agualva antiga e a Avenida dos Bons Amigos	123	
4.2 Escala aproximada	139	
4.2.1 Conjunto residencial: entre o tecido urbano e os espaços intersticiais	139	
4.2.2 Centro multifuncional: uma topografia habitada entre muros	147	
5. Considerações finais	161	
Bibliografia	165	
Anexos	171	



# Índice de Figuras

## 1. Introdução

- 1 001. Vista sobre Agualva  
*in* SANTOS, João Rafael (coord.), (2017), *AdaptPolis – Descodificar a fragmentação urbana: infraestruturas, paisagem e projeto territorial para a Área Metropolitana de Lisboa*
- 2 002. Ortofotografia aérea da zona de intervenção na atualidade  
*in* SANTOS, João Rafael (coord.), (2017), *AdaptPolis – Descodificar a fragmentação urbana: infraestruturas, paisagem e projeto territorial para a Área Metropolitana de Lisboa*
- 5 003. Levantamento fotogramétrico de Agualva-Cacém  
Elaborado pela autora
2. O Contexto
- 16 004. Plano de Lisboa, 1833  
*in* Biblioteca Nacional Digital
- 18 005. Estação de caminho-de-ferro, Sintra, 1890 *in*  
<https://historiaschistoria.blogspot.com/2016/10/160-anos-de-comboios-em-portugal.html>
- 20 006. Fotografia aérea da área de intervenção, 1944  
*in* Instituto Geográfico Português / Direção Geral do Território
- 20 007. Fotografia aérea da área de intervenção, 1965  
*in* Instituto Geográfico Português / Direção Geral do Território
- 20 008. Fotografia aérea da área de intervenção, 1988  
*in* Instituto Geográfico Português / Direção Geral do Território
- 22 009. Palimpsesto do loteamento da Quinta da Fidalga, 1953, adaptado  
*in* ARRABAÇA, Pedro (2002), *Formas Urbanas na Cidade Construída: Agualva - Cacém, 1953-2001*, Dissertação de Mestrado. Faculdade de Letras, Departamento de Geografia, Universidade de Lisboa
- 24 010. Vista sobre Agualva  
*in* SANTOS, João Rafael (coord.), (2017), *AdaptPolis – Descodificar a fragmentação urbana: infraestruturas, paisagem e projeto territorial para a Área Metropolitana de Lisboa*
- 26 011. Ortofotografia aérea da zona de intervenção, 1955  
*in* SANTOS, João Rafael (coord.), (2017), *AdaptPolis – Descodificar a fragmentação urbana: infraestruturas, paisagem e projeto territorial para a Área Metropolitana de Lisboa*
- 28 012. *Playground* de Aldo Van Eyck, antes da intervenção em Dijkstrastraat  
*in*  
<http://blog.yalebooks.com/2015/01/16/sneak-peek-aldo-van-eyck/>
- 28 013. *Playground* de Aldo Van Eyck, após a intervenção em Dijkstrastraat  
*in*  
<http://blog.yalebooks.com/2015/01/16/sneak-peek-aldo-van-eyck/>
- 30 014. *Playground* de Aldo Van Eyck, antes da intervenção em Bertelmanplein, Amesterdão  
*in* <https://piseagrama.org/a-cidade-como-playground/>
- 30 015. *Playground* de Aldo Van Eyck, após a intervenção em Bertelmanplein, Amesterdão  
*in* <https://piseagrama.org/a-cidade-como-playground/>
- 32 016. Projeto de utilização temporária DOK, Ghent, Bélgica, 2011  
*in*  
[https://issuu.com/novoid/docs/novoid\\_book\\_interventions](https://issuu.com/novoid/docs/novoid_book_interventions)
- 34 017. Soluções Temporárias: Mercado Comunitário  
*in* BRITO-HENRIQUES, Eduardo (coord.) (2019), *NoVOID - Ruínas e Terrenos Vagos: explorações, reflexões e especulações*
- 34 018. Soluções Temporárias: Miradouro  
*in* BRITO-HENRIQUES, Eduardo (coord.) (2019), *NoVOID - Ruínas e*

- Terrenos Vagos: explorações, reflexões e especulações
019. Soluções Temporárias: Centro Educacional  
*in* BRITO-HENRIQUES, Eduardo (coord.) (2019), NoVOID - Ruínas e Terrenos Vagos: explorações, reflexões e especulações
- 34 020. Soluções Temporárias: Habitação Temporária  
*in* BRITO-HENRIQUES, Eduardo (coord.) (2019), NoVOID - Ruínas e Terrenos Vagos: explorações, reflexões e especulações
- 34 021. Soluções Temporárias: Instalações Temporárias  
*in* BRITO-HENRIQUES, Eduardo (coord.) (2019), NoVOID - Ruínas e Terrenos Vagos: explorações, reflexões e especulações
- 36 022. Openings: Andar, Ver, Sentir  
*in* BRITO-HENRIQUES, Eduardo (coord.) (2019), NoVOID - Ruínas e Terrenos Vagos: explorações, reflexões e especulações
- X 38 023. *Ideas for the heart of a big city*  
*in* HERZOG, Jacques; DE MEURON, Pierre; ZAUGG, Remy (1991)
- 39 024. Vias, Parcelas, Edifícios - Caracterização do tecido urbano da cidade do Cairo  
*in* PANERAI, Philippe; DEPAULE, Jean-Charles; DEMORGON, Marcelle (1999), *Analyse Urbaine*, Marseille: Éditions Parenthèses
- 40 025. Vista aérea parcial da Baixa de Lisboa  
*in*  
<https://www.google.pt/maps/preview>
- 40 026. Vista aérea parcial de Aqualva-Cacém  
*in*  
<https://www.google.pt/maps/preview>
- 41 027. Agregação de traçados urbanos por justaposição  
*in* FERNANDES, Sérgio (2014), *Génese e Forma dos Traçados das cidades portuguesas*, Tese de Doutoramento em Urbanismo, Faculdade de Arquitetura, Universidade de Lisboa, Lisboa
- 42 028. Agregação por concordância entre Malhas e Sistemas Lineares em Campo de Ourique  
*in* FERNANDES, Sérgio (2014), *Génese e Forma dos Traçados das cidades portuguesas*, Tese de Doutoramento em Urbanismo, Faculdade de Arquitetura, Universidade de Lisboa, Lisboa
- 42 029. Agregação por concordância entre Malhas e Sistemas Lineares em Aqualva  
Elaborado pela autora
- 43 030. Agregação por sobreposição e hierarquia no Bairro das Picoas e ruas adjacentes à Av. da Liberdade  
*in* FERNANDES, Sérgio (2014), *Génese e Forma dos Traçados das cidades portuguesas*, Tese de Doutoramento em Urbanismo, Faculdade de Arquitetura, Universidade de Lisboa, Lisboa
- 44 031. Esquema do emparcelamento de várias parcelas em função de nova via estruturante  
*in* SANTOS, João Rafael (coord.), (2017), *AdaptPolis - Decodificar a fragmentação urbana: infraestruturas, paisagem e projeto territorial para a Área Metropolitana de Lisboa*
- 44 032. Fotografia aérea sobre o emparcelamento de várias parcelas em função de nova via estruturante  
*in* SANTOS, João Rafael (coord.), (2017), *AdaptPolis - Decodificar a fragmentação urbana: infraestruturas, paisagem e projeto territorial para a Área Metropolitana de Lisboa*
- 46 033. Escadaria como espaço de estar, Alfama, 1975  
*in* Arquivo Municipal de Lisboa
- 48 034. Vão de porta como um abrigo para dormir  
*in* UNWIN, Simon (2007), *Doorway*, Grã-Bretanha: The Cromwell Press, p.114
- 48 035. Vão de porta como um palco para um espetáculo  
*in* UNWIN, Simon (2007), *Doorway*, Grã-Bretanha: The Cromwell Press, p.116

- 48 **036.** Vão de porta como um espaço de convívio  
*in* UNWIN, Simon (2007), *Doorway*, Grã-Bretanha: The Cromwell Press, p.115
- 50 **037.** Llainfadyr, uma casa de campo no País de Gales: fachada com vão de porta profundo  
*in* UNWIN, Simon (2007), *Doorway*, Grã-Bretanha: The Cromwell Press, p.118
- 50 **038.** Llainfadyr, uma casa de campo no País de Gales: corte construtivo pela entrada  
*in* UNWIN, Simon (2007), *Doorway*, Grã-Bretanha: The Cromwell Press, p.119
- 50 **039.** Llainfadyr, uma casa de campo no País de Gales: planta  
*in* UNWIN, Simon (2007), *Doorway*, Grã-Bretanha: The Cromwell Press, p.119
- 52 **040.** Exemplos de diferentes tipologias de habitação ou projetos urbanos ilustrando sequências de profundidade desde o nível mais público até ao mais privado  
*in* SCHEERLINCK, Kris (2010), *Depth Configurations. Proximity, Permeability and Territorial Boundaries in Urban Projects*
- 54 **041.** Aumento da profundidade territorial  
*in* SCHEERLINCK, Kris (2010), *Depth Configurations. Proximity, Permeability and Territorial Boundaries in Urban Projects*
- 54 **042.** Exemplo do aumento da profundidade territorial em Valparaíso, Chile  
*in* SCHEERLINCK, Kris (2010), *Depth Configurations. Proximity, Permeability and Territorial Boundaries in Urban Projects*
- 58 **043.** Fotografia sobre uma das *folies* no Parc de la Villette  
*in* <https://www.archdaily.com.br/br/o-1-160419/classicos-da-arquitetura-parc-de-la-villette-slash-bernard-tschumi>
- 59 **044.** Esquícios de Bernard Tschumi sobre as *folies*  
*in* <https://www.archdaily.com.br/br/o-1-160419/classicos-da-arquitetura-parc-de-la-villette-slash-bernard-tschumi>
- 59 **045.** Esquícios de Bernard Tschumi sobre o parque  
*in* <https://www.archdaily.com.br/br/o-1-160419/classicos-da-arquitetura-parc-de-la-villette-slash-bernard-tschumi>
- 60 **046.** Esquícios de Bernard Tschumi sobre as *folies*  
*in* SIMIONATO, Thaís (2014), *Bernard Tschumi e o Parc de La Villette*
- 60 **047.** Esquícios de Bernard Tschumi sobre a variação das *folies*  
*in* SIMIONATO, Thaís (2014), *Bernard Tschumi e o Parc de La Villette*
- 62 **048.** Esquemas sobre a desconstrução programática por Bernard Tschumi  
*in* SIMIONATO, Thaís (2014), *Bernard Tschumi e o Parc de La Villette*
- 62 **049.** Esquema sobre a organização espacial do parque por Bernard Tschumi  
*in* SIMIONATO, Thaís (2014), *Bernard Tschumi e o Parc de La Villette*
- 64 **050.** Fotografia do Percorso Pedonal de Montemor-o-Velho  
Registada pela autora
- 66 **051.** Fotografia da intervenção em Montemor-o-Velho  
*in* <http://0911.habitarportugal.org/ficha.htm?id=427>
- 66 **052.** Fotografia da requalificação dos muros em Montemor-o-Velho  
*in* <http://0911.habitarportugal.org/ficha.htm?id=427>
- 66 **053.** Planta parcial de execução do Percorso Pedonal Assistido  
*in* <http://0911.habitarportugal.org/ficha.htm?id=427>
- 66 **054.** Corte longitudinal do Percorso Pedonal Assistido  
*in* <http://0911.habitarportugal.org/ficha.htm?id=427>

- 68 **o55.** Fotografia exterior do Centro Náutico de Montemor-o-Velho  
*in*  
<http://0911.habitarportugal.org/ficha.htm?id=427>
- 68 **o56.** Fotografia do Centro Náutico de Montemor-o-Velho  
*in*  
<http://0911.habitarportugal.org/ficha.htm?id=427>
- 68 **o57.** Fotografia interior do Centro Náutico de Montemor-o-Velho  
*in*  
<http://0911.habitarportugal.org/ficha.htm?id=427>
- 68 **o58.** Fotomontagem do Centro Histórico e do Centro Náutico  
*in* PELUCCA, Bruno (2010), *Progetto e Territorio La Via Portoghese*, Firenze: Alinea Editrice
- 70 **o59.** Fotografia do Centro de Artes de Sines  
*in*  
<https://www.archdaily.com.br/br/o-1-38094/centro-de-arte-em-sines-aires-mateus>
- 72 **o60.** Fotografia do pátio central do Centro de Artes de Sines  
*in*  
[https://live.staticflickr.com/5143/5732103146\\_cf45aoda1b\\_z.jpg](https://live.staticflickr.com/5143/5732103146_cf45aoda1b_z.jpg)
- 72 **o61.** Planta piso 0 - Centro de Artes de Sines  
*in*  
<http://habitarportugal.org/PT/projeto/centro-de-artes-de-sines/>
- 72 **o62.** Corte - Centro de Artes de Sines  
*in*  
<http://habitarportugal.org/PT/projeto/centro-de-artes-de-sines/>
- 74 **o63.** Escala entre o Centro de Artes e uma criança  
*in*  
<https://www.archdaily.com.br/br/o-1-38094/centro-de-arte-em-sines-aires-mateus>
- 74 **o64.** Escala entre o Centro de Artes e um animal  
*in*  
<https://www.archdaily.com.br/br/o-1-38094/centro-de-arte-em-sines-aires-mateus>
- 74 **o65.** Escala entre o Centro de Artes e um adulto
- in*  
<https://www.archdaily.com.br/br/o-1-38094/centro-de-arte-em-sines-aires-mateus>
3. O Território
- 78 **o66.** Fotografia sobre Agualva  
Registada pela autora
- 80 **o67.** Enquadramento de Agualva-Cacém no contexto da AML  
Elaborado pela autora
- 82 **o68.** Evolução das redes infraestruturais ao longo do corredor Lisboa-Sintra  
Elaborado pela autora
- 84 **o69.** O relevo e a rede hidrográfica  
Elaborado pela autora
- 84 **o70.** Rede ferroviária e interfaces  
Elaborado pela autora
- 84 **o71.** Vias rápidas e nós de acesso  
Elaborado pela autora
- 86 **o72.** Fotografia aérea da zona da Ribeira das Jardas e Estrada do Cacém, 1944  
*in* Arquivo Municipal de Lisboa
- 88 **o73.** Topografia e Rede Hidrográfica de Agualva-Cacém  
*in* ArcGis
- 88 **o74.** Hipsometria de Agualva-Cacém  
*in* ArcGis
- 89 **o75.** Configuração e topografia do vale na Ribeira das Jardas  
Elaborado pela autora
- 90 **o76.** Extrato da Carta Militar, 1946  
*in* [http://www.igeoe.pt/cartoteca/bibliopac/images/Folha8\\_F55.jpg](http://www.igeoe.pt/cartoteca/bibliopac/images/Folha8_F55.jpg)
- 90 **o77.** Extrato da Carta Militar, 1965  
*in* [http://www.igeoe.pt/cartoteca/bibliopac/images/Folha8\\_F55.jpg](http://www.igeoe.pt/cartoteca/bibliopac/images/Folha8_F55.jpg)
- 90 **o78.** Extrato da Carta Militar, 1993  
*in* [http://www.igeoe.pt/cartoteca/bibliopac/images/Folha8\\_F55.jpg](http://www.igeoe.pt/cartoteca/bibliopac/images/Folha8_F55.jpg)
- 90 **o79.** Extrato da Carta Militar, 2009  
*in* [http://www.igeoe.pt/cartoteca/bibliopac/images/Folha8\\_F55.jpg](http://www.igeoe.pt/cartoteca/bibliopac/images/Folha8_F55.jpg)
- 92 **o80.** Fotografia sobre Agualva, 1950  
*in* <http://skycrapercity.com>
- 92 **o81.** Fotografia em Agualva, 1970  
*in* <http://skycrapercity.com>

- 92 082. Fotografia do início das obras de construção do túnel em Aqualva, 1979  
*in* Arquivo Municipal de Lisboa
- 92 083. Fotografia das cheias em Aqualva (Rua Elias Garcia), 1983  
*in* <http://skycrapercity.com>
- 92 084. Fotografia das cheias em Aqualva, 1983  
*in* <http://skycrapercity.com>
- 94 085. Evolução da rede viária e edificado em Aqualva, 1940  
Elaborado pela autora
- 94 086. Evolução da rede viária e edificado em Aqualva, 1960  
Elaborado pela autora
- 95 087. Evolução da rede viária e edificado em Aqualva, 1990  
Elaborado pela autora
- 95 088. Evolução da rede viária e edificado em Aqualva, 2007  
Elaborado pela autora
- 96 089. Lógicas de parcelamento: 1 - Núcleos antigos; 2 - Agregação linear; 3 - Parcela isolada  
Elaborado pela autora
- 98 090. Equipamentos e serviços existentes em Aqualva  
Elaborado pela autora
- 98 091. Classificação dos espaços em Aqualva  
Elaborado pela autora
- 98 092. Rede viária e parques de estacionamento em Aqualva  
Elaborado pela autora
- 98 093. Áreas Verdes e áreas de mato em Aqualva  
Elaborado pela autora
- 100 094. Esquema da relação do processo de formação com o suporte viário  
Elaborado pela autora
- 102 095. Evolução de áreas construídas de 1900  
*in* ARRABAÇA, Pedro (2002), Formas Urbanas na Cidade Construída: Aqualva - Cacém, 1953-2001, Dissertação de Mestrado. Faculdade de Letras, Departamento de Geografia, Universidade de Lisboa
- 102 096. Evolução de áreas construídas de 1940  
*in* ARRABAÇA, Pedro (2002), Formas Urbanas na Cidade Construída: Aqualva - Cacém, 1953-2001, Dissertação de Mestrado. Faculdade de Letras, Departamento de Geografia, Universidade de Lisboa
- 102 097. Evolução de áreas construídas de 1960  
*in* ARRABAÇA, Pedro (2002), Formas Urbanas na Cidade Construída: Aqualva - Cacém, 1953-2001, Dissertação de Mestrado. Faculdade de Letras, Departamento de Geografia, Universidade de Lisboa
- 102 098. Evolução de áreas construídas de 1970  
*in* ARRABAÇA, Pedro (2002), Formas Urbanas na Cidade Construída: Aqualva - Cacém, 1953-2001, Dissertação de Mestrado. Faculdade de Letras, Departamento de Geografia, Universidade de Lisboa
- 102 099. Evolução de áreas construídas de 1981  
*in* ARRABAÇA, Pedro (2002), Formas Urbanas na Cidade Construída: Aqualva - Cacém, 1953-2001, Dissertação de Mestrado. Faculdade de Letras, Departamento de Geografia, Universidade de Lisboa
- 102 100. Evolução de áreas construídas de 1991  
*in* ARRABAÇA, Pedro (2002), Formas Urbanas na Cidade Construída: Aqualva - Cacém, 1953-2001, Dissertação de Mestrado. Faculdade de Letras, Departamento de Geografia, Universidade de Lisboa
- 102 101. Evolução de áreas construídas de 2001  
*in* ARRABAÇA, Pedro (2002), Formas Urbanas na Cidade Construída: Aqualva - Cacém, 1953-2001, Dissertação de Mestrado. Faculdade de Letras, Departamento de Geografia, Universidade de Lisboa
- 104 102. Evolução da densidade habitacional por subsecção estatística de Aqualva (1991, 2001 e 2011)  
*in* SANTOS, João Rafael (coord.), (2017), AdaptPolis – Descodificar a fragmentação urbana: infraestruturas, paisagem e projeto territorial para a Área Metropolitana de Lisboa

- 104 **103.** Evolução da densidade populacional por subsecção estatística de Aigualva (1991, 2001 e 2011)  
*in* SANTOS, João Rafael (coord.), (2017), AdaptPolis – Descodificar a fragmentação urbana: infraestruturas, paisagem e projeto territorial para a Área Metropolitana de Lisboa
- 104 **104.** Indicadores com base em informação censitária  
*in* SANTOS, João Rafael (coord.), (2017), AdaptPolis – Descodificar a fragmentação urbana: infraestruturas, paisagem e projeto territorial para a Área Metropolitana de Lisboa
- 110 **105.** Planta de Ordenamento do PDM de Sintra  
*in* SILVA, Patrícia Alexandra (2017), Acupuntura Tática em Vazios Urbanos. Estratégias participadas de Revitalização e Organização Local em Aigualva-Cacém, Dissertação de Mestrado em Urbanismo, Faculdade de Arquitetura, Universidade de Lisboa, Lisboa
- 112 **106.** Património identificado na ARU de Aigualva  
*in* Câmara Municipal de Sintra, 2015
- 112 **107.** Delimitação das áreas de intervenção prioritárias  
*in* Câmara Municipal de Sintra, 2015
- 114 **108.** Esquício da proposta do programa CacémPOLIS  
*in*  
[https://www.risco.org/projects/area-central-do-cacem\\_17](https://www.risco.org/projects/area-central-do-cacem_17)
- 115 **109.** Planta da rede viária - Plano de Pormenor CacémPOLIS  
*in*  
<http://habitarportugal.org/PT/projeto/plano-de-pormenor-cacempolis/>
- 115 **110.** Planta Geral - Plano de Pormenor CacémPOLIS  
*in*  
<http://habitarportugal.org/PT/projeto/plano-de-pormenor-cacempolis/>
- 116 **111.** Fotografia sobre Aigualva  
*in*  
<https://rouxinoldepomares.blogs.sapo.pt/245459.html>
- 118 **112.** Enquadramento da área de abrangência da estratégia de intervenção  
Elaborado pela autora
4. O Projeto
- 120 **113.** Enquadramento da área de intervenção  
Elaborado pela autora
- 122 **114.** Plano de ações estratégicas a implementar  
Elaborado pela autora
- 124 **115.** Pontos de interesse e áreas a requalificar  
Elaborado pela autora
- 125 **116.** Diagramas de possíveis conexões  
Elaborado pela autora
- 126 **117.** As linhas  
Elaborado pela autora
- 128 **118.** Os pontos  
Elaborado pela autora
- 129 **119.** Variações dos módulos: estrutura de sombreamento, instalações sanitárias, cafetaria, mobiliário urbano  
Elaborado pela autora
- 130 **120.** As superfícies  
Elaborado pela autora
- 131 **121.** Planta da intervenção estratégica (escala 1:1000)  
Elaborado pela autora
- 132 **122.** Indicação das intervenções estratégicas  
Elaborado pela autora
- 134 **123.** Perspetiva da Avenida dos Bons Amigos  
Elaborado pela autora
- 134 **124.** Planta da requalificação da praça na Avenida dos Bons Amigos (escala 1:500)  
Elaborado pela autora
- 135 **125.** Perspetiva da nova praça na Avenida dos Bons Amigos  
Elaborado pela autora
- 135 **126.** Planta da nova praça na Avenida dos Bons Amigos (escala 1:500)  
Elaborado pela autora

- 137 127. Perspetiva sobre a requalificação de escadarias na baixa de Aqualva  
Elaborado pela autora
- 137 128. Corte perspetivado sobre a diferença de cotas na baixa de Aqualva  
Elaborado pela autora
- 137 129. Corte ao longo da nova praça na Avenida dos Bons Amigos  
Elaborado pela autora
- 137 130. Corte transversal da nova praça na Avenida dos Bons Amigos  
Elaborado pela autora
- 138 131. Os eixos de intervenção  
Elaborado pela autora
- 140 132. Tipologias da habitação: piso 0, piso 1, alçado  
Elaborado pela autora
- 141 133. Esquemas da matriz base da habitação  
Elaborado pela autora
- 142 134. Perfil ao longo das escadinhas da Ponte Nova até ao conjunto residencial proposto  
Elaborado pela autora
- 143 135. Eixos que guiaram a implantação das intervenções  
Elaborado pela autora
- 144 136. Planta de coberturas (escala 1:500)  
Elaborado pela autora
- 145 137. Planta cota 139.0 (escala 1:500)  
Elaborado pela autora
- 146 138. Perspetiva do novo Centro Multifuncional  
Elaborado pela autora
- 148 139. Os eixos  
Elaborado pela autora
- 149 140. A definição do edifício segundo os eixos  
Elaborado pela autora
- 150 141. Axonometria do Centro Multifuncional  
Elaborado pela autora
- 152 142. Axonometria explodida do Centro Multifuncional  
Elaborado pela autora
- 153 143. Planta piso 0 (escala 1:200)  
Elaborado pela autora
- 155 144. Planta piso 1 (escala 1:200)  
Elaborado pela autora
- 157 145. Planta de coberturas (escala 1:200)  
Elaborado pela autora
- 159 146. Corte longitudinal do Centro Multifuncional (escala 1:200)  
Elaborado pela autora
- 159 147. Alçado do Centro Multifuncional (escala 1:200)  
Elaborado pela autora
- 159 148. Corte-alçado do Centro Multifuncional (escala 1:200)  
Elaborado pela autora
- 160 149. Ambiente do espaço público do Centro Multifuncional  
Elaborado pela autora



## 1. Introdução

A Área Metropolitana de Lisboa (AML) tem vindo a sofrer diversas transformações ao longo do último século e delas resultam conseqüentemente situações problemáticas de desqualificação territorial e de degradação dos serviços urbanos, uma vez que não foram adotadas medidas minimizadoras de impactes. O território onde se pretende intervir situa-se na margem Norte da AML e caracteriza-se como um espaço onde se manifestam conflitos urbanos que acabam por comprometer questões como a mobilidade, a coesão social e integração de minorias, habitação, inserção urbana de bairros críticos e proteção e valorização do património natural.

Aqualva-Cacém é uma área suburbana com diversas carências a nível urbanístico, resultado de um crescimento explosivo e desordenado do território, com um planeamento urbano pouco eficaz, que deu origem à existência de inúmeros espaços expectantes e espaços públicos pouco qualificados.

Tendo em conta o considerável consumo de solo ocupado pelos processos de urbanização, torna-se necessário identificar não só os riscos, mas também as oportunidades que caracterizam estas áreas, como elementos potenciais de articulação e regeneração urbana e territorial. Face a esta realidade, o presente Projeto Final de Mestrado surge com o objetivo de pensar numa estratégia de intervenção que possa colmatar as fragilidades urbanas identificadas, valorizando a identidade e génese do lugar.



## 1.1. Enquadramento e objetivos

O presente Projeto Final de Mestrado tem como premissa a requalificação urbana do território de Agualva-Cacém, no concelho de Sintra, mais concretamente na reabilitação do antigo núcleo urbano de Agualva e na relação com áreas de urbanização mais recente. Esta área, situada mais precisamente entre a urbanização da Quinta da Fidalga e o Alto de Colaride, necessita de uma revitalização com ênfase nos espaços de ligação pedonal e nas transições entre diversos tipos de tecido urbano, tanto à escala do bairro como à escala do aglomerado urbano.

A investigação aqui apresentada resulta de uma procura teórico-reflexiva que, após o desenvolvimento de abordagens temáticas a questões urbanas e territoriais complexas e multifacetadas, à identificação e caracterização de objetivos estratégicos, articulando a escala do território à escala do objeto arquitetónico, procurou abordar temas como os processos de transformação do território metropolitano de Lisboa, o conceito de *in-between* e a hibridez na relação de público e privado, os espaços expectantes como oportunidade de requalificação urbana e questões relacionadas com a articulação e conexão entre tecidos urbanos.

Constituindo-se como uma área que apresenta diversas carências ao nível urbano, idealiza-se uma proposta urbana que tem o intuito de responder a questões como de que forma se poderão ler os elementos constituintes da paisagem metropolitana fragmentada para uma melhor compreensão e análise do território, se poderá um plano de intervenção proporcionar e criar condições à dinamização da cultura e do lazer da população, ou ainda quais os âmbitos de política urbana e territorial se poderão mobilizar com vista a



colmatar as carências da fragmentação urbana. Assim, este projeto procura dar resposta e colmatar as fragilidades referidas anteriormente, tendo como objetivos principais compreensão dos processos que originaram a transformação infraestrutural do território em estudo, o reconhecimento morfológico do território metropolitano de Lisboa, em particular, de alguns espaços mais significativos da sua evolução, a exploração de cenários de intervenção para a qualificação de espaços fragmentados, a diversas escalas, e ainda a consolidação do espaço urbano preservando as suas preexistências e equipando-a com edificado e espaço público adequado às necessidades sociais ativas.



## 1.2. Metodologia

A metodologia adotada no desenvolvimento deste Trabalho Final de Mestrado seguiu uma orientação estipulada no início da investigação, tendo sido revista ao longo de todo o processo, das quais constam as seguintes etapas: pesquisa e reflexão concetual, análise e reflexão sobre os casos de referência selecionados, leitura, análise e interpretação do território, formulação de princípios de intervenção estratégica a escalas alargadas e por fim o desenvolvimento do projeto. De forma a conseguir o entendimento total desta análise recorrem-se a várias técnicas de recolha e análise de informação.

Esta metodologia encontra-se dividida em duas partes principais – uma parte teórica, de análise e investigação; e uma parte projetual, de aplicação de conceitos e temáticas abordados na parte teórica, fundamentadas na respetiva análise e investigação realizada – que contribuirão para a criação e desenvolvimento projetual de um programa de requalificação urbana.

Numa primeira fase, na definição do quadro teórico e concetual, foi realizado um processo de recolha de referências bibliográficas e recorreu-se à técnica da observação direta: uma abordagem direta aos contextos de interação da população através da observação *in loco* e exterior da cidade. Esta componente teórica visou consolidar um conjunto de conhecimentos onde foram problematizadas questões de consolidação de espaços urbanos no quadro de produção arquitetónica de forma a obter um âmbito de estudo. Para tal, recorreu-se à recolha e análise de cartografia e outros documentos históricos, à análise de planos municipais e nacionais desenvolvidos para a área de estudo, bem como à investigação e análise de casos



de estudo selecionados de relevância nacional e internacional, com base em análise crítica de textos, imagens e documentários.

Numa segunda fase, foi realizada a leitura, análise e caracterização do território em estudo, com o objetivo de retirar uma avaliação crítica e global, procedendo ao diagnóstico preliminar dos problemas e potencialidades existentes, fundamentando as soluções/hipóteses de intervenção. De forma a conseguir desenvolver a capacidade para avaliar a situação existente, incidiu-se na análise da caracterização física e socioeconómica tal como no enquadramento territorial e evolução urbana de Agualva-Cacém, e desenvolve-se uma análise acerca dos planos, programas e projetos urbanos que atuam sobre este território.

Com base na informação recolhida durante a fase de investigação, a terceira fase consistiu na definição de uma estratégia urbana a projetar, ambicionando marcar positivamente a vivência urbana de um território desqualificado. Nesta fase foi também desenvolvido o programa e tipologia projetual a adotar, que respondesse às necessidades observadas nas fases anteriores, clarificando o tema base para o desenvolvimento deste Projeto Final de Mestrado.

A quarta fase deste trabalho incidiu sobre a solução urbana e arquitetónica definidas, isto é, a concretização (através do desenho) das soluções encontradas previamente, em diferentes escalas de desenho, desde a mais alargada que visa a articulação entre dois tipos de tecidos urbanos identificados no território de estudo, colmatando situações pontuais de desqualificação do espaço público e elementos urbanos, até à mais aproximada na qual se desenvolveu a proposta de um equipamento de carácter cultural que tem o objetivo de potenciar a vivência urbana da comunidade.



### 1.3. Estrutura e organização

O presente trabalho encontra-se estruturado em 5 capítulos:

No primeiro capítulo - *Introdução* - onde se encontra sintetizado o tema e o desenvolvimento das várias etapas de investigação deste Projeto Final de Mestrado, especificando o enquadramento e objetivos do mesmo, a metodologia adotada e a sua estrutura e organização.

No segundo capítulo - *O Contexto: Premissas de Intervenção* - são apresentados e discutidos os fundamentos teóricos que sustentaram a realização da proposta de projeto como uma demonstração e verificação da investigação e raciocínio efetuados no decorrer do processo de trabalho. Fundamentos estes que incidem sobre os processos de transformação do território metropolitano no caso de Lisboa, o conceito de *in-between* e a hibridez na relação de público e privado, os espaços expectantes como oportunidade de requalificação urbana e por fim a articulação e conexão entre tecidos urbanos. São ainda apresentados os diferentes casos de referência selecionados que têm a finalidade de verificar conceitos e linhas de ação desenvolvidos na investigação teórica, através da representação e análise de exemplos práticos de projetos urbanos a várias escalas cujas características coincidem com os temas abordados e se assemelham às particularidades da área de intervenção. Estes procuram compreender diferentes tipos de abordagem e pensamento de forma a que possam contribuir para o fio de pensamento do desenvolvimento do trabalho projetual.

No terceiro capítulo - *O Território de Agualva-Cacém* - onde são abordados temas como o enquadramento histórico e a evolução



urbana de Agualva-Cacém, bem como a sua caracterização física e socioeconómica, com o objetivo de compreender as dinâmicas morfológicas de crescimento e transformação urbana. É também apresentada uma análise dos planos, programas e projetos urbanos que existiram ou que se encontram em vigor neste território. Por fim, identificam-se numa síntese as principais problemáticas e potencialidades que este território apresenta, como indicadores de linhas de intervenção e eixos estratégicos na transição entre a caracterização do território e a componente projetual.

No quarto capítulo - *O Projeto* - é descrito o desenvolvimento do projeto em duas escalas: *a escala alargada*, que incide no aglomerado urbano desde a Quinta da Fidalga ao Alto de Colaride, numa perspetiva de intervenções pontuais (os muros e os módulos e a habitação) que visam colmatar as fragilidades urbanas apresentadas, e *a escala aproximada*, onde se desenvolve a proposta de um novo Centro Multifuncional, que oferece à comunidade um novo polo de carácter cultural assim como um novo espaço público que proporcione condições de permanência e atratividade e que estabeleça a ligação entre a cota alta e a cota baixa do território.

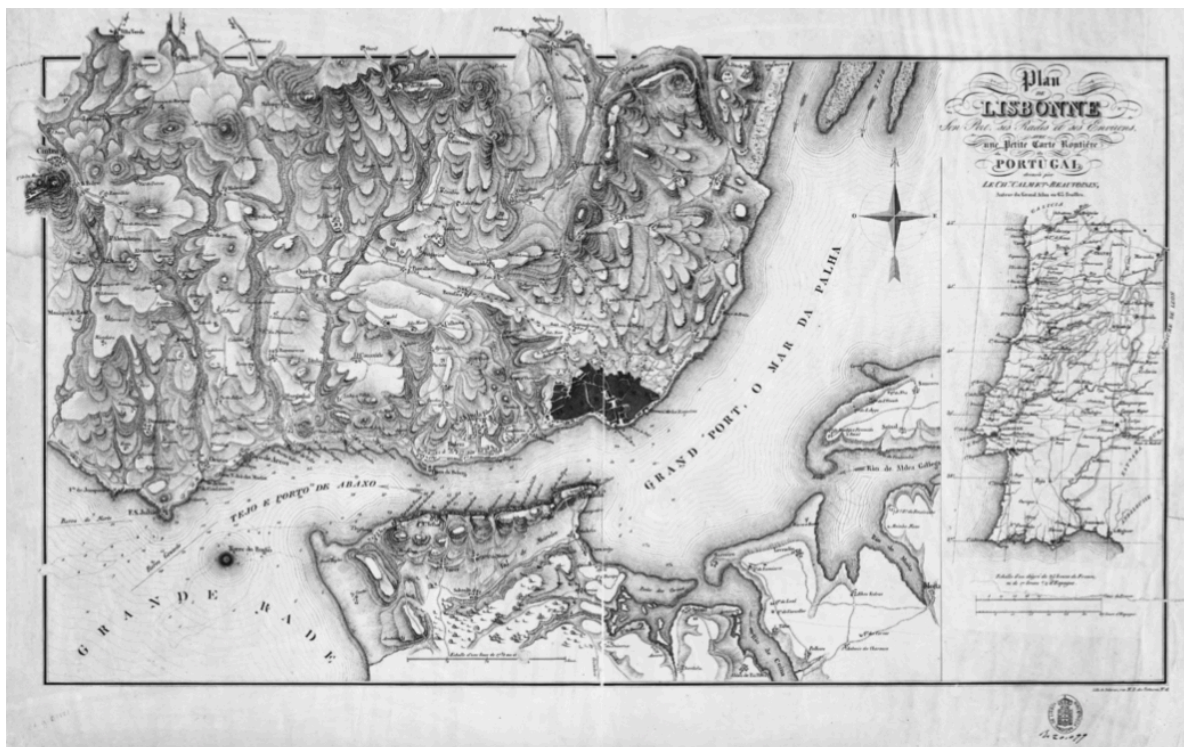
13

No quinto e último capítulo apresentam-se as considerações finais retiradas ao longo do desenvolvimento deste Projeto Final de Mestrado, como conclusão do mesmo.



## 2. O Contexto: Premissas de Intervenção

Do rápido crescimento e desenvolvimento do território metropolitano de Lisboa e das suas sucessivas transformações, foi resultando um tecido urbano fragmentado composto por espaços abertos que condicionaram a gestão do território. O presente capítulo tem como objetivo a contextualização e a análise dos processos de crescimento e desenvolvimento do território metropolitano de Lisboa bem como a sua relação com os territórios periféricos. Neste seguimento, a aplicação de planos não adequados originam fragilidades nos fatores que impulsionaram o crescimento e desenvolvimento territorial, pretendendo-se assim analisar o que são e como surgiram estes fragmentos na cidade, quais as suas limitações e quais as possíveis intervenções de atuação face às realidades urbanas atuais.



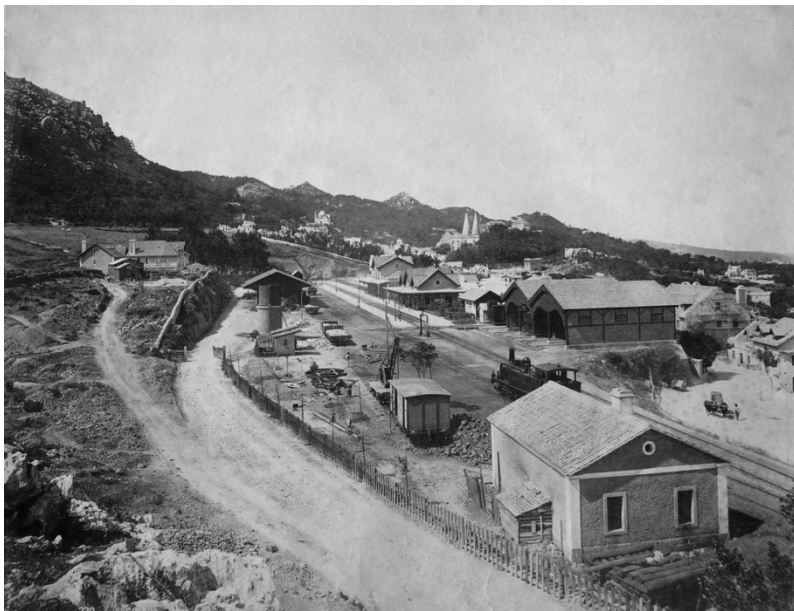
## 2.1. Os processos de transformação do território metropolitano: o caso de Lisboa

Através de uma leitura face aos processos de crescimento da Área Metropolitana de Lisboa ocorridos a partir do século XX, podemos verificar que surge ao longo do tempo uma matriz urbana composta de tecidos fragmentários, de intensidade variável e de configurações complexas, que assentam numa estrutura urbana e infraestrutural previamente definida em meados do século XIX. Resultado de um crescimento sem estratégias estabelecidas como um todo e sem operações estruturais urbanas previamente definidas, Lisboa assume a forma de uma cidade metropolitana clássica radiocentral, apoiada por redes rodoviárias e ferroviárias que, como consequência, vão provocar o desenvolvimento periférico (Santos., 2017).

17

A atual AML localiza-se numa área geográfica de 3 128 km<sup>2</sup> e encontra-se dividida, pelo estuário do Tejo, em duas áreas principais: a Península de Lisboa e a Península de Setúbal. A norte do rio uma paisagem marcada pela Serra de Sintra, pelos vales estreitos e falésias acidentadas; a sul, a Serra da Arrábida e o estuário do rio Sado delimitam as planícies aluviais da Península de Setúbal.

Lisboa destacou-se desde cedo como cidade portuária, graças ao acesso ao mar, que proporcionou vantagens económicas através do comércio e da pesca, mas acima de tudo, devido ao seu estatuto como cidade capital. Gradualmente, fortaleceram-se as ligações entre ambas as margens do rio Tejo e tanto a industrialização promovida pelo liberalismo da segunda metade do século XIX como o desenvolvimento de estradas e caminhos-de-ferro permitiram estabelecer ligações mais fortes com aglomerados mais afastados,



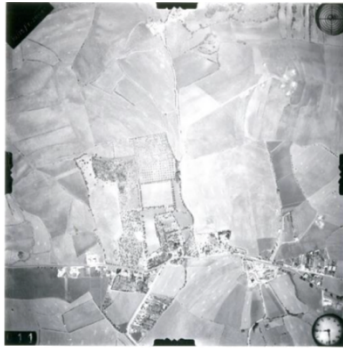
como Cascais, Sintra, Vila Franca de Xira ou o Barreiro (George *et al.*, 2004).

Os padrões de povoamento do território surgem por um lado, devido à concentração da população em áreas urbanas e por outro, pela dispersão das aglomerações urbanas. O acesso à urbanização e o seu acesso era realizado através da migração, do campo para a cidade. Esta possuía autonomia, identidade própria e interligação com os territórios adjacentes, e, com a introdução do automóvel, foi possível a aproximação entre os diversos modos de vida rurais e urbanos, alterando as condições ao nível do trabalho, serviços, indústria e agricultura (Costa, 2007).

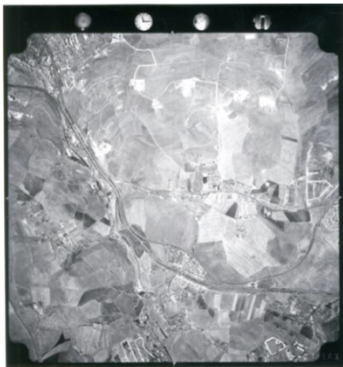
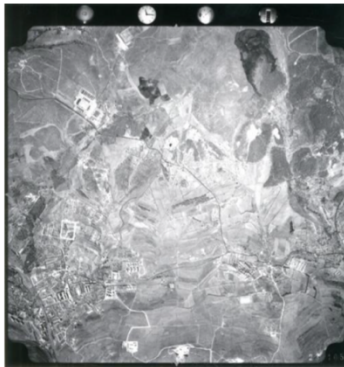
Assim, o explosivo crescimento populacional desta área metropolitana originou, ao nível urbano, profundas alterações demográficas: a escassez de habitação impulsiona a construção de áreas de génese ilegal, e surgem novos núcleos periféricos designados de subúrbios que se caracterizam por uma grande dimensão demográfica (Salgueiro, 1992).

19

Relativamente ao planeamento urbano, embora houvesse algumas intervenções estruturadas (essencialmente em Lisboa, através de projetos para habitação social em bairros como Alvalade, Olivais Norte e Sul) ou Chelas, grande parte do território metropolitano não dispunha de instrumentos de planeamento. Assim, após a intervenção racionalizada de Duarte Pacheco, entre 1932 e 1943, esta atividade tornou-se uma forma de *financiar a especulação e ao mesmo tempo, alimentar o mito de que o país estava a ser planeado* (George *et al.*, 2004, p. 65). Na década de 50, a urbanização e o parcelamento de terrenos apenas competiam à administração pública, cabendo sobretudo aos particulares a sua edificação. No entanto, sem capacidade de resposta à elaboração de todos esses planos e para a



20



produção de solo urbanizado capaz de responder às necessidades crescentes de áreas para construção, a administração permitia que os particulares a substituíssem, consagrando a figura do loteamento urbano através do Dec. Lei 46673 de 29/11/1965, promovendo assim loteamentos *tecnicamente clandestinos, por ser legalmente negada a competência aos seus promotores* (Correia, 1993, pp. 202-203).

Segundo George *et al.*, (2004), o Plano Diretor para a Região de Lisboa (1962-1964), apesar de nunca ter sido aprovado, foi o primeiro documento significativo a considerar a região num termo global, como um todo. O plano propunha uma estrutura urbana baseada num modelo radial clássico, ao longo dos principais eixos de transporte, sem abordar o eventual controlo dos processos de produção do ambiente urbano, deixando a sua estrutura gerida pelo governo local. A urbanização foi ainda mais desenvolvida através da venda do terreno em lotes, legal ou ilegalmente, sem o necessário suporte infraestrutural ou de equipamentos e espaços coletivos.

21

006  
(página anterior)  
Fotografia aérea da área de  
intervenção, 1944

007  
(página anterior)  
Fotografia aérea da área de  
intervenção, 1965

008  
(página anterior)  
Fotografia aérea da área de  
intervenção, 1988

A intervenção no domínio da habitação social desenvolve-se lentamente no decorrer dos anos 70 e contribui indiscutivelmente para a segregação da cidade: constituem, hoje, frequentemente, bairros-problema devido ao acumular de diversos tipos de disfunções. De grandes dimensões, localizados muitas vezes em situações periféricas com fracas acessibilidades de transportes e sem articulação ou conexão com as estruturas pré-existentes, introduzem na paisagem profundas roturas em termos de imagem e de cultura urbana. O aumento da velocidade de transporte e de comunicação fez perder muitas das vantagens tradicionais dos lugares, e estendeu a competitividade aos territórios, determinando profundas mudanças na política e na gestão dos lugares. Em termos de intervenção no território, hoje tende-se para ações de âmbito restrito, uma vez que o projeto a nível local substituiu os grandes planos. O debate generalizado dos grandes conjuntos de habitação social convertidos em bairros-problema conduziu à tendência de



adotar estratégias mais variadas que permitam uma maior diluição dos mais carentes no tecido urbano. Novas formas de produção e de apropriação do espaço levam à substituição da cidade segregada e hierarquizada característica da cidade industrial e à sua substituição por áreas urbanas fragmentadas constituídas por justaposição de entidades diferentes, pelo aumento de oferta de alternativas (Salgueiro, 1998).

A este longo processo produzido segundo bases muito diversas, acrescem efeitos de rotura provocados por um suporte orográfico acidentado. Dele resultam situações problemáticas de desqualificação territorial, nomeadamente efeitos de barreira, descontinuidades da rede de espaços coletivos, degradação de serviços urbanos, segregação socio-espacial e vários riscos ambientais. Áreas significativas de espaços abertos foram desarticuladas do seu suporte ecológico, perdendo utilidade agroflorestal produtiva e económica, por outro lado, são áreas sujeitas a múltiplas expectativas, servidões e compromissos urbanísticos (Santos., 2017).

23

Os processos de crescimento urbano e o desenvolvimento das áreas suburbanas têm sido muito debatidos nas últimas décadas e, segundo Domingues (2006) e Gaspar (2005), torna-se necessário refletir sobre a nova condição urbana resultante do processo de explosão, de expansão e de fragmentação dos aglomerados urbanos contemporâneos, que permite ilustrar de forma bastante elucidativa a complexidade das dinâmicas associadas aos processos de urbanização recente, na envolvente territorial dos núcleos urbanos mais ou menos consolidados. Assim, Ferrão (2003), refere que durante muitos séculos a sua delimitação geográfica não colocava problemas. A dimensão morfológica, funcional, social e política contrastava com o mundo rural. Hoje vivemos em cidades sem fronteiras e complexas, com centros históricos, subúrbios massificados, interstícios rurais, cidades de média dimensão ou



parques naturais que se articulam entre si numa extensão geográfica muito diversificada.

A fragmentação como processo reflete uma dinâmica de transformação acelerada, característica da urbanização desenvolvida ao longo do século XX, marcada pela alteração profunda de lógicas de uso, de valorização e de exploração do território, suportada pela introdução de elementos físicos fortemente disruptivos de estruturas espaciais existentes (Santos, 2017).

Neste sentido, segundo Ferrão (2003), a necessidade de enquadrar processos associados a uma cidade geograficamente fragmentada, mas funcionalmente integrada dá origem ao conceito de região metropolitana, onde se produzem densas tramas de deslocamentos em torno da cidade central e de onde resultam, como consequência, inúmeras situações de desqualificação territorial. *O hiper-centro criou uma hiper-periferia e o núcleo central de Lisboa transformou-se numa congestão permanente que enche e esvazia todos os dias* (Domingues, 2011, p. 86).

25



## 2.2. Os terrenos vagos como oportunidade de requalificação urbana

*Na cidade contemporânea, um dos maiores recursos para a sua reavaliação reside nos lugares degradados, obsoletos ou marginais, que encontramos disseminados desde o tecido urbano consolidado às periferias.*

David, 2007, p. 13

Do crescimento e desenvolvimento de um dado território ao longo do tempo, dos intervenientes que por ele passam e atuam, resulta o que acaba por ser uma junção de várias camadas topográficas, tipológicas e morfológicas, que definem, no fundo, o que é a cidade. Todos estes processos e sobreposições de ações originam espaços expectantes, ou seja, espaços que não possuem um uso específico. Lugares obsoletos, onde parece predominar a memória do passado e sem qualquer tipo de atividade relacionada com a cidade, estes vazios urbanos, por outro lado, oferecem uma grande oportunidade no que diz respeito à reformulação e requalificação do território. É importante pensar nestes espaços não como casos individuais, mas sim como um todo, podendo oferecer à cidade uma nova *legibilidade*<sup>1</sup> e proporcionar novas dinâmicas urbanas.

Os vazios urbanos são referenciados como um dos maiores recursos da cidade contemporânea. Esses mesmos espaços, desocupados,

---

<sup>1</sup> Conceito desenvolvido por Kevin Lynch (1960), que se refere à clareza ou facilidade com que as partes da cidade são reconhecidas ou organizadas, num padrão coerente.



degradados, marginais e obsoletos, através da sua reavaliação são hipóteses de em conjunto reformular uma cidade ou o território (David, 2007).

Estes espaços devem ser pensados como um conjunto global, tendo em conta as suas características físicas e o seu tecido envolvente, uma vez que *são uma área sem limites claros, sem uso atual, vaga, de difícil compreensão na percepção coletiva dos cidadãos, constituindo normalmente um rompimento no tecido urbano. Mas é também uma área disponível, cheia de expectativas, de forte memória urbana, com potencial original: o espaço do possível, do futuro* (Solà-Morales, 1995, pp. 118-123).

Segundo Solà-Morales (1995), a arquitetura atua como um instrumento de organização e de eficiência produtiva capaz de transformar o incivilizado no cultivado, o baldio no produtivo, o vazio no construído. Refere ainda que o entusiasmo por estes espaços imprecisos, desocupados, em termos urbanos, reflete a nossa estranheza perante o mundo, perante a cidade.

Aldo Van Eyck teve um papel importante no que toca à interpretação destes espaços expectantes uma vez que se converteu num crítico severo da tendência funcionalista, tendo dado início a um experimento espacial que marcou a infância de toda uma geração crescida em Amesterdão. Os *playgrounds* de Van Eyck, inicialmente contruídos em espaços expectantes surgem como uma medida de emergência ao contexto em que se encontrava a Holanda, logo após a 2ª Guerra Mundial. Criando uma rotura com o passado, o arquiteto propunha uma conceção diferente do espaço: o desenho dos equipamentos estimulava a imaginação dos seus utilizadores, dando-lhes a possibilidade de escolher a forma de como se apropriar do espaço. Existia também o fator temporal da intervenção, através de uma adaptação de escala e para tal, a escolha de espaços expectantes para esta construção (Silva, 2017).

012  
(página anterior)  
*Playground* de Aldo Van Eyck, antes da intervenção em Dijkstraat, Amesterdão

013  
(página anterior)  
*Playground* de Aldo Van Eyck, após a intervenção em Dijkstraat, Amesterdão



A forma como estes espaços poderiam ser apropriados estava em clara oposição à concepção funcionalista formulada por Giedion (1941), no qual define a essência da arquitetura como a fusão entre espaço e tempo, criando a experiência de movimento. No entanto, as inquietações de Van Eyck eram de natureza distinta, afirmando que por mais que os fatores espaço e tempo fossem importantes, lugar e ocasião eram mais ainda, uma vez que na mente no homem, o espaço é o lugar e o tempo a ocasião. O *playground*, espaço intermediário entre o público e o privado, traduziu-se também em lugar e ocasião (Oudenampsen, 2011).

O projeto *NoVOID - Ruínas e Terrenos Vagos Nas Cidades Portuguesas*, projeto de investigação que se foca em teorizar o arruinamento urbano e estudar os espaços abandonados das cidades, desenvolvendo soluções de planeamento adequadas aos mesmos, foi estimulado à partida por meditações dispersas de autores como Smithson (1973), Solà-Morales (1995) ou Berger (2006), no entanto dá-nos uma visão sobre a atualidade para além dos binários do urbano e do não-urbano, do vazio e do ocupado, do cultural e do natural. Segundo Brito-Henriques *et al.*, (2019), inquirir e debater o presente temporal negado às ruínas e aos terrenos vagos das cidades foi o elemento impulsionador deste projeto de investigação.

O crescimento descontínuo das cidades, provocado pela especulação imobiliária tem levado à reprodução de lotes para construção e áreas infraestruturadas em diversos territórios. Com a crise financeira que afetou fortemente a expansão imobiliária, muitos desses projetos consolidaram-se como terrenos expectantes, permanecendo vazios.

Outros foram interrompidos, estabelecendo-se como formas parcialmente construídas, nunca chegando a atingir as finalidades inicialmente propostas. Estes loteamentos, suspensos no tempo e no espaço, degradando-se progressivamente, constituem hoje novas formas de ruínas não-históricas ou ruínas modernas, sendo uma parte da paisagem urbana. Longe de serem espaços vazios e sem uso

014  
(página anterior)  
*Playground* de Aldo Van Eyck, antes da intervenção em Bertelmanplein, Amesterdão

015  
(página anterior)  
*Playground* de Aldo Van Eyck, após a intervenção em Bertelmanplein, Amesterdão



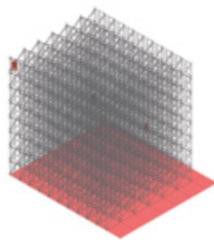
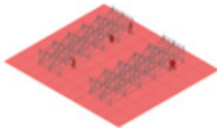
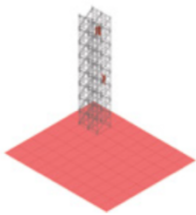
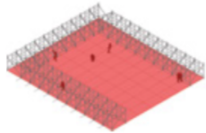
*É o lado oculto, secreto, informal, aparentemente errôneo e subversivo das estruturas e lugares, que aqui é posto em evidência e passa a ser motivo e motor das intervenções.*

Cavaco, 2018, p.92

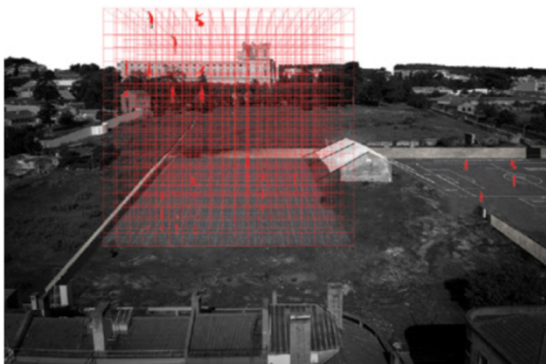
humano, estas ruínas modernas sofrem frequentemente diferentes apropriações por atores distintos, e este olhar detalhado e prolongado sobre o que se passa nos espaços abandonados da cidade torna-se um contributo essencial para uma melhor compreensão da própria urbanidade contemporânea (Brito-Henriques *et al.*, 2019).

Na resposta ao abandono e ao esvaziamento de determinados espaços, por vezes motivados pela desadequação ou alteração funcional, a indeterminação é entendida como um recurso aberto a infinitas soluções, conjugando-se com a qualidade do que continua a estar disponível, vago e incerto. Permite a exploração de diversas valências e estimula a especulação para além do óbvio. Permite descobrir e percecionar o espaço concreto, despojado de significados funcionais rígidos, mas rico em elementos de suporte e acolhimento. Apostando em estruturas simples, modulares ou facilmente reconfiguráveis, geram-se novas interações espaciais entre elementos existentes e elementos propostos (Brito-Henriques *et al.*, 2019).

Na publicação *Ideias para Intervenção em Espaços Urbanos Abandonados*, desenvolvida no âmbito do projeto, pretende-se pensar em novas viabilidades para os espaços urbanos abandonados da cidade. Segundo Cavaco *et al.*, (2018), as transições cada vez mais rápidas e inesperadas entre ciclos de expansão e de retração da economia mundial, a crescente mobilidade do capital e a inconsistência dos investimentos relacionados com a globalização, o envelhecimento



34



demográfico de extensas regiões do Globo, contribuem para que a presença de terrenos vagos nas cidades se tenha generalizado a uma grande escala. A velocidade com que, hoje em dia, vivemos, tornou-se uma variável que obriga a repensar os horizontes temporais do urbanismo, e, essa aceleração tem consequências na mutabilidade da cidade, na velocidade da ocupação e desocupação dos seus espaços e nas dinâmicas de arruinamento.

Tal como no projeto *Plug-in structures*, como se de um vírus se tratasse, estruturas efêmeras são alastradas pela cidade sem uma lógica aparente, acolhendo múltiplos usos e atividades, como mercados, parques infantis, centros culturais e auditórios, escolas ou habitações temporárias. Tratam-se de estruturas que numa ótica de acupuntura urbana, vêm apropriar-se dos espaços de ruínas e de abandono da cidade, dando resposta e suporte fácil e imediato a potenciais necessidades da comunidade.

35

017  
(página anterior)  
*Plug-in structures*  
Soluções Temporárias: Mercado  
Comunitário

018  
(página anterior)  
*Plug-in structures*  
Soluções Temporárias: Miradouro

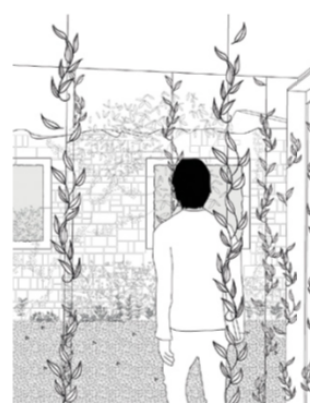
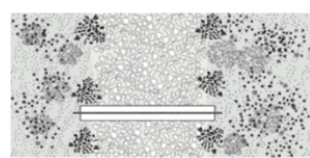
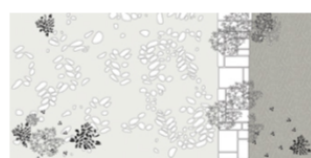
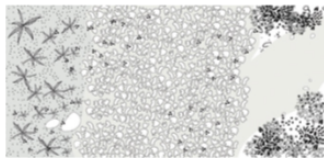
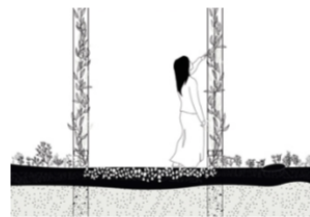
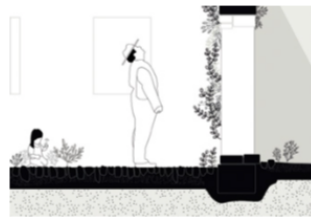
019  
(página anterior)  
*Plug-in structures*  
Soluções Temporárias: Centro  
Educativo

020  
(página anterior)  
*Plug-in structures*  
Soluções Temporárias: Habitação  
Temporária

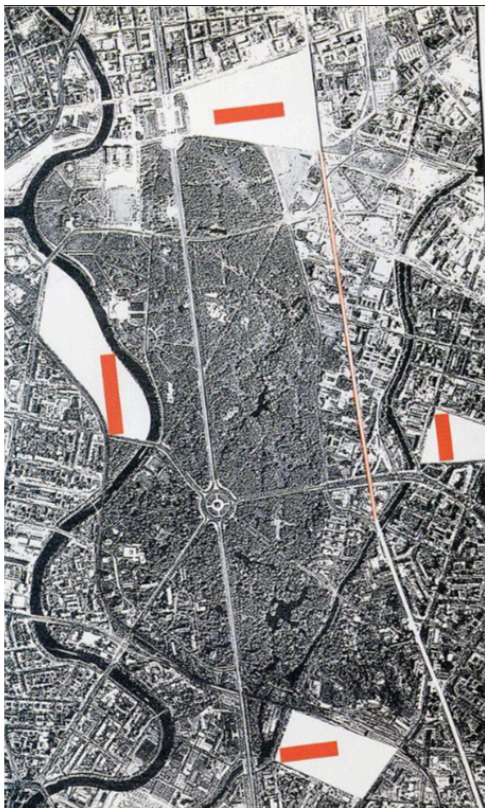
021  
(página anterior)  
*Plug-in structures*  
Soluções Temporárias: Instalações  
Temporárias

De forma a se conseguir encontrar soluções projetuais não convencionais ou estratégias para os espaços urbanos abandonados, são lançados na publicação *Ideias para Intervenção em Espaços Urbanos Abandonados* alguns princípios orientadores que se traduzem num manifesto, onde se procura derrubar convenções, transpor limites, vencer fraturas, afirmar transições, negar imposições, subverter hierarquia, questionar modos e modelos usuais de pensar, projetar, construir e habitar a cidade, a arquitetura e a paisagem.

Tornam-se então parte deste manifesto diversos modos de aproximação estratégicos, tais como legitimar a informalidade, onde o informal deixa de ser visto como um sistema marginal e é integrado na cidade; transformar o material pela imaterialidade, onde o imaterial, como a luz, os movimentos, os sons ou a temperatura se tornam em elementos transformadores e compositivos; descobrir ligações, gerar conectividades, de forma a descobrir e recriar percursos, passagens ou até mesmo ultrapassar



barreiras; envolver a comunidade, promover convivências sejam elas intergeracionais, intermodais, interfuncionais, intersociais ou intersensoriais; reciclar e economizar nos meios, desenvolvendo soluções *low-cost*, fazer mais com menos, explorando novas utilidades para materiais banais; e, por fim, intervir com precisão cirúrgica respeitando os sistemas naturais, adotando uma atitude discreta mas precisa de forma a respeitar sistemas frágeis ou estruturas precárias ou tecidos marginalizados (Cavaco *et al.*, 2018).



## 2.3. A articulação e conexão entre tecidos urbanos

*Falamos de estrutura a propósito de um conjunto de elementos que não são independentes entre si, mas que estão ligados por diversas formas de articulação, compenetração e solidariedade, através da qual o conjunto deixa de ser uma mera soma desagregada de elementos para adquirir uma específica coesão interna.*

Martí Arís, 1993, p. 111

Pierre Merlin (1988), define tecido urbano como a expressão física da forma urbana. Ou seja, constitui-se pelo conjunto dos elementos físicos - o sítio, a rede viária, a divisão parcelar, a relação entre o espaço contruído e não construído, a dimensão, a forma e a tipologia dos edifícios - e pelas relações que se estabelecem entre estes elementos. Segundo a autora, a origem dos problemas da cidade no fim do milénio resulta particularmente da dificuldade em criar vínculos entre a cidade física e os seus indivíduos. Os fragmentos urbanos do território passaram a estar conectados por vias de comunicação eficientes, a cidade estendeu-se a uma periferia descontínua onde surgiram novos tecidos especializados que para além de dependerem funcionalmente dos antigos centros, não possuem uma estrutura pública capaz de assumir um papel simbólico ou um significado formal que permita suportar atividades humanas, a celebração social ou assegurar trocas de informações, de bens ou de afetos entre os seus habitantes.



023  
(página anterior)  
*Ideas for the heart of a big city*

024  
(nesta página)  
Vias, Parcelas, Edifícios -  
Caracterização do tecido urbano da  
cidade do Cairo

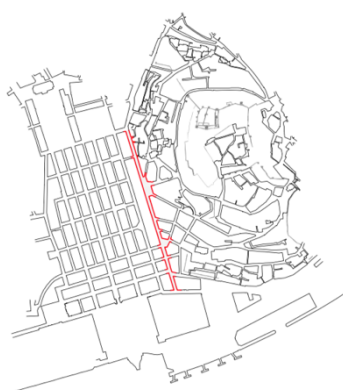
Segundo Fernandes (2014), a contemporaneidade surge de uma explosão da cidade que não estava prevista, assim como da perda do



controlo da forma do objeto urbano, apesar de contraditoriamente ser contemporânea do nascimento do Urbanismo e que o nosso tempo é herdeiro da fratura entre a tradição e modernidade na conceção e na produção do espaço urbano.

*A estrutura fundamental da cidade é o seu traçado, ou a adição dos sucessivos traçados que a constituem.*

Bonet Correa, 1995, p. 74



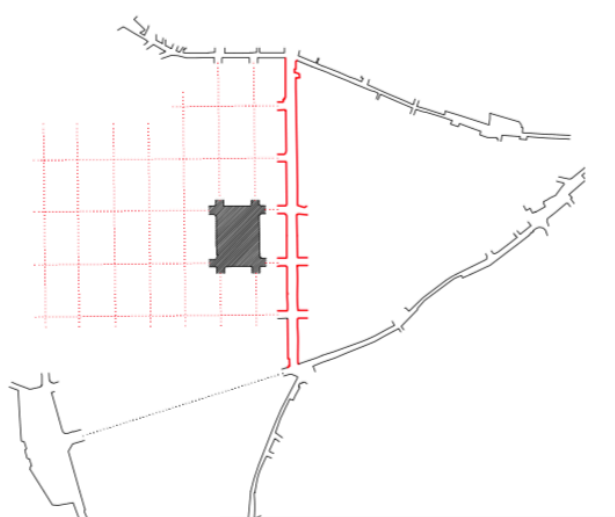
025  
(página anterior)  
Vista aérea parcial da Baixa de Lisboa

026  
(página anterior)  
Vista aérea parcial de Agualva

027  
(nesta página)  
Agregação de traçados urbano por justaposição

A agregação de traçados urbanos homogêneos não se traduz exclusivamente através da ação do tempo, esta reflete-se igualmente através de mecanismos do projeto quando o princípio de composição pressupõe a combinação de diferentes unidades urbanas ou quando a composição tem como propósito a articulação formal de fragmentos preexistentes. Os procedimentos de agregação traduzem, do ponto de vista de composição urbana, uma semelhança que decorre sempre de um desígnio de articular com coesão as partes individuais que constituem a cidade. Neste sentido, a agregação enquanto operação ou ato intelectual do projeto permite diferenciar procedimentos de composição que implicam sempre a criação de relações de continuidade entre as partes e a criação de um quadro concetual onde os traçados estão na gênese do processo de conceção (i) justapondo-se entre si, (ii) sobrepondo-se com hierarquia ou articulando-se através de (iii) um elemento de transição que é introduzido no conjunto (Fernandes, 2014).

A agregação mais elementar entre dois traçados de natureza distinta é estabelecida através da justaposição, ou seja, quando duas unidades morfológicas se adossam entre si numa relação de continuidade, preservando cada uma das partes as suas características identitárias, sem neste processo sofrerem alterações



42



substanciais, sem deformação nem ajustamento entre os sistemas geométricos que o constituem. Nesta situação, o traçado do conjunto preserva as características morfológicas de cada uma das unidades homogêneas que o compõem, criando um limite claro na transição entre essas áreas.

A agregação entre traçados parciais de natureza distinta pode também ser estabelecida através de uma justaposição das partes baseada numa lógica de concordâncias, ou seja, quando a agregação do conjunto pressupõe a valorização equivalente de cada uma das unidades parcelares, articulando-se através de ajustamentos e adaptações recíprocas. A produção destes traçados é um procedimento recorrente, muitas vezes estimulado pela ação modeladora da topografia, dado que a transposição do modelo teórico para um terreno concreto implica sistematicamente o ajustamento do sistema de composição. No caso de Campo de Ourique, a agregação dos sistemas lineares associados às vias preexistentes baseou-se na aplicação de uma única malha ortogonal estruturada em função de uma rua principal, que estabeleceu a ligação direta entre as antigas vias territoriais (Fernandes, 2014).

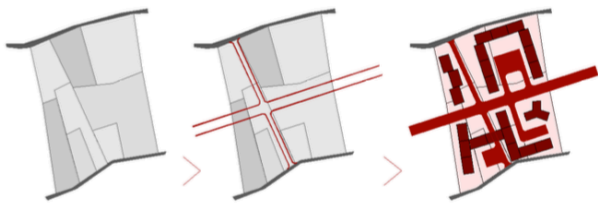


028  
(página anterior)  
Agregação por concordância entre  
Malhas e Sistemas Lineares em  
Campo de Ourique

029  
(página anterior)  
Agregação por concordância entre  
Malhas e Sistemas Lineares em  
Aigualva

030  
(nesta página)  
Agregação por sobreposição e  
hierarquia no Bairro das Picoas e ruas  
adjacentes à Av. da Liberdade

O mesmo fenómeno decorre no território de Aigualva, onde os sistemas lineares envolventes definem o limite da aplicação da malha ortogonal e os arruamentos articulam-se em interseções em que os quarteirões se tendem a deformar para estabelecer a concordância entre cada um dos sistemas. Segundo Santos (2017), os loteamentos integrantes deste sistema têm a capacidade de organizar um novo eixo estruturante, onde a lógica de sucessivos emparcelamentos/loteamentos promovidos por privados é acompanhada por uma orientação mais vincada por parte da administração pública. Neste caso, a Avenida dos Bons Amigos, em Aigualva tornou-se na coluna vertebradora do novo centro



residencial e comercial do aglomerado, fornecendo o pretexto e o quadro disciplinar para articular as diversas intervenções.

Por último, a agregação por sobreposição e hierarquia entre traçados parciais de natureza distinta, estabelece-se quando a ordem de uma das unidades morfológicas se sobrepõe parcialmente sobre a outra, estruturando a relação entre partes que se justapõem e, por consequência, o conjunto. Neste caso, temos o exemplo da justaposição entre o bairro das Picoas e o sistema de ruas organizadas em função da Avenida da Liberdade, cujas malhas são dispostas de acordo com o fundo do vale onde se preservou um antigo percurso de acesso à cidade para relacionar sistemas muito diferentes entre si. Se, por princípio, é a linha de água que relaciona as duas malhas, excepcionalmente o eixo que orienta a disposição da malha das Picoas prolonga-se e sobrepõe-se às estruturas preexistentes, originando soluções engenhosas através de cruzamentos desnivelados com o sistema associado à ocupação primitiva do vale e à malha orientada em função da Avenida da Liberdade (Fernandes, 2014).

45

Se questionarmos, portanto, como encontrar na atual cidade periférica, fragmentada, um elemento estruturador comum capaz de a tornar um objeto uniforme e coeso, a resposta passa certamente pelo sistema de espaços públicos: *este sistema é a rede que conecta os vários elementos da aglomeração, relacionando-os entre si; é o conjunto de espaços que o sujeito percorre e a partir dos quais lê e percebe a cidade; é a malha que organiza a edificação e que perdura para além dela* (Portas, 2012, p. 187).

031  
(página anterior)  
Esquema do emparcelamento de  
várias parcelas em função de nova  
via estruturante

032  
(página anterior)  
Fotografia aérea sobre o  
emparcelamento de várias  
parcelas em função de nova via  
estruturante



## 2.4. O conceito de *In-between* e a hibridéz na relação de público e privado

*Uma porta é um lugar feito para uma ocasião.*

Van Eyck *in* Smithson, 1974, p.96

Na definição dos domínios de público e privado, estão intrínsecos em termos espaciais, os conceitos de coletivo e individual: o espaço público entende-se como uma área acessível a todos a qualquer momento, já o espaço privado entende-se como uma área em que o seu acesso é restrito a uma pessoa ou a um grupo de pessoas, que têm a responsabilidade de mantê-la, ou cuidá-la (Hertzberger, 1999). Quando Solà-Morales (1992) questionou a definição tradicional de espaço público, perguntando se este deveria ser propriedade pública para ter uma dimensão coletiva e se deveria ser livremente acessível a todos, o autor argumenta que a natureza da propriedade, o agente detentor do terreno ou prédio em questão, torna-se menos importante do que a maneira como o espaço é utilizado. Assim, Solà-Morales (1992) sugere conectar espaços privados e transformá-los em partes do espaço coletivo, ou seja, incluir o particular na esfera de influência do domínio público.

47

033  
(página anterior)  
Escadaria como espaço de estar,  
Alfama, 1975

A profundidade entendida como um cruzamento de fronteiras territoriais de domínio público para o privado, ou vice-versa, ganha um significado diferente se o aplicarmos à ideia de espaços coletivos. Com isto, uma teoria urbana baseada na combinação e atualização das ideias de profundidade, configuração, espaço coletivo e



proximidade, permite uma nova leitura de projetos urbanos, com foco nas estratégias coletivas internas (Scheerlinck, 2010).

Esta noção de extremos, no entanto, deve ser contrariada, pois apesar de poderem ser vistos como opostos, enquanto conceitos, devem ao mesmo tempo relacionar-se numa perspectiva de poderem criar espaços entre si, articulando-se. Estes espaços remetem-nos para o conceito de *in-between*, e devem propor soluções híbridas, espaços versáteis, em que a articulação entre público e privado, o cheio e o vazio, possam ser tanto de uso privado, como público.

Segundo Herman Hertzberger (1999), estes espaços *in-between* quer pertençam ao domínio público quer ao domínio privado, do ponto de vista administrativo, tornam-se igualmente acessíveis a ambos os lados, ou seja, quando existe um acordo, de ambas as partes, que seja acessível a todos. O autor refere ainda que a existência de espaços desta natureza facilita de certa forma aos indivíduos a expansão da sua esfera pessoal sobre o domínio público, onde é possível definir demarcações coletivas e individuais por si mesmos.

49

*Tão importante como desenhar o espaço público (vazio) é desenhar o espaço privado (cheio) e principalmente prever a relação entre eles, para que a cidade não seja apenas uma junção de partes, mas um conjunto coeso, dinâmico e funcional.*

034  
(página anterior)  
Vão de porta como um abrigo  
para dormir

Fernandes, 2012, p. 34

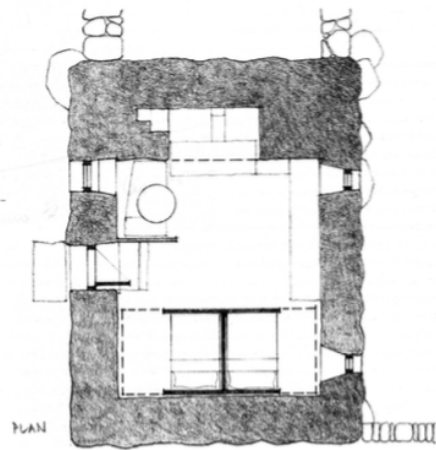
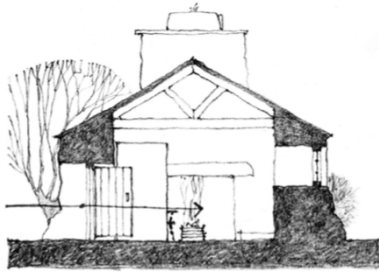
035  
(página anterior)  
Vão de porta como um palco  
para um espetáculo

036  
(página anterior)  
Vão de porta como um espaço  
de convívio

Um espaço desta natureza, dotado desta hibridez, pode caracterizar-se por uma simples soleira de uma porta como lugar de integração de vivências. Aldo Van Eyck dá-nos uma imagem da fragilidade da relação entre os domínios público e privado quando



50



não existem elementos de transição adequados entre eles. Utiliza o exemplo de uma porta, elemento que não consegue, pelas suas dimensões comuns, efetuar a transição de um mundo interior (privado) para o exterior (público) de forma eficiente, proporcionando ao indivíduo um sentimento de quebra uma vez que existe uma mudança radical de ambiente. Este refere que *a arquitetura deve ampliar esses limites estreitos, persuadi-los a converter-se generosamente em domínios intermédios articulados* (Van Eyck, 1984, p.50).

Simon Unwin (2007), em *Doorway*, refere-se também a estes espaços de transição, o vão de uma porta, como espaços que incentivam ao convívio e a atividades geralmente informais, como: o lugar de encontro para fumadores, um sítio para passar a noite, o lugar onde esperamos por amigos, o local onde objetos são entregues ou recolhidos, ou até mesmo o sítio onde se desenrolam conversas formais ou informais.

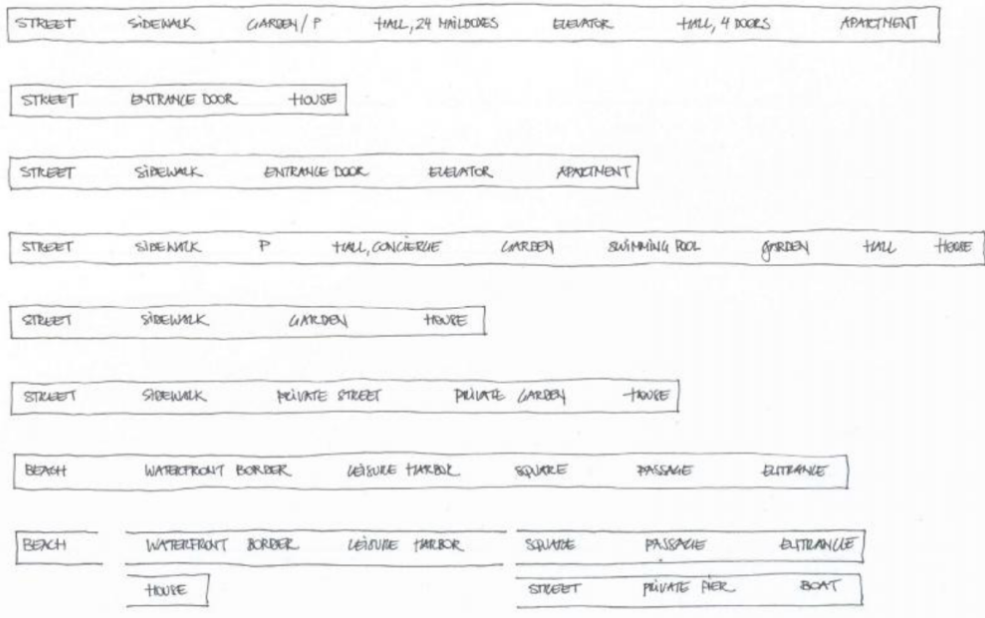
51

Ainda sobre a ideia de um vão de uma porta como um espaço de estadia, incidindo na *Llainfadyr*, casa de campo no País de Gales reerguida no *Museum of Welsh Life* em Cardiff, este espaço permite a transição entre um lugar e outro, no entanto gera também um novo espaço que os intermedeia: como é suficientemente profundo para abrigar uma pessoa, poderá protege-la da chuva enquanto aguarda no exterior, ou provocar uma pausa para verificar o estado do tempo ao sair de casa. Este espaço não pertence nem à casa, nem à rua, ou se quisermos, pertence a ambos. Trata-se de um espaço caracterizado pela hibridez de nos sentirmos expostos ao movimento, perigos e intempéries da rua, e, por outro lado, protegidos dado o fácil acesso ao espaço resguardado do lar. Constitui, assim, *um lugar por direito próprio (...) onde dois mundos se sobrepõem em vez de estarem rigidamente demarcados* (Hertzberger, 1999, p.32). Esta simultaneidade espacial não só dá aos usuários

037  
(página anterior)  
*Llainfadyr*, uma casa de campo no País de Gales - fachada com vão de porta profundo

038  
(página anterior)  
*Llainfadyr*, uma casa de campo no País de Gales - Corte construtivo pela entrada

039  
(página anterior)  
*Llainfadyr*, uma casa de campo no País de Gales - Planta



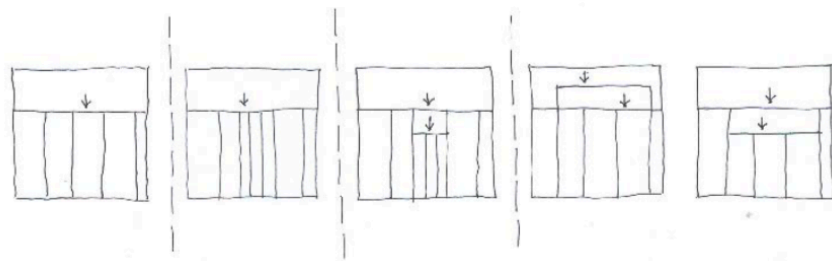
consciência da transição entre zonas com diferentes características, como estimula as suas mentes devido à incerteza e sentido dinâmico que constitui qualquer mudança de ambiente.

O artigo *Privacy and Depth Configurations*, desenvolvido por Scheerlinck (2010) dá-nos também uma outra visão sobre a profundidade ao ser considerada o principal parâmetro para medir a qualidade do espaço urbano, referindo-se à sequência gradual entre territórios públicos ou privados, sobrepostos ou integrados em projetos urbanos. Este artigo tem o objetivo de demonstrar que configurações de profundidades (e níveis de privacidade) não se baseiam exclusivamente na distinção tradicional da propriedade privada/pública, mas dependem da quantidade, da natureza e das qualidades estruturais do espaço coletivo. Assim, o conceito de configurações de profundidade não define um discurso morfológico simples sobre sequências quantitativas lineares de cruzar fronteiras, ou seja, o desenho ou a leitura de profundidade é colocado dentro de uma configuração mais complexa de proximidade, permeabilidade, valores de integração e delimitação de fronteiras a nível físico, visual e territorial.

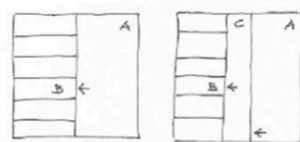
53

Segundo Habraken (1998), o conceito de profundidade territorial pode ser dado como a medida pelo número de passagens de fronteira necessárias para se deslocar do território espacial para um espaço mais interno. Como resultado, esta profundidade aumenta quando espaços coletivos são introduzidos numa determinada sequência, no entanto, não se trata de um parâmetro estático uma vez que dentro de um determinado período de tempo, após a intervenção de vários agentes urbanos, a profundidade pode aumentar ou diminuir no tempo, de acordo com as características específicas do ambiente construído.

040  
(página anterior)  
Exemplos de diferentes  
tipologias de habitação ou  
projetos urbanos ilustrando  
sequências de profundidade  
desde o nível mais público até  
ao mais privado



54



*A riqueza cívica, arquitetónica, urbana e morfológica de uma cidade contemporânea reside nos espaços coletivos que não são estritamente públicos ou privados, mas ambos simultaneamente. Estes são espaços públicos usados para atividades privadas ou espaços privados que permitem o uso coletivo e incluem todo o espetro in-between.*

Solà-Morales, 2008, p. 184

Tal como demonstrado nos diagramas da página anterior, o aumento da profundidade territorial está relacionado com a densidade e, por vezes, o aumento desta leva a nada mais que uma intensificação do espaço privado disponível, sendo que a profundidade territorial não aumenta, ao contrário do processo de densificação. O aumento da profundidade encontra-se também diretamente relacionado com a criação de espaços coletivos, que em muitos casos é tido em conta como um espaço intermediário, de transição ou sobreposição, intersticial. Os fenómenos urbanos contemporâneos convidam a uma reformulação da teoria sobre espaços públicos e privados, uma vez que as distinções tradicionais entre eles (quem detém o espaço ao invés do compartilhamento do mesmo), podem não explicar os cenários contemporâneos, em que as estratégias urbanas orientadas pelo mercado definem a forma como o espaço é utilizado.

55

041  
(página anterior)  
Aumento da profundidade  
territorial

042  
(página anterior)  
Exemplo do aumento da  
profundidade territorial em  
Valparaíso, Chile



## 2.5. Casos de referência

57

Os casos de referência de seguida apresentados, surgem como uma transição entre a componente teórica abordada anteriormente e a sua aplicabilidade prática no território. Tratam-se de projetos com características específicas distintas, desde o conceito à conceção, da forma à função, no entanto, quando vistos como um todo, servem de fio condutor à execução prática do projeto que se propõe realizar.

De forma a contribuir para a resolução final do objeto arquitetónico serão apresentados os seguintes projetos: Parc de la Villette do arquiteto Bernard Tschumi, caso selecionado principalmente pelo conceito da organização espacial do projeto urbano e pela forma que este se contextualiza com a sua envolvente; o Percorso Pedonal Assistido de Montemor-o-Velho, pelo arquiteto Miguel Figueira, por servir de referência ao redesenho urbano e à reestruturação de percursos pedonais pouco qualificados, e, por fim, o Centro de Artes de Sines dos arquitetos Aires Mateus, tanto pela sua componente programática e pelo seu carácter multifuncional.



## 2.5.1. Parc de la Villette

Bernard Tschumi

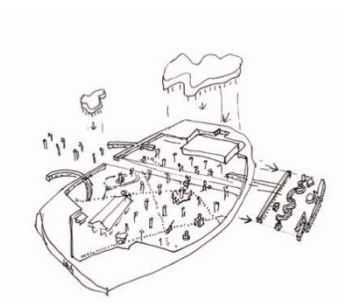
Paris, 1982-1998

Este projeto foi o vencedor, de entre mais de 470 concorrentes, de um concurso internacional para a criação de um novo parque urbano em Paris. Os objetivos desta competição eram marcar a visão de uma era e atuar sobre o futuro desenvolvimento económico e cultural desta área. Conforme descrito na competição, La Villette não foi concebido como uma réplica simples de paisagem, pelo contrário, o resumo deste parque urbano desenvolveu um complexo programa de instalações culturais e de entretenimento, e opõe-se à noção de paisagem que era desenvolvida na altura<sup>2</sup>.



Segundo Simionato (2014), Tschumi utiliza o conceito de desconstrução programática como elemento distribuidor dos usos no parque e organiza o projeto em três sistemas: superfícies, linhas e pontos. A camada das superfícies, que se traduzem nos espaços verdes abertos e podem ser utilizados para a prática de desporto e lazer, ou acolher diversas atividades como mercados e feiras ao ar livre ou exposições, criando a sensação de um amplo edifício a céu aberto. A camada das linhas desenvolve os principais percursos do parque, que foram concebidos como uma articulação entre o ortogonal e o orgânico, onde o natural e o artificial se misturam numa constante descoberta. E por fim, a camada dos pontos, estruturas sem uma função pré-determinada que se encontram distribuídas segundo uma matriz ortogonal, as *folies*<sup>3</sup>. Estes elementos, pontualmente distribuídos ao longo do parque, permitem

59



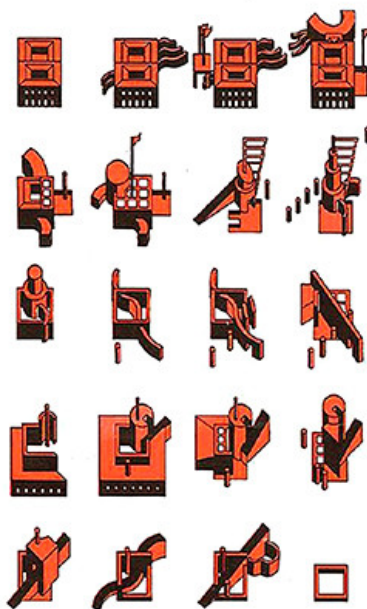
<sup>043</sup>  
(página anterior)  
Fotografia sobre uma das *folies* no  
Parc de la Villette

<sup>044</sup>  
(nesta página)  
Esquícios de Bernard Tschumi  
sobre as *folies*

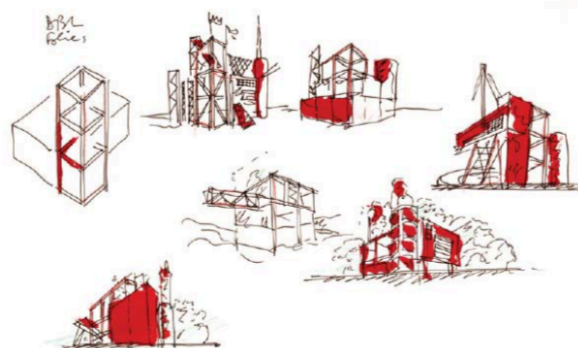
<sup>045</sup>  
(nesta página)  
Esquícios de Bernard Tschumi  
sobre o parque

<sup>2</sup> TSCHUMI, Bernard (1982-1998), disponível em: <http://www.tschumi.com/projects/3/#> (Consultado a 14 Junho 2019)

<sup>3</sup> As *folies* partiram da decomposição da forma original de um cubo (10x10m), "each is a permutation on the same basic 10-by-10-cubic-meter frame" (McQuaid, 2002, p.216), *Envisioning Architecture: Drawings from The Museum of Modern Art*, New York: The Museum of Modern Art, (Consultado a 15 Junho 2019)



60



61

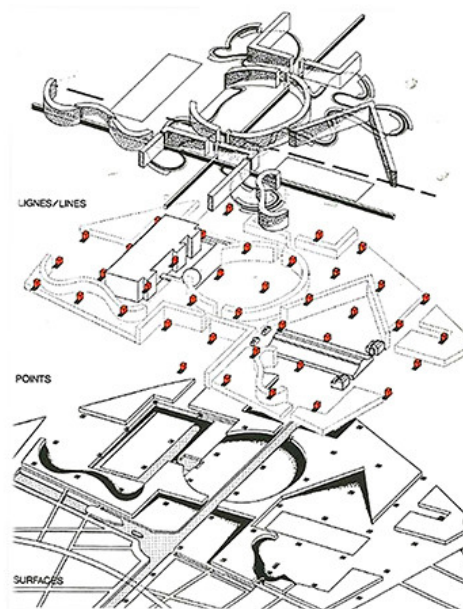
ser explorados de acordo com a necessidade e imaginação de cada um, ampliando a esfera do conceito forma-função. Estes elementos, desenvolvem-se a partir de cubos de 10x10m e foram pensados de forma a desconstruir qualquer relação entre o passado do terreno com a sua forma atual, de modo a que os seus utilizadores vivenciem uma nova experiência com o parque. As *folies* foram concebidas como espaços cuja função pode ser definida pelo utilizador, abertos à interpretação, dotados de um programa informal, efêmero e flexível.

Segundo Tschumi, o projeto do Parc de la Villette pode ser visto para incentivar o conflito sobre a síntese, a fragmentação sobre a unidade. Afirma ainda que este projeto levanta um número de ideais relacionados ao período moderno, e, desta maneira, pode ser aliado a uma visão específica de pós-modernidade.

Este projeto serve sobretudo de referência ao caso de estudo, no conceito da organização espacial do projeto urbano, mais especificamente no conceito do sistema dos pontos, as *folies*, e das linhas. Apesar de apresentar uma escala distante daquela em que se irá intervir em Agualva, o Parc de la Villette possui características definidoras de uma nova imagem para a cidade, e é projetado como um elemento que impulsiona uma lógica urbana de eventos com vários intervenientes. Os módulos a introduzir no território de estudo seguem, tal como as *folies* de Tschumi uma organização que parte de uma matriz ortogonal e que se repetem, em áreas previamente definidas, como se de um vírus se tratasse. Estes módulos podem ter uma função fixa ou temporária, de acordo com a necessidade do local, associada ao momento de lazer do espaço público, reunindo condições de permanência e atratividade.

046  
(página anterior)  
Esquços de Bernard Tschumi  
sobre as *folies*

047  
(página anterior)  
Esquços de Bernard Tschumi  
sobre a variação das *folies*



Relativamente ao sistema das linhas, este conceito foi transportado para o caso de estudo numa lógica de reestruturar passagens e espaços de transição, utilizando elementos como muros, que vão definir novos espaços de estar podendo ser utilizados também como mobiliário urbano. Estes muros definem novos percursos e requalificam alguns preexistentes no território.

Quando visto como um todo, existe um diálogo contínuo e uma certa sistematização entre lugares de estar e lugares de passagem, proporcionando novas dinâmicas na cidade, conferindo-lhe uma nova imagem.

048

(página anterior)

Esquemas sobre a desconstrução programática por Bernard Tschumi

049

(página anterior)

Esquema sobre a organização espacial do parque por Bernard Tschumi



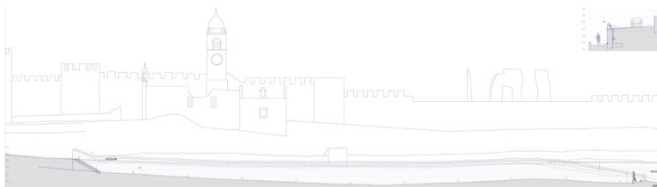
## 2.5.2. Percurso Pedonal Assistido de Montemor-o-Velho

Miguel Figueira  
Montemor-o-Velho, 2013

Montemor-o-Velho é uma pequena vila na região centro do país, entre Coimbra e Figueira da Foz, no centro do vale do Baixo Mondego. O projeto de seguida apresentado surge com a urgência da reinvenção do funcionamento do sistema urbano do território, onde não se propõe um novo modelo, mas a refuncionalização do existente, com a ajuda das capacidades tecnológicas que hoje se encontram ao nosso dispor.

A vitalidade da vila e o seu centro dependem do bom relacionamento com o seu castelo, e a viabilidade da habitação na sua encosta depende da qualidade deste acesso. Assim, três escadas mecânicas são propostas, de forma a vencer mais de 30 metros de desnível entre a base da encosta e a cota alta do território, viabilizando a rede pedonal existente e a reaproximação do castelo ao centro, desenvolvido à cota baixa.

Tanto a articulação das escadas mecânicas com os percursos de nível, que estruturam esta rede, como a oportunidade desta intervenção asseguram o acesso viário na parte superior da encosta, o que vai permitir o processo de regeneração da mesma. Esta intervenção promove diretamente o propósito do reencontro da comunidade com o lugar, e serve também o castelo, não só pela nova conexão que existe com a vila através da sua porta principal, mas



também pela experiência da superação da encosta, que o acesso automóvel não permite<sup>4</sup>.

Segundo Pelucca (2010), este projeto, inserido num plano estratégico que tem como objetivo melhorar as condições de habitabilidade na encosta sul do Castelo, procura também, e acima de tudo, resgatar a centralidade do vale na estrutura territorial do vale do Mondego, uma vez que a industrialização do setor e a consequente mobilização para o terciário, o papel da agricultura que marcava o território como centro, perde-se: o sistema urbano transforma-se e o protagonismo da vila desaparece. A consolidação do sistema urbano longitudinal no vale substitui a orientação transversal e concentração dá-se nos extremos mais distantes, em Coimbra e na Figueira da Foz. O vale, agora, divide a mesma comunidade que em tempos já uniu, retirando ao rio o protagonismo de via principal.

Neste sentido, junto ao Castelo de Montemor-o-Velho, com as escadas a rolar em cascata até ao centro da vila, é possível avistar a nova pista de triatlo, onde antes se situava o terreiro de um mercado temporário, o Centro Náutico. Investimento do qual poderá resultar a transformação de maior impacto em Montemor-o-Velho, integrado na rede nacional para o desporto de alto rendimento, que receberá ainda as modalidades olímpicas de triatlo e natação de águas livres. Trata-se de um projeto urbano estruturante para Montemor e para a Região, quer nas escalas de proximidade, dado o impacto na frente ribeirinha e nos demais núcleos urbanos do

67

051

(página anterior)

Fotografia da intervenção em Montemor-o-Velho

052

(página anterior)

Fotografia da requalificação de muros em Montemor-o-Velho

053

(página anterior)

Planta parcial de execução do Percurso Pedonal Assistido

054

(página anterior)

Corte longitudinal do Percurso Pedonal Assistido

---

<sup>4</sup> FIGUEIRA, Miguel (2015). Disponível em: [http://www.revarqa.com/content/1/1493/percurso-pedonal-assistido\\_montemorovelho/](http://www.revarqa.com/content/1/1493/percurso-pedonal-assistido_montemorovelho/) (Consultado a 10 Junho 2019)



centro, quer pela expressão territorial, na forma como marca o centro do vale do Mondego. Efetivamente este equipamento localiza-se no centro do vale e constrói a diagonal que simultaneamente materializa a articulação entre as suas margens e reestrutura o principal eixo urbano do vale. Rompe com o perfil monofuncional do vale estabelecendo como âncora para novos usos, promovendo a recuperação do movimento entre as margens do rio e o centro do vale. Este equipamento desviou a água e canais de modo a fixar naquele lugar um palco internacional para competições de remo. Trata-se de uma infraestrutura que expande o território vital da vila muito além do rio Mondego. Chama até si gente de todo o mundo e tem fixado um novo perfil de habitantes associados àquela atividade desportiva.

Este projeto serve sobretudo de referência ao caso de estudo, no desenvolvimento do redesenho urbano, através da reestruturação de percursos pedonais pouco qualificados, que dificultam a conexão entre a cota alta e a cota baixa da cidade, originando uma rotura nas acessibilidades. Existe uma articulação entre a nova infraestrutura mecânica com a malha do edificado envolvente, o que proporciona o desenvolvimento de uma nova teia de vizinhanças, promovendo o contacto e a vivência social.

055

(página anterior)

Fotografia exterior do Centro Náutico de Montemor-o-Velho

056

(página anterior)

Fotografia do Centro Náutico de Montemor-o-Velho

057

(página anterior)

Fotografia do interior do Centro Náutico de Montemor-o-Velho

058

(página anterior)

Fotomontagem do Centro Histórico e Centro Náutico



### 2.5.3. Centro de Artes de Sines

Aires Mateus

Sines, 2005

O Centro de Artes de Sines é um projeto que tem como ideia estruturante a criação de um edifício de exceção que agregasse várias funções, servisse todas as camadas da população e funcionasse como parte da cidade e porta do centro histórico.

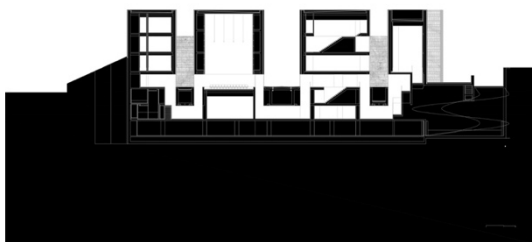
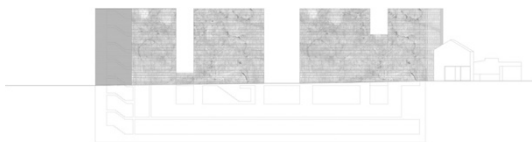
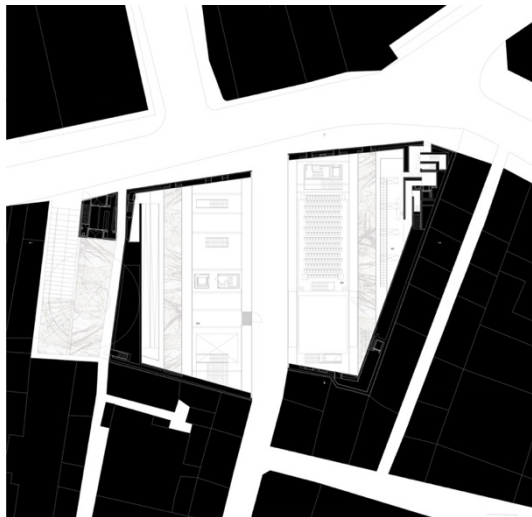
Inaugurado em 2005, o Centro de Artes de Sines, situa-se à entrada do centro histórico, constituindo o ponto de charneira entre este e a cidade moderna. Esta edifício é composto por quatro grandes corpos de volumetria recortada, interligados entre si ao nível da cave e do piso térreo. As fachadas voltadas para a Rua Cândido dos Reis apresentam, no piso térreo, um rasgo de vidro em toda a sua extensão que reflete a envolvente, permitindo ao mesmo tempo observar a complexidade do espaço interior constituindo uma fronteira transparente que possibilita a fusão entre o edificado e a rua.

71

A integração da biblioteca, auditório, centro de exposições e arquivo municipal num único edifício apresenta várias vantagens. Uma delas é a possibilidade dos espaços se tornarem flexíveis e possam ser utilizados para várias funções (o auditório, pode, por exemplo, apoiar lançamentos de livros organizados pela biblioteca ou conferências de artistas que expõem no centro de exposições). A concentração também simplifica a exploração, otimizando os recursos e o trabalho dos funcionários. Por fim, o facto de juntar um maior número de pessoas, de interesses e gerações diferentes, reforça o uso de umas atividades pela utilização das outras, o que torna o edifício mais vivido e mais dinâmico.



72



O projeto cultural e artístico para o Centro de Artes resulta de um compromisso entre as dinâmicas colocadas pelo seu próprio projeto arquitetônico e o desenvolvimento de linhas de programação centradas na intervenção e experimentação artística do mundo contemporâneo.

Este edifício, revestido exteriormente a pedra e totalmente visível transparente ao nível do peão, permite interligar todos os momentos da cultura com o quotidiano da cidade. A sua organização procurou tirar partido das ligações possíveis entre as várias atividades artísticas, culturais e de lazer que nele se pretendem desenvolver. Destaca-se o grande *Foyer* que liga todas as atividades num plano enterrado, funcionando como átrio de todos os eventos e, através dele, acede-se aos quatro módulos que compõem o conjunto.

Este projeto serve de referência ao caso de estudo não só pela sua localização, servindo como elemento agregador de duas partes distintas da cidade como também pelas pontuais descontinuidades formais que permite que o utilizador seja o principal beneficiado: no apelo sensorial dos materiais e da volumetria, na experiência única do espaço, na experiência contemporânea de um edifício de exceção, e na integração de várias dimensões do conhecimento. A ideia de espessura que se pode traduzir no conceito de *in-between* discutido anteriormente que este edifício representa e a transição entre robustez e transparência foram também conceitos transportados para o desenvolvimento do caso de estudo, uma vez que a escala escolhida para se intervir foi a do centro histórico mas a robustez estereotómica que o edifício representa sugere a densidade da cidade moderna. A permeabilidade das fachadas ao longo do edifício representam espaços de transição entre as atividades culturais do interior e a vida quotidiana do exterior.

060  
(página anterior)  
Fotografia do Centro de Artes de  
Sines

061  
(página anterior)  
Planta piso 0 - Centro de Artes  
de Sines

062  
(página anterior)  
Corte - Centro de Artes de Sines



## 2.6. Síntese

Como visto anteriormente, a cidade não se trata apenas de um objeto perceptível, mas sim do resultado de várias sobreposições de camadas e de alterações na sua estrutura, ao longo do tempo, por diversas razões. Uma cidade é uma organização mutável com fins variados, um conjunto com muitas funções criado por muitos, de um modo relativamente rápido. *Uma especialização total, uma engrenagem perfeita (...) A forma tem, de certo modo, que ser não comprometedora, moldável aos propósitos e às percepções dos cidadãos* (Lynch, 2002, p.95).

Resultado de um rápido crescimento sem estratégias estabelecidas como um todo e sem operações urbanas previamente definidas, a paisagem do território metropolitano caracteriza-se como uma sobreposição de matrizes compostas de tecidos fragmentários, apoiadas por densas redes rodoviárias e ferroviárias, o que provocou o desenvolvimento periférico e como consequência diversas fragilidades do ponto de vista do ordenamento do território. Torna-se assim necessário refletir sobre a nova condição urbana resultante do processo de expansão dos aglomerados urbanos e trabalhar sobre os novos caracteres da paisagem metropolitana capazes de atribuir significado territorial.

063  
(página anterior)  
Escala entre o Centro de Artes e  
uma criança

064  
(página anterior)  
Escala entre o Centro de Artes e  
um animal

065  
(página anterior)  
Escala entre o Centro de Artes e  
um adulto

Também os espaços expectantes, resultado deste processo desordenado de sobreposição de camadas topográficas, podem ser lidos, de certa forma, como manifestações silenciosas presentes na malha urbana da cidade. Tornam-se uma categoria inquietante no contexto da vida urbana, onde existe uma relação intrínseca entre a morfologia e o edificado, passam a ser sinónimos do crescimento da cidade e podem constituir diversas possibilidades de intervenção, tendo a capacidade de reformular uma cidade ou um território.



A forma da cidade construída, como visto anteriormente, é resultado de um processo de sedimentação enquanto instrumento projetual, onde interferem fatores condicionantes e onde é possível observar o efeito do tempo. A interpretação destes traçados morfológicos e a articulação entre eles deve ser tida em conta no que toca à conceção do espaço urbano uma vez que a capacidade de reorganizar e reestruturar uma matriz coesa, passa certamente pela classificação dos seus princípios de composição e dos fenómenos que envolvem a produção destes tecidos.

Segundo Fernandes (2014), a cidade genérica é o sítio onde o edifício predomina em relação ao conjunto, onde o privado e o individual se sobrepõem ao valor do coletivo da sociedade e ao interesse público do espaço. Esta noção de extremos deve, no entanto, ser contrariada uma vez que, enquanto conceitos, devem relacionar-se numa perspetiva de poderem criar espaços entre si, articulando-se. Estes espaços *in-between* devem propor soluções híbridas, espaços versáteis e que possam ser tanto de uso privado como público.

77

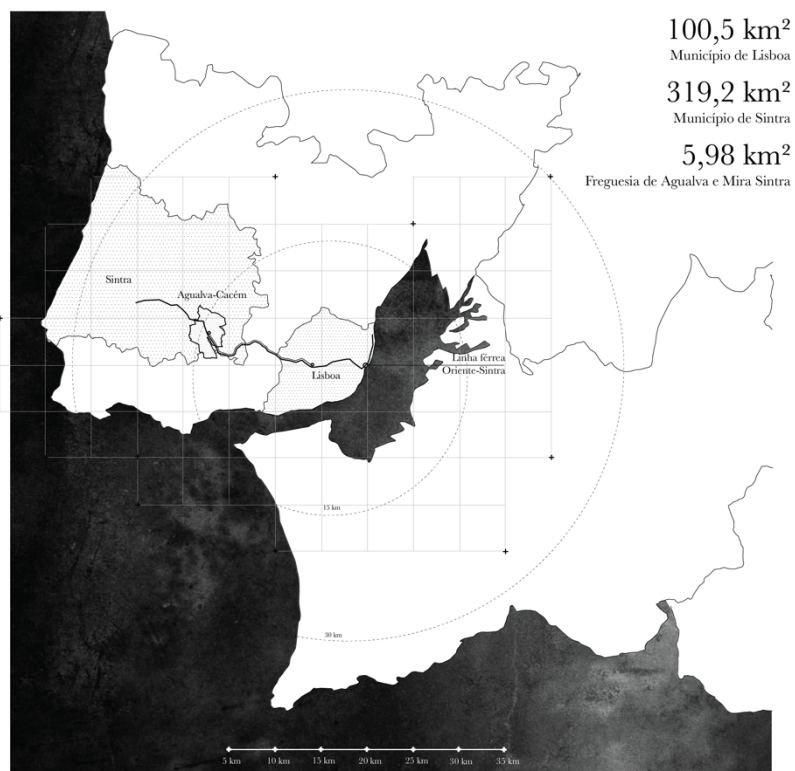
O conceito de configurações de profundidade não define um discurso morfológico simples sobre sequências quantitativas de cruzar fronteiras. O desenho ou a leitura de profundidade que caracteriza estes espaços é colocado numa configuração mais complexa de proximidade, permeabilidade, valores de integração e delimitação de fronteiras a nível físico, visual e territorial.



### 3. O Território de Agualva-Cacém

Neste capítulo será feito um diagnóstico do território da área em estudo e da sua envolvente, com base na sua evolução urbana e socioeconómica, no seu enquadramento histórico, na análise do território até à atualidade e nas questões de planeamento territorial como os planos, programas e projetos existentes.

Neste seguimento pretende-se compreender as principais características da área em estudo e identificar as principais fragilidades existentes, de forma a poderem ser colmatadas sob a forma de uma proposta urbana.



### 3.1. Enquadramento territorial de Agualva-Cacém

O município de Sintra localiza-se na margem norte da Área Metropolitana de Lisboa. Este território, delimitado a norte pelo concelho de Mafra, a sul pelo concelho de Oeiras e Cascais, a este pelos concelhos de Odivelas, Loures e Amadora e a Oeste o Oceano Atlântico, centraliza-se numa complexa teia de dinâmicas que se desenvolvem em diferentes escalas.

Segundo o Instituto Nacional de Estatística (INE), a área do município de Sintra ocupa cerca de 320 km<sup>2</sup>, o que equivale a 11% da área total da AML. Trata-se de um dos municípios mais populosos do país, registando cerca de 377 835 habitantes, colocando este município num contexto que equivale a 4% da população total nacional e a 13% da população residente da AML, segundo os Censos 2011.

81

Segundo a Câmara Municipal de Sintra (2019), o concelho de Sintra apresenta-se como sendo o segundo concelho com mais população do país, possuindo uma grande diversidade territorial e elementos marcantes, tais como a Serra e o Parque Natural de Sintra e o património histórico edificado, o que se traduz num marco para o turismo, cultura, e tradições locais. Trata-se de uma zona costeira com elevado património natural, paisagístico e arquitetónico caracterizada também por uma elevada multiculturalidade étnica, resultado do desenvolvimento e transformações do território até aos dias de hoje. Apresenta um índice de envelhecimento dos mais baixos registados na Grande Lisboa, e possui uma taxa de retenção e desistência ao nível da escolaridade das mais reduzidas da AML. Em termos de edificado, existe um crescimento de alojamentos



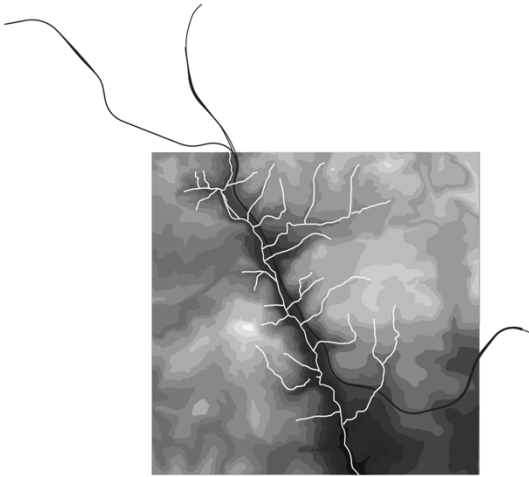
familiares vagos, sendo que o regime de arrendamento aumentou em 27,5%, e 90% dos alojamentos são de residência habitual (CMS, 2015). Em relação ao nível da hierarquia urbana, existem núcleos urbanos no concelho de Sintra com condições para serem consideradas cidades médias, entre as quais se encontram São Pedro, Algueirão-Mem Martins, rio de Mouro, Agualva-Cacém e Queluz.

O município de Sintra tem sido alvo de uma forte pressão no contexto urbanístico devido, fundamentalmente, ao facto de Lisboa se continuar a tercearizar, ao concelho da Amadora entrar em saturação, e ao facto do município de Sintra se ter vindo a tornar numa espécie de comunidade de acolhimento, mais concretamente ao nível habitacional, devido aos fatores do local de trabalho e ao preço da habitação (Martins, 2013).

83

Resultado da reorganização administrativa do território das freguesias em 2013, Agualva encontra-se inserida atualmente na União de Freguesias de Agualva – Mira Sintra, que possui uma área de cerca de 60 km<sup>2</sup> e cerca de 41 104 habitantes, segundo os Censos de 2011.

Arrabaça (2002), refere que o território de Agualva-Cacém pode ser considerado um objeto de estudo representativo das transformações recentes das cidades portuguesas. Trata-se de um aglomerado onde, por trás de uma aparente uniformidade, parece detetar-se uma grande diversidade formal, coexistindo áreas de promoção pública e privada, com e sem loteamento, legais e ilegais, representado vários momentos temporais.



Segundo Santos (2017), parte significativa deste território enfrenta problemas decorrentes da multiplicação de barreiras infraestruturais e das frequentes falhas e insuficiências na provisão de serviços urbanos. Estas formas de fragmentação reproduzem-se ainda ao nível socio-espacial traduzidas em situações de exclusão bem como de riscos ambientais. Neste sentido, o entendimento da paisagem das grandes infraestruturas, pela intensidade e expressividade com que se inscrevem no território, constitui uma oportunidade para a arquitetura e para o urbanismo se reencontrarem, de forma intencional, com a conceção e desenho dos espaços do território infraestrutural.

**069**  
(página anterior)  
O relevo e a rede hidrográfica

**070**  
(página anterior)  
Rede ferroviária e interfaces

**071**  
(página anterior)  
Vias rápidas e nós de acesso



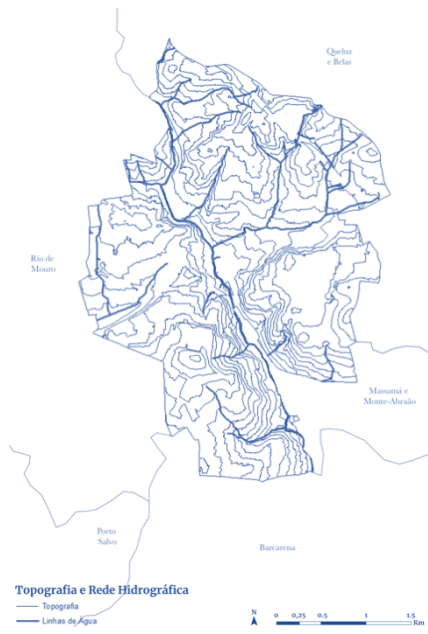
### 3.2. O clima, a topografia e a hidrografia

A compreensão do território como matéria física no que diz respeito aos aspetos geográficos, climático e topográfico, como também os vários elementos de suporte da arquitetura que redefinem o seu contexto, a sua forma e a sua construção, devem ser os principais pontos de partida para se intervir no mesmo.

Numa abordagem geral, a Área Metropolitana de Lisboa pode considerar-se como uma área de relevo moderado, cujas altitudes mais elevadas são atingidas precisamente nas serras de Sintra e da Arrábida (528m na Pena, na serra de Sintra e 501m no Formosinho, na serra da Arrábida).

Segundo Pereira (2003), os traços gerais do clima da Área Metropolitana de Lisboa são-lhes conferidos fundamentalmente pela repartição das chuvas e pelos contrastes de temperatura. A repartição dos contrastes térmicos revela a dicotomia litoral-interior e evidencia as vertentes soalheiras das costas do Estoril e da Arrábida. O interior, abrigado do ar marítimo moderador das temperaturas, revela-se como a área onde existem maiores contrastes, sendo mais quente no Verão e mais fresco no Inverno, em que se atingem temperaturas até 35°C, podendo registar até 120 dias com mais de 25°C no mês mais quente. No Inverno, acumula-se aí o ar frio, registando-se 30 dias com temperaturas negativas.

Incidindo no território de estudo, relativamente à sua topografia, este revela-se com bastantes desníveis sendo a sua cota mais baixa de 80m no limite sul de São Marcos e a mais elevada de 220m de altitude, em Colaride. A ribeira das Jardas, torna-se o elemento



hidrográfico mais relevante deste território, com nascente na Serra da Carregueira e estabelecendo a sua foz em Caxias.

Segundo Santos (2017), da confrontação entre a topografia e a ocupação edificada, relevam-se três situações:

- o predomínio da ocupação em áreas de meia-encosta (c/ exceção em Massamá Norte), sendo visível o ajustamento entre as formas de ocupação e a forma do terreno (por exemplo, na transição de Agualva para o Alto de Colaride);

- a evidência do traçado das linhas de água o recorte e delimitação de espaços edificados (por exemplo, nos vales que atravessam Agualva e a encosta Sul de Massamá);

- a existência de ocupações pontuais e/ou lineares ao longo da Ribeira das Jardas, com maior expressão nas baixas do Cacém e de Agualva, mas também com unidades industriais nos troços a sul.

A relação entre o Estuário do Tejo e o Atlântico e também a Serra de Sintra, que funciona como uma barreira orográfica e que proporciona a condensação do ar húmido marítimo, são fatores que influenciam e determinam o clima característico desta região, que em traços gerais se trata de um clima temperado mediterrânico.

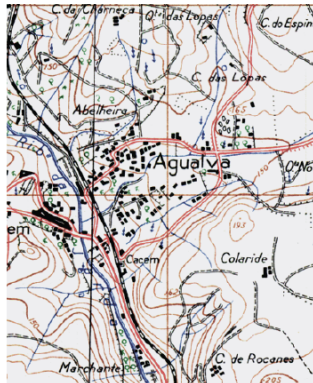


073  
(página anterior)  
Topografia e Rede Hidrográfica  
de Agualva-Cacém

074  
(página anterior)  
Hipsometria de Agualva-Cacém

075  
(nesta página)  
Configuração e topografia do  
vale da Ribeira das Jardas

Ainda relativamente à Ribeira das Jardas, ainda que elemento vertebrador da forma física do relevo, coluna dorsal do ciclo hidrológico e de circulação do ar da área envolvente e suporte do micro-mosaico de produção hortícola, por outro lado, constitui uma área sujeita a riscos naturais, devido à suscetibilidade de inundações, erosão hídrica do solo e deslizamento de terras. As linhas de água que atravessam este território apresentam-se encanadas em parte considerável do seu trajeto, nomeadamente nas áreas mais densas do tecido urbano.



### 3.3. Evolução Histórica e Urbana

Agualva e Cacém já eram povoadas no século XII, onde o curso da ribeira das Jardas demarcava os limites administrativos da altura. Nesse período Agualva e outros lugares da margem esquerda da ribeira pertenciam à freguesia de Belas, enquanto o Cacém e outros lugares da margem direita estavam integrados no termo de Sintra e faziam parte da freguesia de Rio de Mouro. Do património cultural deste território fazem parte a Gruta de Colaride que atualmente se encontra em avançado estado de degradação sendo a sua referência mais antiga datada de 1463, a Anta de Agualva que serviria de túmulo coletivo, classificada como monumento nacional e ainda o Tholos de Agualva, um tipo de monumento funerário, descoberto em 1951 (Junta de Freguesia de Agualva e Mira-Sintra, 2014).

91

O processo de povoamento e a ocupação deste território ocorreu com a implantação de diversas quintas no século XVIII, como a Quinta da Barroca, Quinta da Fidalga ou a Quinta do Tojal, implantações estas que foram acompanhadas pelo aparecimento de edificações dispersas do lado nascente da ribeira das Jardas. O Cacém desenvolvia-se, do lado poente, através de um aglomerado linear ao longo da estrada Lisboa-Sintra (Arrabaça, 2002).

076  
(página anterior)  
Carta Militar, 1946

077  
(página anterior)  
Carta Militar, 1965

078  
(página anterior)  
Carta Militar, 1993

079  
(página anterior)  
Carta Militar, 2009

O crescimento económico e demográfico e o desenvolvimento urbano deste território dá-se com a entrada em funcionamento da linha de caminho-de-ferro entre Lisboa e Sintra em 1887. Também o IC19, inaugurado em 1985 teve um papel fundamental no desenvolvimento rodoviário desta área, uma vez que permitiu uma maior acessibilidade e uma conseqüente redução da utilização do comboio.



Face a uma evolução temporal, segundo Santos (2017), nos anos 1940, Agualva-Cacém caracteriza-se pela sua compacidade num território marcadamente rural. A rede viária persiste inalterada relativamente ao que eram os itinerários do século XIX, apoiados na Estrada de Sintra. A linha ferroviária acomoda-se à topografia dos vales e as estações ocorrem em espaços ainda sem ocupação significativa na envolvente, sendo que as ligações viárias estabelecem as relações entre as estações e os pequenos aglomerados.

A partir de 1957, com a eletrificação da linha de Sintra, assiste-se a uma intensificação de movimentos pendulares com Lisboa. A mobilidade acrescida, combinada com custos de habitação relativamente baixos, levou ao desenvolvimento das primeiras operações de fracionamento urbano, ainda que em lógicas de pequena dimensão, assentes na edificação de moradias unifamiliares e de pequenos blocos de habitação coletiva. As vias convergentes nas estações ferroviárias ganham um maior destaque como suportes destas etapas de crescimento urbano, embora a sua matriz rústica se mantenha praticamente inalterada.

93

o80  
(página anterior)  
Fotografia sobre Agualva, 1950

o81  
(página anterior)  
Fotografia em Agualva, 1970

o82  
(página anterior)  
Fotografia do início das obras  
de construção do túnel em  
Agualva, 1979

o83  
(página anterior)  
Fotografia das cheias em  
Agualva (Rua Elias Garcia), 1983

o84  
(página anterior)  
Fotografia das cheias em  
Agualva, 1983

Nos anos 1990, a suburbanização ganha escala, e este território é protagonista de uma das mais expressivas formas de densificação urbana. A edificação em altura substitui as primeiras moradias, sem que o perfil do espaço urbano e a dotação de equipamentos e espaços abertos acompanhe de forma propositada esta intensificação do uso do solo. Nos espaços envolventes, surgem loteamentos industriais que tiram partido de uma rede viária proto-metropolitana e de uma melhoria nas condições de abastecimento elétrico. Nos anos 2010 reconhece-se um fenómeno associado à colmatção e preenchimento de áreas disponíveis, muitas vezes substituindo antigos edifícios nas zonas mais centrais. É também perceptível uma alteração na organização dos espaços de consumo e de atividades económicas, com o aumento de edifícios pavilhonares





1990



2007



associados ao retalho, servidos por parques de estacionamento menos fronteiros face ao tecido edificado.

Segundo Arrabaça (2002), a cidade construída apresenta uma grande diversidade e fragmentação dadas pela elevada densidade de construção e baixa proporção de espaços públicos. Aqui não existiu um planeamento eficaz e os estudos urbanísticos assumiram pouco relevo, tendendo a servir para justificar ocupações pontuais. Assim, estes territórios enfrentem problemas decorrentes da multiplicação de barreiras infraestruturais e das frequentes falhas e serviços urbanos insuficientes. A rotura morfológica compromete também, a vários níveis, a integridade espacial e contribui assim à proliferação de espaços vagos e sem uso expectável. Estas formas de fragmentação reproduzem-se ao nível socio-espacial, e traduzem-se em situações de exclusão, bem como de diversos riscos ambientais (Santos, 2017).

**o85**

(página anterior)  
Evolução da rede viária e edificado em Aqualva, 1940

**o86**

(página anterior)  
Evolução da rede viária e edificado em Aqualva, 1960

**o87**

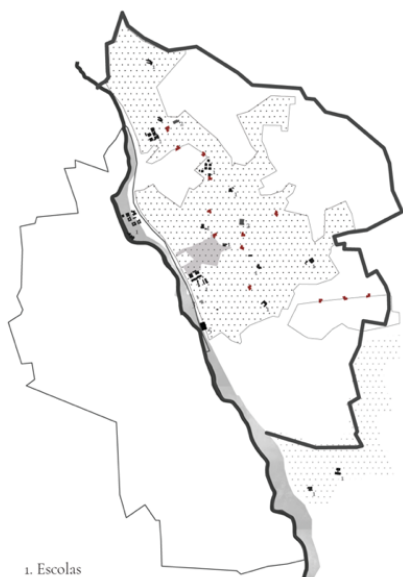
(página anterior)  
Evolução da rede viária e edificado em Aqualva, 1990

**o88**

(página anterior)  
Evolução da rede viária e edificado em Aqualva, 2007

**o89**

(página anterior)  
Lógicas de parcelamento: 1 - Núcleos antigos; 2 - Agregação linear; 3 - Parcela isolada



- 1. Escolas
- 2. Mercados
- 3. Centro de Saúde
- Paragens de Autocarro
- ▨ Área Residencial
- Núcleo Histórico de Aqualva



- Núcleo Histórico de Aqualva
- ▨ Área Residencial
- ▨ Área Industrial
- ▨ Espaços abertos sem edificação

98



- Rede viária
- Parques de Estacionamento
- Núcleo Histórico de Aqualva



- Áreas Verdes
- Áreas de Mato

### 3.4. As componentes do mosaico territorial

Face a uma análise das características do território, incidindo sobre os espaços abertos como recursos, elementos de rotura ou recomposição, é perceptível no território a subsistência de áreas de dimensão considerável sem ocupação edificada, apresentando-se com reduzido aproveitamento. Quando observados na relação com os espaços urbanizados, destaca-se o progressivo recorte e diminuição dos espaços abertos, à medida que, parcela a parcela, se operavam loteamentos de dimensão variável. A condição topográfica também contribui de forma significativa para este fator de descontinuidade, em que parte significativa destas áreas estão sujeitas a riscos de erosão hídrica dos solos e instabilidade de vertentes. Os declives traduzem-se em descontinuidades espaciais e obstáculos à acessibilidade pedonal e utilização confortável do espaço público.

99

090  
(página anterior)  
Equipamentos e serviços  
existentes em Aqualva

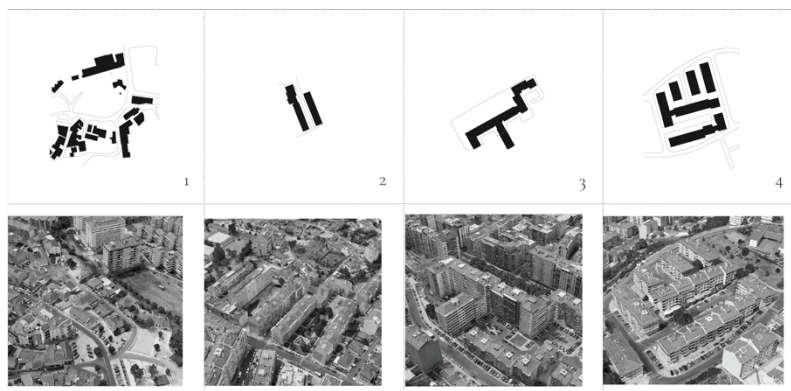
091  
(página anterior)  
Classificação dos espaços em  
Aqualva

092  
(página anterior)  
Rede viária e parques de  
estacionamento em Aqualva

093  
(página anterior)  
Espaços verdes em Aqualva

A sucessão vertiginosa de loteamentos de iniciativa privada que caracteriza o crescimento urbano de Aqualva-Cacém, traduziu-se numa carência relativamente à dotação de espaços públicos, de recreio e lazer. Tendo sido esta preocupação de natureza ambiental desde cedo secundarizada, os espaços verdes urbanos e as bolsas verdes, quando existem, resumem-se a pequenos canteiros que ocupam as áreas sobrantes da estrutura edificada, incapazes, portanto, de configurar uma estrutura verde integradora.

O intenso crescimento urbano que caracterizou este território constituiu um desafio para a dotação dos equipamentos sociais necessários. Os perímetros dos equipamentos escolares compõem de



Núcleo antigo, agregado linearmente a vias de traçado irregular e com alargamentos pontuais

Tecido estruturado transversalmente a via existente, com ligação viária direta

Tecido associado a abertura de nova via estruturante de aglomerado urbano, segundo sequência de loteamentos de pequena/média dimensão

Tecido estruturado sem ligação a via pré-existente

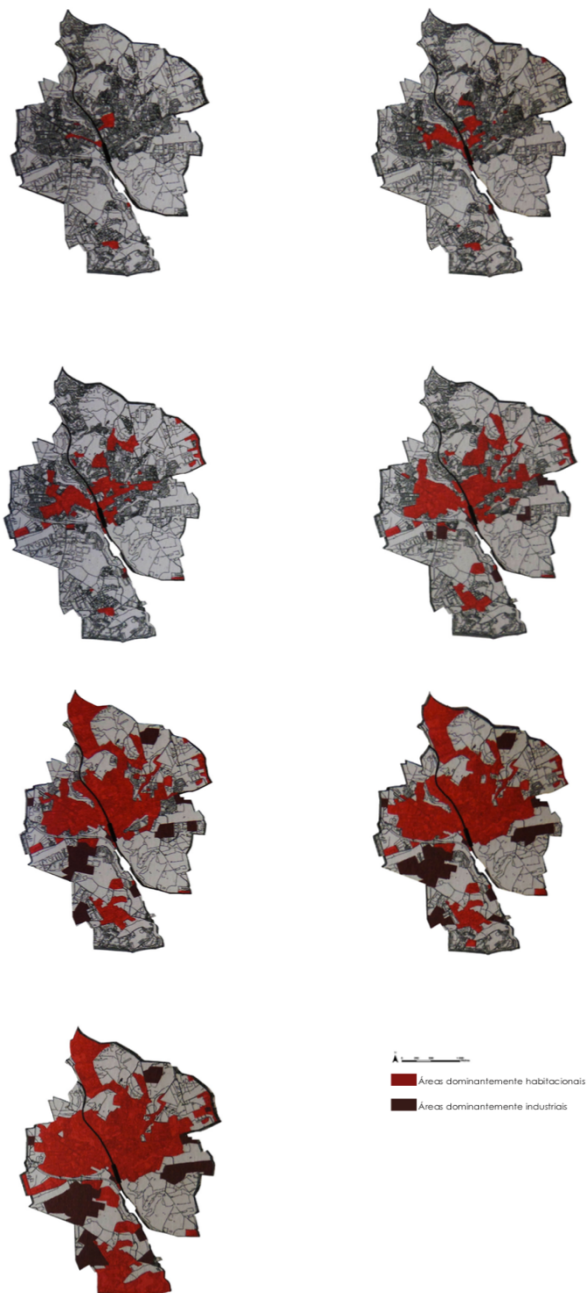
forma visível o território segundo um padrão de recinto fechado e edificação pavilhonar e também a organização de espaços de consumo polarizados estabelecem relações diferenciadas com a sua envolvente urbana.

Ainda sobre a organização dos usos no espaço público, as áreas de circulação automóvel e as bolsas de estacionamento ganham um grande destaque a partir dos anos 1980. No núcleo antigo, as antigas ruas e alargamentos apresentam uma diferenciação onde a circulação automóvel e o estacionamento são reduzidos a dimensões mínimas, na sequência de obras de requalificação urbana. Nos tecidos da primeira suburbanização da década de 1950 a 1970, o espaço público é tendencialmente reduzido a linhas paralelas de via automóvel, algum estacionamento e passeios relativamente estreitos. Nas ruas secundárias, a presença do espaço verde reduz-se sendo quase integralmente substituído por bolsas de estacionamento.

101

Face à relação do processo de formação com o suporte viário, tal como referido anteriormente, é perceptível a forte relação entre as formas de urbanização e as antigas linhas viárias que organizavam este território antes do processo de metropolização. Assim, o espaço público assenta, fundamentalmente na rede viária como suporte contínuo da circulação e do domínio público. No núcleo antigo de Agualva observa-se uma relação sedimentada de conformação do aglomerado a partir da geometria irregular e compacta da rede viária, em função da sequência de micro-singularidades.

Na primeira, segunda e última amostra do esquema da página anterior, traçam-se casos em que a urbanização é lançada a partir de ligações transversais ou caminhos pré-existentes. A terceira amostra trata-se de espaços públicos apoiados num novo elemento da rede viária, refletindo-se num controlo mais regrado e hierarquizado de usos, partição e proporções do espaço público.



### 3.5. Caracterização Socioeconómica

Segundo Gaspar (2005), é possível observar que existe uma relação direta entre urbanização e o desenvolvimento socioeconómico, uma vez que só assim é possível a consolidação como espaço habitável. É fundamental considerar os elementos da geografia humana que participam no processo de reconhecimento do espaço como um todo, implicando o estudo do enquadramento social da população como indivíduos que habitam o espaço e o transformam continuamente.

Como referido anteriormente, o território de estudo integra, maioritariamente o município de Sintra, que constitui em termos populacionais, o segundo maior município da AML.

095  
(página anterior)  
Evolução de áreas construídas  
de 1900

096  
(página anterior)  
Evolução de áreas construídas  
de 1940

097  
(página anterior)  
Evolução de áreas construídas  
de 1960

098  
(página anterior)  
Evolução de áreas construídas  
de 1970

099  
(página anterior)  
Evolução de áreas construídas  
de 1981

100  
(página anterior)  
Evolução de áreas construídas  
de 1991

101  
(página anterior)  
Evolução de áreas construídas  
de 2001

Esta unidade territorial, que para além dos lugares que lhe dão nome engloba ainda Mira-Sintra e São Marcos, constitui um produto das profundas transformações urbanas que ocorreram ao longo da segunda metade do século XX, tendo adquirido o estatuto de cidade muito recentemente.

Segundo os indicadores com base em informação censitária apresentados de seguida, segundo Santos (2017), podemos verificar que a densidade populacional apresenta valores muito elevados, em particular nos casos do Cacém (203), Massamá (223) e Agualva (188), em comparação com a cidade de Lisboa, que apresenta uma densidade média de 118. Este indicador é também acompanhado por uma elevada densidade de alojamentos por edifício, refletindo uma predominância da construção em altura de habitação coletiva, com



104

Indicadores	Cacém	Agualva	São Marcos	Massamá	Sintra	Lisboa
1. Densidade de Edifícios	11,68	11,75	3,81	7,73	7,59	10,79
2. Densidade de Alojamentos por edifício	8,33	7,78	12,29	12,71	1,9	6,39
3. Densidade Habitacional	97,27	91,40	46,84	98,19	14,36	68,85
4. Proporção de Alojamentos Vagos	11,40 %	13,23	13,63 %	8,08 %		
5. Número Médio de Elementos por Família	2,58	2,56	2,63	2,68		
6. Densidade Populacional	203,61	188,93	100,15	223,42	22,91	118,08
7. Proporção da População com Ensino Superior Completo sobre a População ativa	13,96 %	16,39 %	16,97 %	32,73 %	46,69 %	55,73 %
8. Proporção de Estudantes sobre a População ativa	42,08 %	40,68 %	42,87 %	44,87 %		
9. Proporção de Reformados sobre a População ativa	34,30 %	33,27 %	8,48 %	22,84 %		
10. Proporção da População sem atividade Económica sobre a População ativa	62,47 %	60,04 %	26,51 %	49,07 %		
11. Proporção de Indivíduos que não sabem ler nem escrever sobre a População Residente	1,90 %	1,64 %	1,11 %	1,06 %		
12. Taxa de Desemprego	14,72 %	14,74 %	12,49 %	11,77 %	10,25 %	11,88 %
13. Proporção de Indivíduos empregados no sector primário sobre a População Empregada	0,19 %	0,19 %	0,16 %	0,13 %	0,50 %	0,28 %
14. Proporção de Indivíduos empregados no sector secundário sobre a População Empregada	19,87 %	18,27 %	16,74 %	13,98 %	15,16 %	10,90 %
15. Proporção de Indivíduos empregados no sector terciário sobre a População Empregada	79,94 %	81,54 %	83,11 %	85,89 %	84,34 %	88,81 %
16. Proporção de Estudantes com Escola no Município de Residência sobre total de Estudantes	82,26 %	80,12 %	65,63 %	75,37 %		
17. Proporção de Indivíduos empregados que trabalham no Município de Residência	42,80 %	41,78 %	30,75 %	35,72 %	63,04 %	77,00 %

valores médios de 12 alojamentos em Massamá e São Marcos e cerca de 8 em Agualva e Cacém.

Relativamente à idade e qualificação da população residente, as áreas do Cacém e Agualva apresentam padrões muito similares, com uma população espacialmente mesclada em termos de idade e de qualificação, embora com traços claros de envelhecimento e presença considerável de população reformada, quando comparada com outros assentamentos da AML.

Ao nível da localização do emprego, verifica-se que nas áreas densamente habitadas e de génese recente de Massamá e São Marcos, a proporção de residentes que não se desloca para outro município para trabalhar é significativamente baixa (30% a 35%), quando comparada com Cacém e Agualva (40% a 45%). No território de estudo e no Cacém assinala-se níveis consideráveis de população empregada no setor secundário, quando comparados com centros urbanos mais terciarizados da AML.

As taxas de desemprego revelam tendências de distribuição geográfica que penalizam as áreas do Cacém e de Agualva, reduzindo-se nas áreas de formação mais recente e população mais jovem de Massamá Norte.

102  
(página anterior)  
Evolução da densidade  
habitacional por subsecção  
estatística de Agualva (1991,  
2001 e 2011)

103  
(página anterior)  
Evolução da densidade  
populacional por subsecção  
estatística da área de Agualva  
(1991, 2001 e 2011)

104  
(página anterior)  
Indicadores com base em  
informação censitária



### 3.6. Os planos, programas e projetos urbanos

A análise dos instrumentos de planejamento e gestão urbanística do território de estudo permite uma leitura de base que orientou a sua transformação urbana. Identificaram-se assim linhas de orientação estratégica, nomeadamente de modelos territoriais e de elementos de estruturação. Esta análise torna-se fundamental para perspetivar cenários futuros para o território e antecipar áreas com potencial ou situações de fragilidade.

Neste subcapítulo serão abordados os planos, programas e projetos existentes que afetam diretamente o território de estudo.



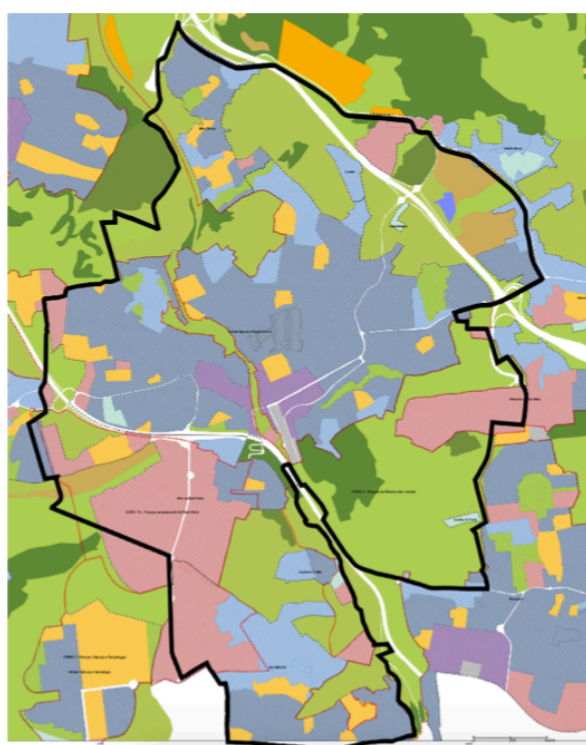
### 3.6.1 Plano Diretor Municipal de Sintra (PDMS)

Como consta do PDM de Sintra de 1994, a área de estudo apresenta-se predominantemente repartida entre três classes de espaço: espaços urbanos, espaços urbanizáveis e espaços industriais. Parte considerável dos espaços urbanos, embora não confrontados como ocupados, são-no já através de compromissos urbanísticos materializados ao longo do final da década de 80 e 90.

Relativamente ao território em estudo, a classificação e qualificação do solo urbano regista, na sua maioria, segundo esta revisão, espaços habitacionais pertencentes a áreas consolidadas, espaços habitacionais que correspondem a áreas de uso dominante habitacional, espaços centrais que correspondem a espaços multifuncionais de usos mistos com características e funções de centralidade e os espaços verdes correspondem a áreas com função de equilíbrio ambiental, de proteção e valorização paisagística.

109

Apresenta-se uma estratégia de alteração do paradigma dominante de gestão da transformação do território, refletindo sobre a experiência das últimas décadas. Assim, aposta-se sobretudo na contenção urbana e na estruturação de uma rede de espaços abertos que alarga a área classificada como solo rústico. Do ponto de vista de zonamento, a revisão do PDM reconhece espaços urbanos e industriais existentes, consolidando o seu perímetro, sendo mais diferenciados na qualificação do solo rústico - onde estabelece vocações mais específicas: espaços naturais, espaços florestais, espaços agrícolas com graus diferenciados de compatibilidade de usos. Na camada infraestrutural regista-se também uma contenção das obras programadas na área de estudo, com manutenção apenas da Circular Poente a Cacém-Agualva, no troço a sul do IC19. Relativamente à rede viária, estabiliza-se assim, uma situação de



Classificação e qualificação do solo

Qualificação do solo rústico

Categorias

- Espaços naturais 1
- Espaços naturais 2
- Espaços naturais 3
- Espaços florestais 1
- Espaços florestais 2
- Espaços agrícolas
- Espaços de equipamentos e infraestruturas
- Espaços de ocupação turística
- Espaços de atividades industriais
- Exploração de recursos

Qualificação do solo urbano

Categorias

- Espaços centrais
- Espaços habitacionais 1
- Espaços habitacionais 2
- Espaços urbanos de baixa densidade
- Espaços de atividades económicas
- Espaços turísticos
- Equipamentos
- Infraestruturas estruturantes
- Espaços verdes urbanos

descontinuidade entre as encostas poente e nascente da Ribeira das Jardas, contribuindo para o estrangulamento recorrente hoje em dia, dos nós existentes no Cacém.

Está prevista nesta revisão do PDM a definição de uma UOPG para implementação do Parque da Ribeira das Jardas, dando continuidade ao parque urbano existente no Cacém, através de intervenções de acesso a meios suaves, com recurso a programas seminaturais e algum equipamento dos sistemas naturais associados à ribeira.



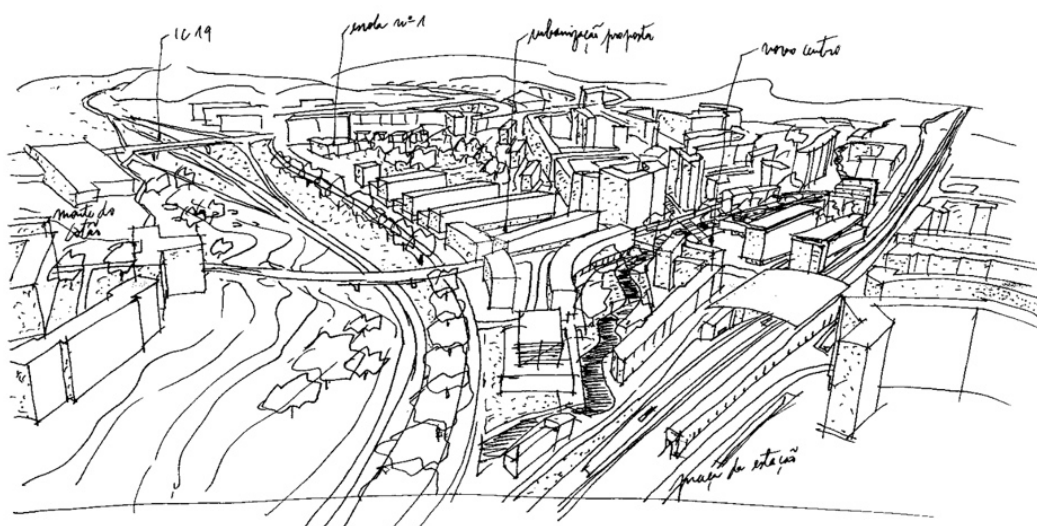
### 3.6.2 Programa Estratégico de Reabilitação Urbana de Agualva

Segundo o relatório referente ao Programa Estratégico de Reabilitação Urbana de Agualva (2015), a delimitação da ARU de Agualva tem como principais objetivos o reforço das áreas de intervenção prioritárias favorecendo o carácter identitário dos lugares, beneficiar os espaços de circulação pedonal e ordenar as áreas de estacionamento, valorizar os espaços coletivos de estadia, beneficiar das condições para a utilização de modos de transporte suave e beneficiar os espaços verdes, incentivando a reabilitação de edificado e a reabilitação de equipamentos de utilização coletiva.

Esta ARU abrange património arquitetónico inventariado entre outros elementos patrimoniais com valor identitário para a população local e que poderão funcionar como elementos complementares de estruturação do espaço público, passando pela valorização do seu espaço envolvente, de modo a potenciar as externalidades positivas da intervenção. Segundo o Relatório do Programa Estratégico (2015), a caracterização global da delimitação do espaço possibilita a identificação de pontos chave da estrutura urbana e organização territorial de Agualva, onde a mobilização de recursos para intervir tem potencialmente efeitos geradores de externalidades positivas para a valorização e requalificação de Agualva. Foram, assim, identificadas quatro áreas de intervenção prioritárias, que carecem de intervenções de requalificação do espaço público e do edificado mais urgentes. Estas áreas foram delimitadas segundo as suas características comerciais, pelo seu simbolismo e património e também pela necessidade de intervenção em espaços urbanos muito solicitados, ou abandonados, onde a intervenção no espaço público promoverá uma melhoria substancial da qualidade do espaço urbano e de vida das populações locais.

106  
(página anterior)  
Património identificado na  
ARU de Agualva

107  
(página anterior)  
Delimitação das Áreas de  
Intervenção Prioritárias



### 3.6.3 Plano de Pormenor da Área Central do Cacém/ Programa Polis

O Plano de Pormenor da Área Central do Cacém foi aprovado em 2003 no âmbito do Programa Polis (programa de qualificação ambiental e urbano, financiado não só pelo Estado como também pela União Europeia) com o objetivo de reestruturar e conferir legibilidade morfológica e coerência funcional a uma área caracterizada por situações de fragmentação, descontinuidade e desarticulação.



O plano assentava em quatro tipos de intervenção: na reorganização da interface ferro-rodoviária, na reorganização, otimização e qualificação do sistema viário e pedonal, na reestruturação fundiária associada à colmatação e remate de tecidos urbanos fragmentários e por fim, na regularização da Ribeira das Jardas e estruturação do parque urbano linear ao longo das suas margens.

O desenvolvimento deste projeto ambicionava melhorar a mobilidade e acessibilidade, a valorização dos espaços públicos, o crescimento urbano organizado com novas regras referentes ao mercado imobiliário e por fim, a revitalização da vida comunitária. Assim, através deste plano reformularam-se diversos sistemas viários, promoveram-se negociações e reformulações de compromissos urbanísticos, propôs-se a demolição de edifícios que impediam uma nova concretização urbana como também a substituição de edifícios que se encontravam em mau estado de conservação.

108

(página anterior)

Esquízo da proposta do  
programa CacémPolis

109

(nesta página)

Planta da rede viária - Plano de  
Pormenor CacémPOLIS

110

(nesta página)

Planta Geral - Plano de  
Pormenor CacémPOLIS



### 3.7. Problemáticas e potencialidades

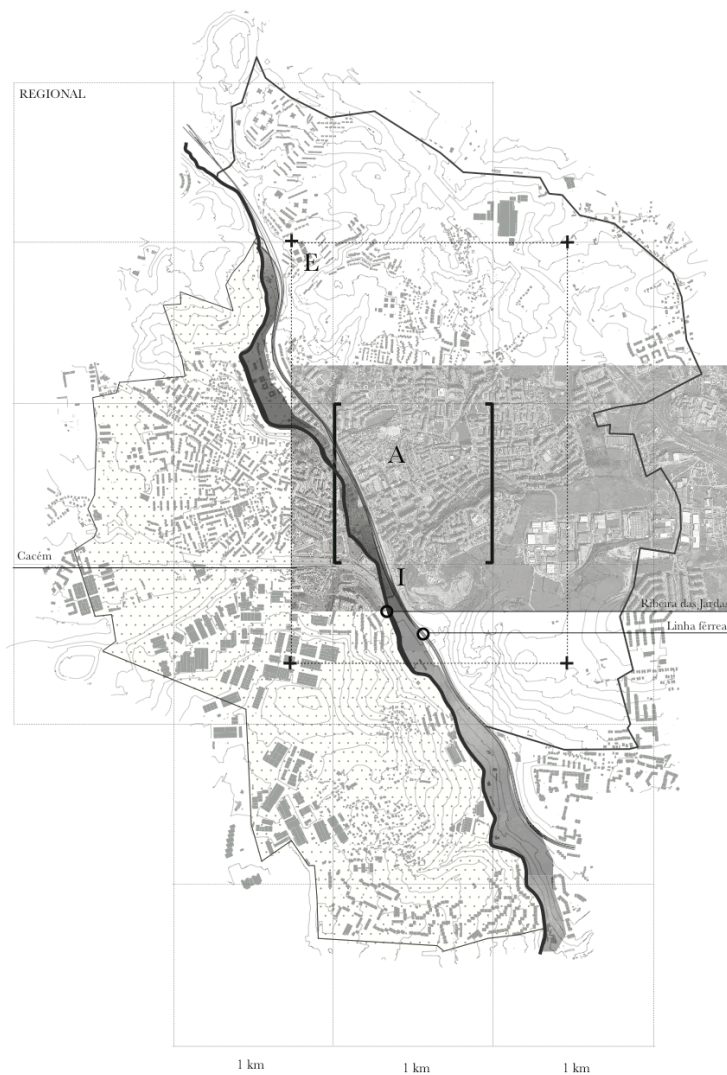
Este subcapítulo tem como objetivo a realização de uma síntese a partir de análises documentais, dos aspetos territoriais e da observação direta analisados ao longo do processo. Esta síntese torna-se numa ferramenta essencial para o desenvolvimento da proposta estratégica e consequentemente da proposta final.

Através da análise e caracterização do território e das suas principais potencialidades e problemáticas, é possível concluir que a área de estudo revela uma falta de identidade unificadora, em que os vários elementos da cidade se tornam ilegíveis quando vistos como um todo, e, como consequência, surgem debilidades ao nível do espaço público e das condições habitacionais.

117

Este território enfrenta também problemas decorrentes da multiplicação de barreiras infraestruturais e das frequentes falhas e insuficiências de serviços urbanos. Estes fatores aliados ao caráter habitacional que esta área possui, traduzem-se em quebras de continuidade urbana que podem ser colmatadas através da conexão e articulação do tecido urbano.

A carência de um desenho urbano que estimule uma sensação de conforto e segurança parece ser uma ameaça ao nível do espaço público, que não revela capacidade de cativar as pessoas a nele permanecerem. Esta falta da escala humana, de vizinhança, provocada pelas construções mais recentes, deve ser tida como uma problemática que urge em ser contrariada, capacitando lugares significantes. Neste sentido, a qualificação do espaço público relacionado com a resolução de barreiras infraestruturais pode potenciar uma melhoria significativa das vivências neste território,



- |  |  |   |
|--|--|---|
| <p><b>E</b> <i>Área de abrangência da estratégia de intervenção</i></p> <p>Leitura do território e introdução de eixos estratégicos no contexto urbano que possibilitou o ato de projetar.</p> | <p><b>A</b> <i>Área de intervenção</i></p> <p>O núcleo antigo de Agualva engloba a área abrangida entre a Quinta da Fidalga e a Avenida dos Bons Amigos, mais especificamente.</p> | <p><b>I</b> <i>Infraestruturas preexistentes</i></p> <p>Duas infraestruturas principais (linha férrea e via rápida) tornam o território acessível e conectam-no aos adjacentes.</p> |
|--|--|---|

oferecendo novas zonas de estadia associadas ao lazer e percursos adaptados ao peão, melhorando a ligação e a conectividade entre as diversas partes da cidade.

Segundo Santos (2017), coloca-se a hipótese de que estas paisagens da fragmentação metropolitana contenham em si os elementos para uma potencial regeneração multi-escalar e multidimensional, nomeadamente ao nível da contenção da expansão/dispersão urbana, da redefinição de limites e de formas de transição entre o urbano e o rural, da qualificação do espaço público como instrumento de promoção da mobilidade ativa, da inovação no domínio dos usos agrícolas e florestais em contexto urbano, e, por fim, no reforço da infraestrutura ecológica e dos serviços de ecossistema.

119

De modo a que a atratividade materializada nas intervenções que se propõem no desenvolvimento deste projeto ganhe sentido é necessária a construção de um programa que assegure o dinamismo pretendido, de modo a impedir que este lugar se mantenha um espaço estagnado na cidade. Para tal, surgem como potencialidades a requalificação dos espaços públicos preexistentes através da introdução de elementos sistematizados que confirmam ao aglomerado urbano uma nova imagem contínua e coesa, e a conceção de um novo equipamento capaz de regenerar o ambiente urbano, assim como fomentar a permanência e heterogeneidade de novos espaços propostos.



## 4. O Projeto

121

Com base nos princípios teóricos analisados nos capítulos anteriores, pretende-se a consolidação de uma proposta urbana e arquitetónica que tenha como objetivo desafiar a estrutura pré-existente da cidade, conferindo-lhe um novo significado e uma nova leitura.

Neste sentido, será demonstrada a primeira abordagem ao local projetual e conseqüentemente como se desenvolveu o processo de procura e descoberta através do próprio ato de projetar. A intervenção num lugar seja este qual for, requer não só a compreensão do lugar específico, mas também de toda a sua envolvente. Assim, num segundo momento, apresenta-se o pensamento acerca do território de uma forma mais abrangente, à escala do aglomerado urbano, para que fosse possível o seu entendimento.



1. Melhorar a mobilidade / conectividade
2. Ligação com infraestruturas existentes
3. Reorganização do estacionamento
4. Requalificação do espaço público

200 m

<p><b>+</b> Pontos de interesse</p> <p>Destacam condições especiais e zonas específicas que traduzem possíveis intervenções de forma a criar novas configurações no desenho urbano.</p>	<p><b>■</b> Área de impacto</p> <p>Delimitação das áreas de intervenção prioritárias e consequentemente da sua abrangência, tendo em conta a escala local do território, aplicando diferentes densidades consoante as problemáticas identificadas.</p>	<p><b>Λ</b> Local de Intervenção</p> <p>Definido através dos principais eixos de intervenção que fazem a ligação entre o núcleo histórico de Agualva e a Av. dos Bons Amigos, procurando uma solução urbana/projetual adequada.</p>
---	--	---





## 4.1 Escala alargada

### 4.1.1 O Plano Urbano: entre Agualva antiga e a Avenida dos Bons Amigos

123

A estratégia de intervenção que aqui se desenvolve ambiciona marcar positivamente a vivência urbana e comunitária de um território com diversas fragilidades resultantes dos processos de fragmentação, com inúmeros casos de apropriação abusiva do espaço público, dificuldades a que acresciam uma topografia irregular e um traçado viário interno desatualizado e em mau estado de conservação. Partindo de uma situação inicial complexa, surgiram algumas premissas orientadoras deste projeto: reforçar o sentido comunitário da cidade, estabelecer uma solução uniformizadora e atender às muitas situações particulares, e contrariar a apropriação abusiva do espaço público, tornando-o moldável à apropriação quotidiana da comunidade. Para isto, tornou-se fundamental a reestruturação das acessibilidades, a redefinição dos espaços de uso coletivo e privado, e a introdução de uma solução formal sistematizadora do espaço público, em que se inclui o mobiliário urbano.



- |  |  |  |   |
|--|--|--|---|
| <p> <b>Áreas de intervenção prioritárias segundo o Programa Estratégico de Reabilitação de Aqualva</b></p> <p>1 - Núcleo Histórico de Aqualva<br/>2 - Baixa de Aqualva<br/>3 - Avenida D. Nuno Álvares Pereira<br/>4 - Baixa da Estação</p> | <p> <b>Pontos de interesse</b></p> <p>A - Parque Urbano da Quinta da Bela Vista<br/>B - Tholos de Aqualva<br/>C - Quinta da Fidalga<br/>D - Futuro Lago Urbano<br/>E - Complexo Desportivo e Anta de Aqualva<br/>F - Futuro Parque Arqueológico de Colaride<br/>G - Moinho da Pedra</p> | <p> <b>Reorganização do estacionamento</b></p> <p>Criação de passeios devidamente dimensionados com a proposta de novos parques de estacionamento subterrâneos<br/>Possibilidade de introdução de novo mobiliário urbano e de novos percursos que visam promover a dinamização da cidade.</p> | <p> <b>Qualificação do Espaço Público</b></p> <p>Redefinição dos pavimentos dos espaços públicos existentes que nunca funcionaram como tal.<br/>Liberar estes espaços do atravessamento ou da presença automóvel, passando a destinar-se apenas aos peões.<br/>Construção de muros que possibilitem a introdução de mobiliário urbano e que promovam a estadia e o convívio.</p> |
|--|--|--|---|





Assim, foram definidos como sistema de intervenção grupos de elementos urbanos que visam colmatar as problemáticas identificadas. Seguindo o mesmo conceito de organização espacial do caso de referência analisado anteriormente - *Parc de la Villette* - estes elementos são constituídos pelo grupo das *linhas*, que se traduzem nos *muros*, tendo como objetivo não só a requalificação dos que se encontram em mau estado de conservação como também a introdução de novos elementos que, organizados com uma certa sistematização se tornem elementos de mobiliário urbano e possibilitem novos espaços de estadia e convívio. No sentido de desenvolver uma sucessão contínua e coesa de acontecimentos públicos na cidade, torna-se necessária a criação de um percurso dotado de elementos que apresentam uma identidade singular, que permita a transição entre a cota alta e a cota baixa da cidade.

Para isto, foi definido também o grupo dos *pontos*, do qual fazem parte os *microequipamentos*, e que parte da introdução de módulos com uma matriz previamente definida e cuja função pode ser fixa ou temporária, associada ao momento de lazer do espaço público, reunindo condições de permanência e atratividade. Assim, estes módulos baseiam-se numa matriz de 15x6 metros, funcionando numa lógica de desconstrução, podendo ser facilmente adaptáveis: quiosques, zonas de cafeteria, pontos de comércio, estruturas de sombreamento, mobiliário urbano ou até instalações sanitárias públicas. A uniformização e a regra destes elementos subentende a variação e a subversão nos processos, expandindo as suas possibilidades.

127

Por último, o grupo das *superfícies*, no qual se traduzem as *praças* requalificadas, ambiciona a colmatação das fragilidades registadas: os passeios que se encontram em mau estado de conservação, o mobiliário urbano desajustado e que não responde às necessidades da população, a iluminação pública muitas vezes insuficiente e até

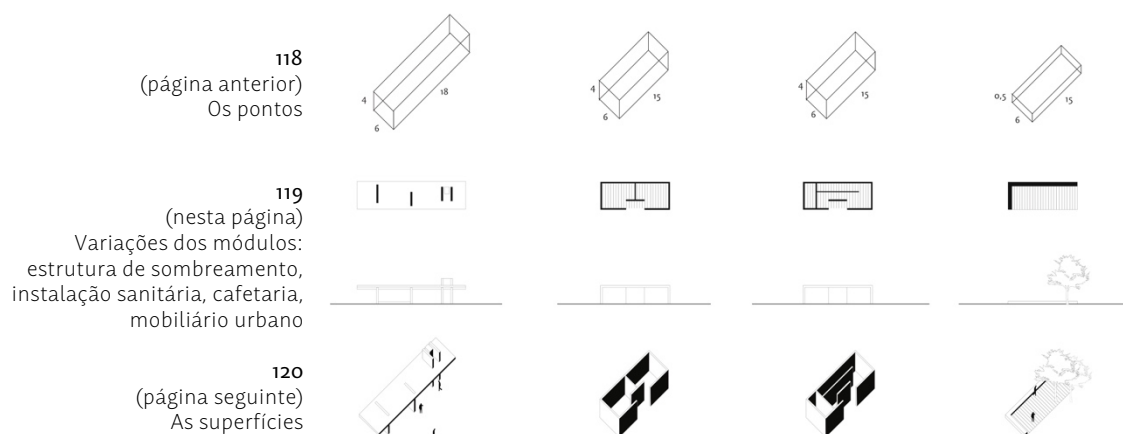


ooo  
Os pontos

mesmo a ausência de elementos verdes que ofereçam zonas de sombreamento à comunidade. Numa lógica de servir e auxiliar a integração na cidade, propõe-se a requalificação destes espaços dedicados ao lazer que como visto anteriormente, foram pouco valorizados por parte das políticas de administração urbana e merecem ser vistos como essenciais à vida da urbe e ao seu quotidiano. Estes elementos vão ser introduzidos em locais que se consideram particularmente relevantes e que foram previamente definidos segundo uma análise detalhada do local, por exemplo áreas que, pela sua localização geográfica, constituem um potencial elemento de articulação urbana, ou por exemplo em praças cujo desenho urbano se encontra desatualizado e os seus elementos constituintes em mau estado de conservação.

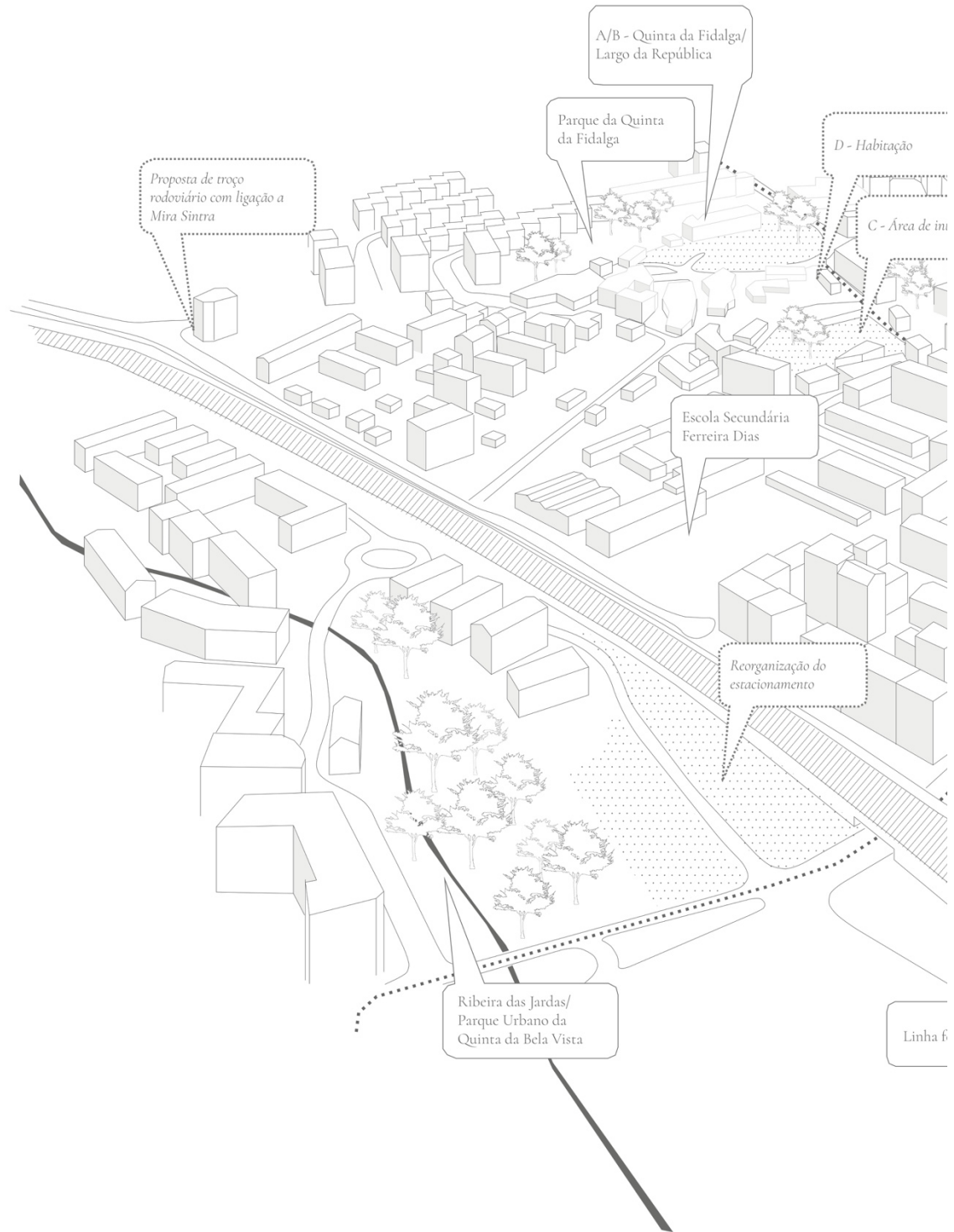
Este percurso que se cria, constituído por elementos que partilham da mesma expressão plástica e que unificam a linguagem da cidade, tem a finalidade de criar novos usos e dinâmicas urbanas de acordo com as necessidades da população e do lugar. Estes elementos introduzem na cidade a qualidade pretendida do espaço público, atraindo não só o uso destes espaços no quotidiano, mas também servindo como suporte qualificado dos eventos culturais que a cidade poderá receber.

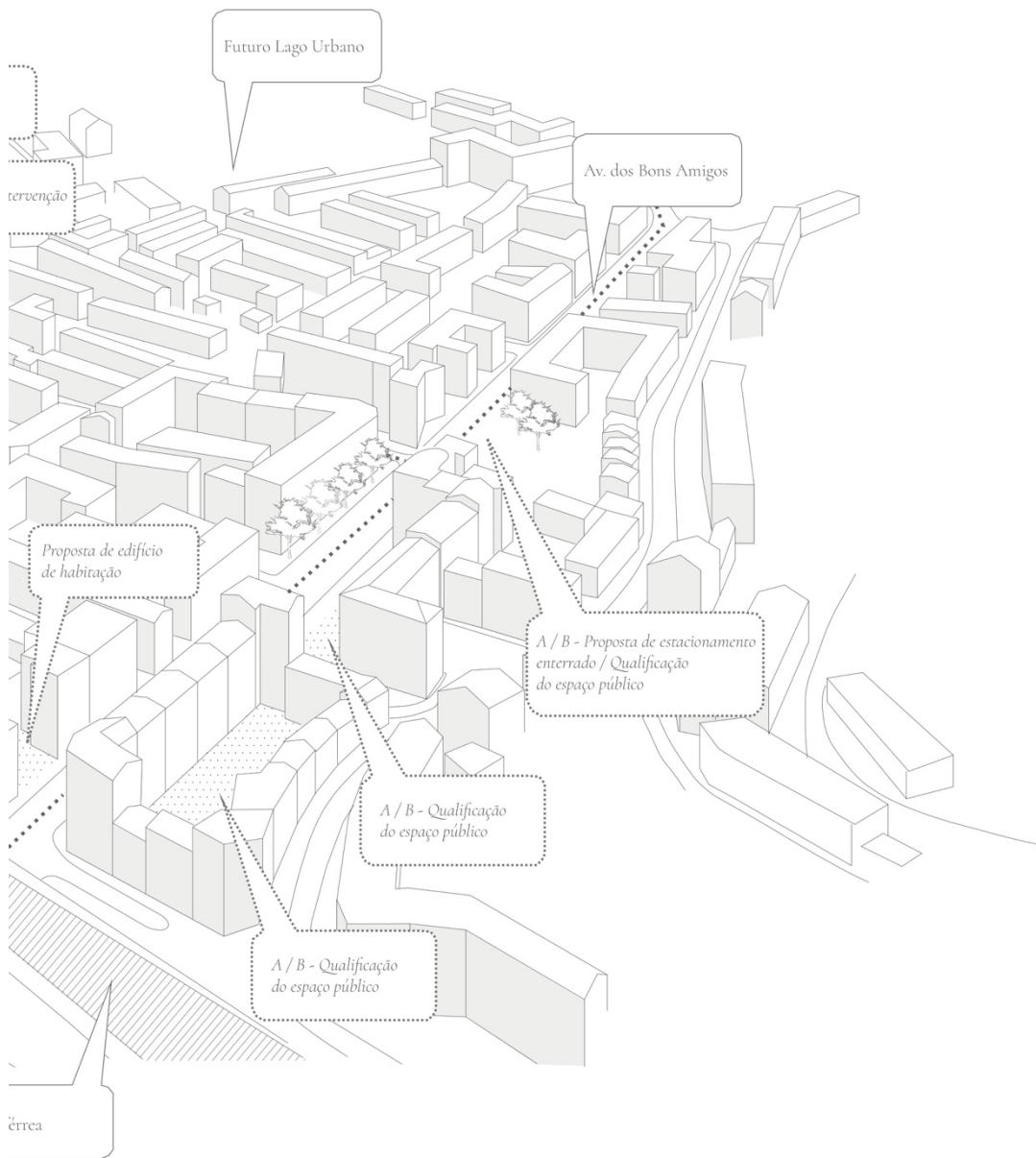
129











121  
 (página anterior)  
 Planta da intervenção  
 estratégica

122  
 (nesta página)  
 Indicação das intervenções  
 estratégicas



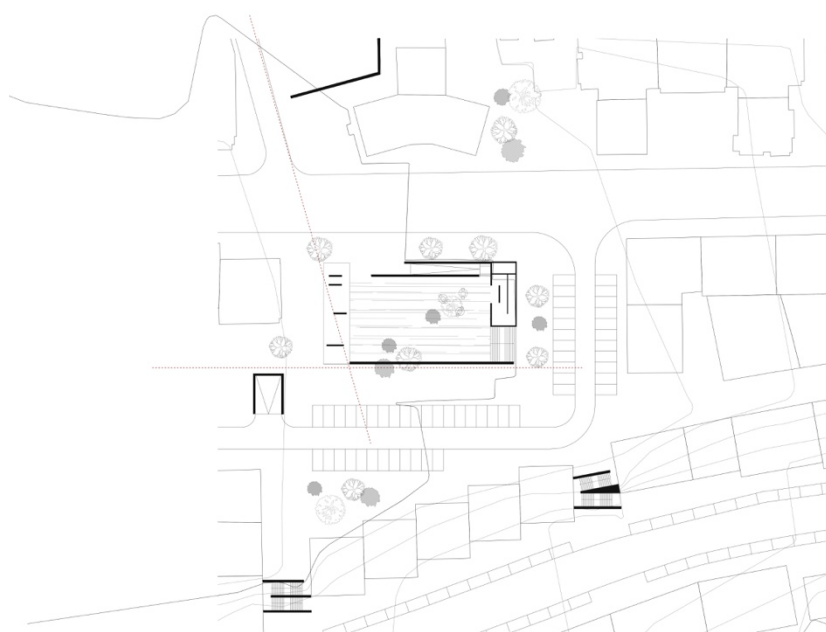
134



123  
Perspetiva da Avenida dos Bons  
Amigos

124  
Planta da requalificação da  
praça na Avenida dos Bons  
Amigos



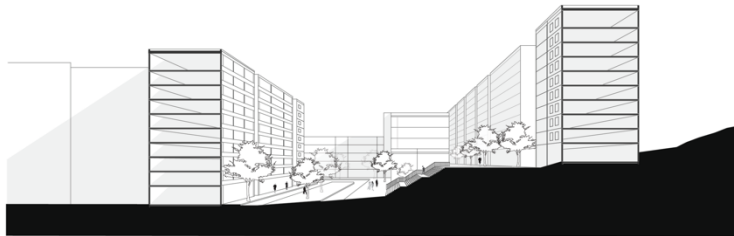
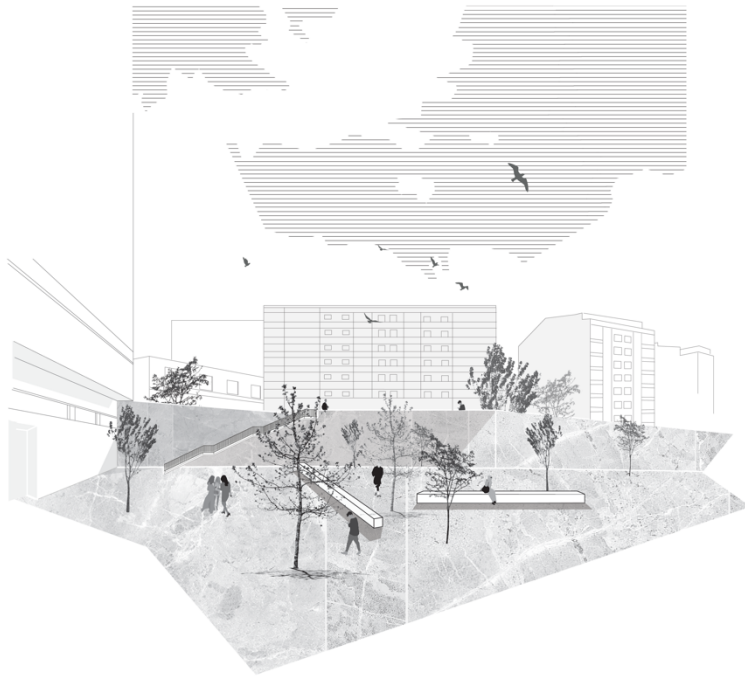


135

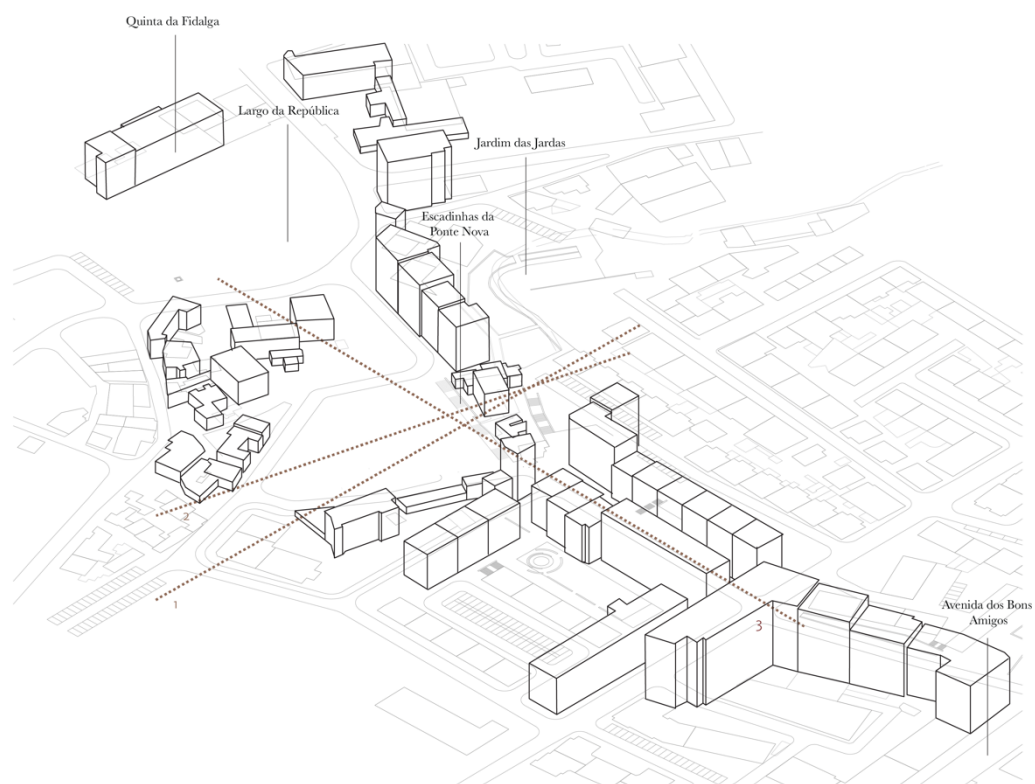
125  
Perspetiva da nova praça da  
Avenida dos Bons Amigos

126  
Planta da nova praça na Avenida  
dos Bons Amigos





0 25 50



**127**  
(página anterior)  
Perspetiva sobre a requalificação  
de escadarias na baixa de  
Agualva

**128**  
(página anterior)  
Corte perspectivado sobre a  
diferença de cotas na baixa de  
Agualva

**129**  
(página anterior)  
Corte ao longo da nova praça na  
Avenida dos Bons Amigos

**130**  
(página anterior)  
Corte transversal da nova praça  
na Avenida dos Bons Amigos

## 4.2 Escala aproximada

### 4.2.1 Conjunto residencial: entre o tecido urbano e os espaços intersticiais

Segundo Ching (1998), com o objetivo de compreender a estrutura física das nossas cidades, tendemos a organizar as variáveis urbanas em dois grupos opostos: o espaço edificado que se percebe como forma/cheio e o espaço não edificado (interstício) que se percebe como fundo/vazio. Acontece que o fundo ou o espaço não edificado tem também ele uma forma visual, cuja qualidade, dimensão e escala derivam por completo da definição dos seus limites por elementos formais.

A natureza destes espaços vai de encontro ao conceito de *in-between* discutido nos capítulos anteriores, e constituem-se como elementos agregadores que têm a capacidade de separar e ao mesmo tempo conectar espaços considerados principais. Esta relação de interligação entre as partes é uma qualidade estrutural que poderá ter um papel significativo no funcionamento de um sistema heterogéneo contínuo colocando-se a hipótese do potencial regenerativo através da intervenção em espaços intersticiais em áreas da cidade consolidada.

No caso do território de estudo, os espaços desta natureza evidenciam-se mais expressivamente na zona do núcleo histórico, resultado de um processo de formação urbana onde se observa uma *relação sedimentada de conformação do aglomerado a partir da geometria irregular e compacta da rede viária, em função da sequência de micro-singularidades* (Santos, 2017), e traduzem-se em becos, travessas ou logradouros na maioria dos casos.

131  
(página anterior)  
Os eixos de intervenção

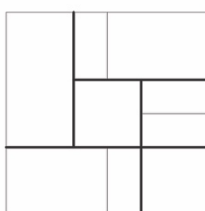
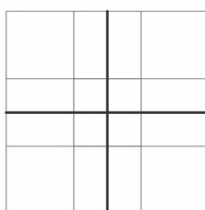
132  
(página seguinte)  
Tipologias da habitação: piso 0,  
piso 1, alçado



Remetendo ao passado rural e às vivendas que marcam o início do crescimento urbano deste território, esta proposta incide na exploração de hipóteses habitacionais que se relacionem diretamente com estes espaços intersticiais. Propõem-se duas tipologias habitacionais seguindo o conceito de casas-pátio, que vai de encontro à génese do local. Idealiza-se um corpo que confere expressão programática e se molda ao edificado envolvente, edificando o limite da rua do eixo sob o qual se está a intervir.

No sentido de redefinir esta frente de rua e de lhe dar continuidade, as habitações que aqui se propõem seguem uma matriz definida por três eixos cujas direções correspondem às do tecido envolvente, e desenvolvem-se segundo um base quadrangular de 12x12m. Pretende-se desta forma desenvolver tipologias em que os pátios estabeleçam uma relação tanto com o interior como com o exterior, de carácter unifamiliar, respeitando a escala e as relações espaciais e sociais existentes.

141

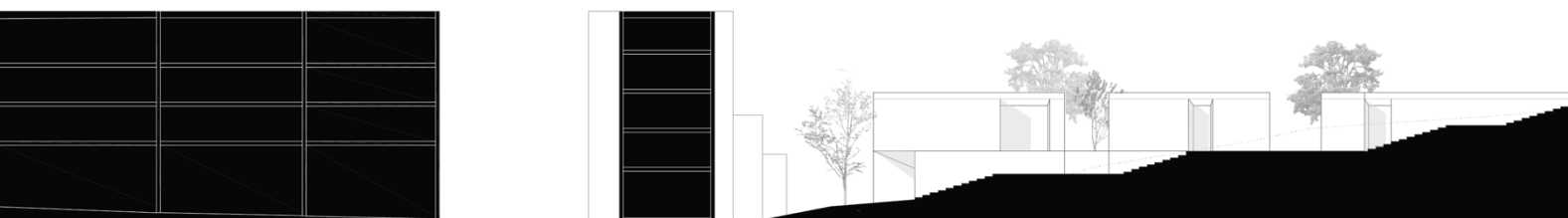


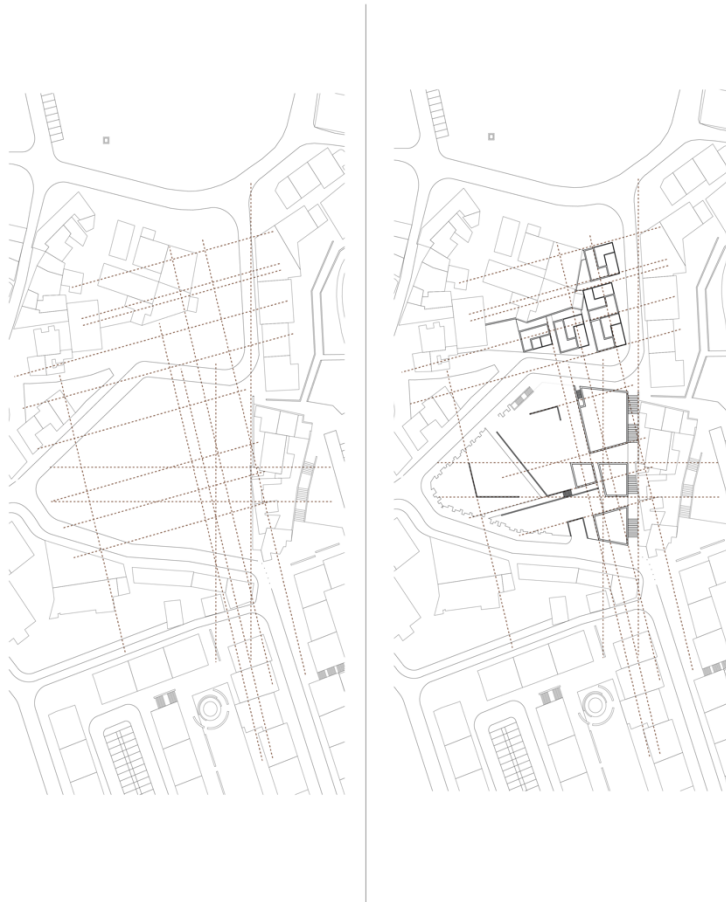
Ambas as tipologias apresentam terraços no segundo nível, e foram pensadas de forma a permitir a construção de mais quartos, de acordo com as possibilidades de cada família. Assim, a estrutura funcional e espacial da habitação mantém-se como elemento fixo, possibilitando diversas adaptações com o tempo e uso dos seus habitantes.

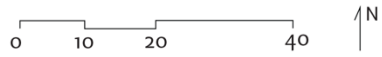
Na conceção da relação entre esta proposta e o existente, os espaços intersticiais que deles resultam são pensados como zonas de estar e de permanência, uma vez que podem ser utilizadas como um prolongamento do interior para o exterior.

133  
(nesta página)  
Esquemas da matriz base da  
habitação

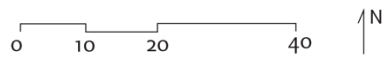
134  
(página seguinte)  
Perfil ao longo das escadinhas da  
Ponte Nova, até ao conjunto  
residencial proposto







136  
(nesta página)  
Planta de coberturas





#### 4.2.2 Centro Multifuncional: uma topografia habitada entre muros

Face a esta escala mais aproximada, foi essencial ao desenvolvimento deste projeto pensar qual e como pode o impacto de um projeto arquitetónico alterar as formas de viver e perceber a cidade. O Centro Multifuncional que aqui se propõe foi pensado numa lógica de responder às necessidades locais de forma a marcar positivamente a vivência urbana e comunitária da população. A conceção deste equipamento ambiciona não só assumir o papel de integração e desenvolvimento da cultura popular, como também reestruturar e reorganizar a cidade, funcionando como ponto de charneira entre o núcleo urbano e a cidade moderna, oferecendo-lhe um contexto no âmbito arquitetónico, social e cultural.

147

Em Agualva, o lazer está associado essencialmente a momentos de convívio pontuais e aos dias de festa na cidade, o que confere ao espaço público valor cénico e a cidade serve de cenário a este palco. Assim, o programa associado ao novo equipamento cultural procura assumir a integração e o desenvolvimento da cultura popular a uma escala territorial, sendo que, esta cultura, se explorada, permite retirá-la do isolamento em que atualmente se encontra.

Perante as premissas do desenho urbano apresentadas no capítulo referente à estratégia projetual, pretende-se explorar a capacidade de intermediação que este equipamento possa ter com a sua envolvente. O local escolhido para se intervir nestes termos, surge a partir da tentativa de conectar, duas partes distintas da cidade: o núcleo histórico, do qual fazem parte elementos significativos preexistentes da cidade, e a baixa de Agualva, aglomerado urbano mais recente que se caracteriza pela densa construção em altura e



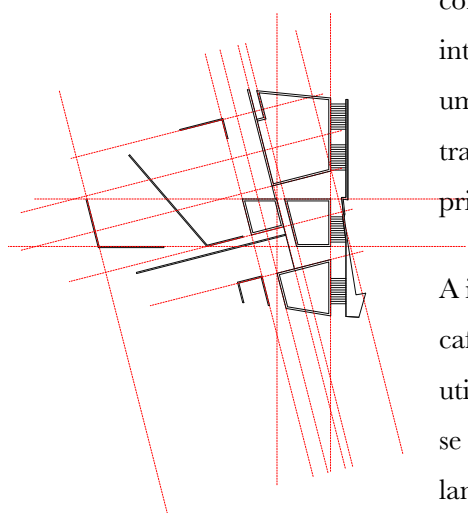
ooo  
Os eixos

onde os espaços públicos associados ao lazer são quase inexistentes ou se encontram em mau estado de conservação.

Assim, espera-se que a proposta de um Centro Multifuncional potencie as relações espaciais e morfológicas que o lugar estabelece com a sua envolvente, garantindo-lhe continuidade e que sirva de elemento articulador entre estes dois tipos de tecido urbano. O lote onde se propõe este novo equipamento trata-se de um espaço expectante da cidade, ao qual se encontra adossada uma escadaria que dá acesso ao Largo da República ou ao Jardim das Jardas mas que se encontra em avançado estado de degradação, não conferindo conforto ou segurança à comunidade, tornando-se assim um fator impulsionador à escolha do local de intervenção.

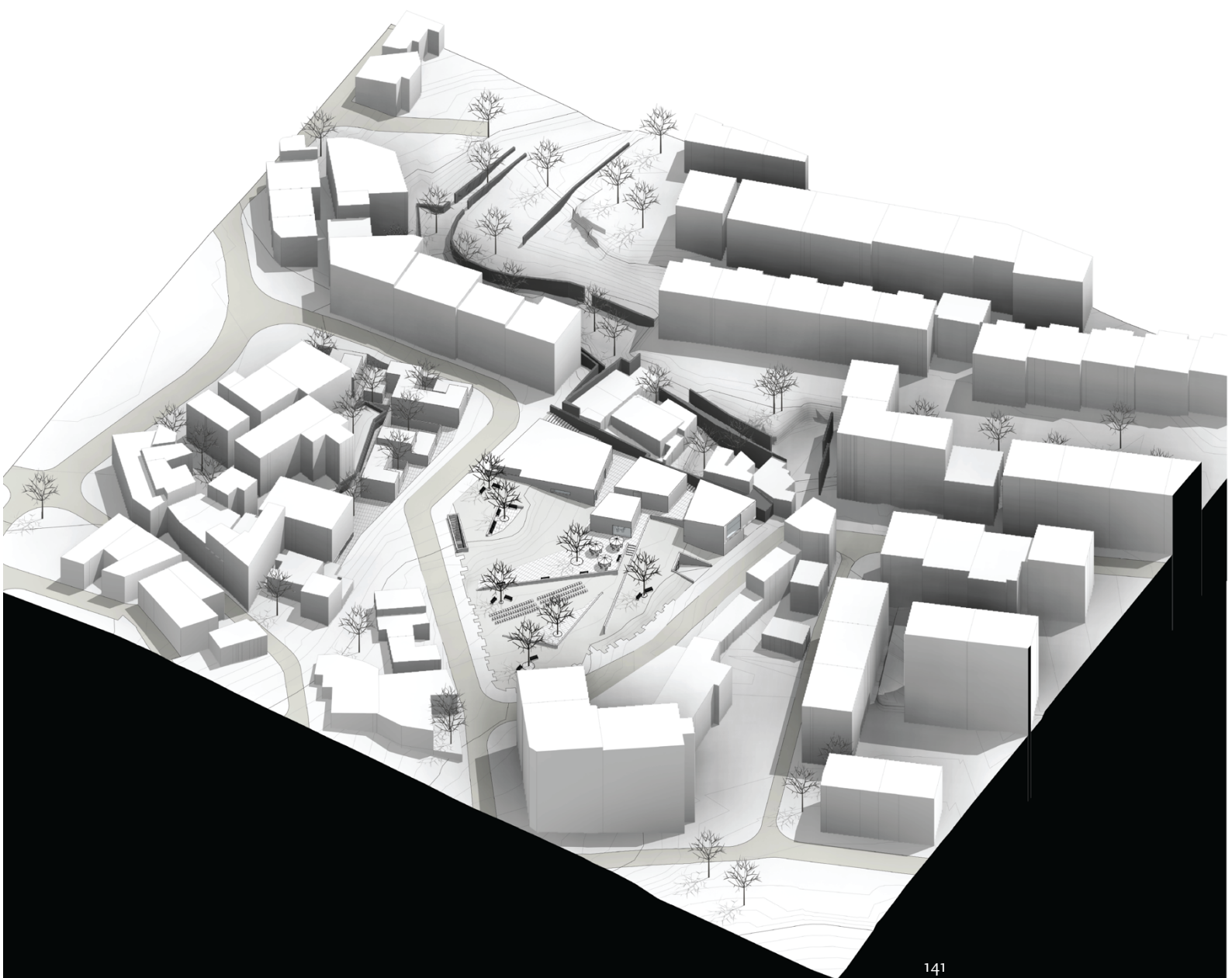
O desenho do equipamento e do espaço público que o complementa, na tentativa de potenciar uma articulação entre os traçados urbanos e conferir uma continuidade que até então foi descurada, teve como ponto de partida três eixos principais, os quais correspondem a três direções do tecido envolvente ao lote de intervenção. A partir deste conceito, este projeto ambiciona alcançar uma permeabilidade espacial e morfológica, tornando os espaços de transição entre interior/exterior e privado/público os elementos principais da conceção.

A integração de uma biblioteca e o seu arquivo, um auditório e uma cafetaria num único edifício tem a vantagem de potenciar a utilização dos espaços, sendo que o auditório pode também tornar-se numa sala de conferências ou num espaço destinado a apoiar lançamentos de livros organizados pela biblioteca. Este edifício permite que a circulação entre todos os espaços se faça à mesma cota e dê acesso direto à praça que se forma no exterior do edifício. Esta praça, definida também a partir dos eixos referidos anteriormente,



139  
(página anterior)  
Os eixos

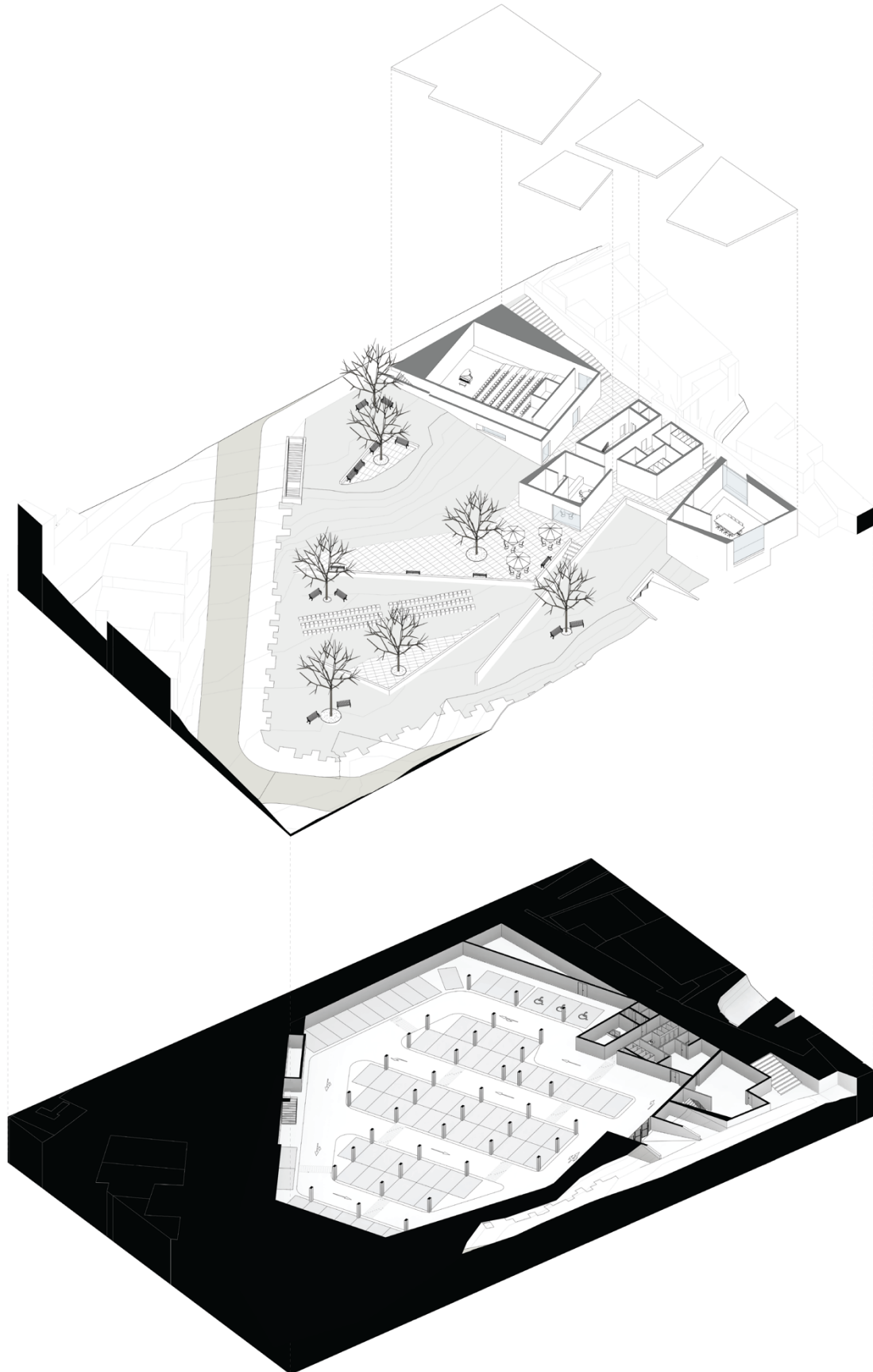
140  
(nesta página)  
A definição do edifício segundo  
os eixos

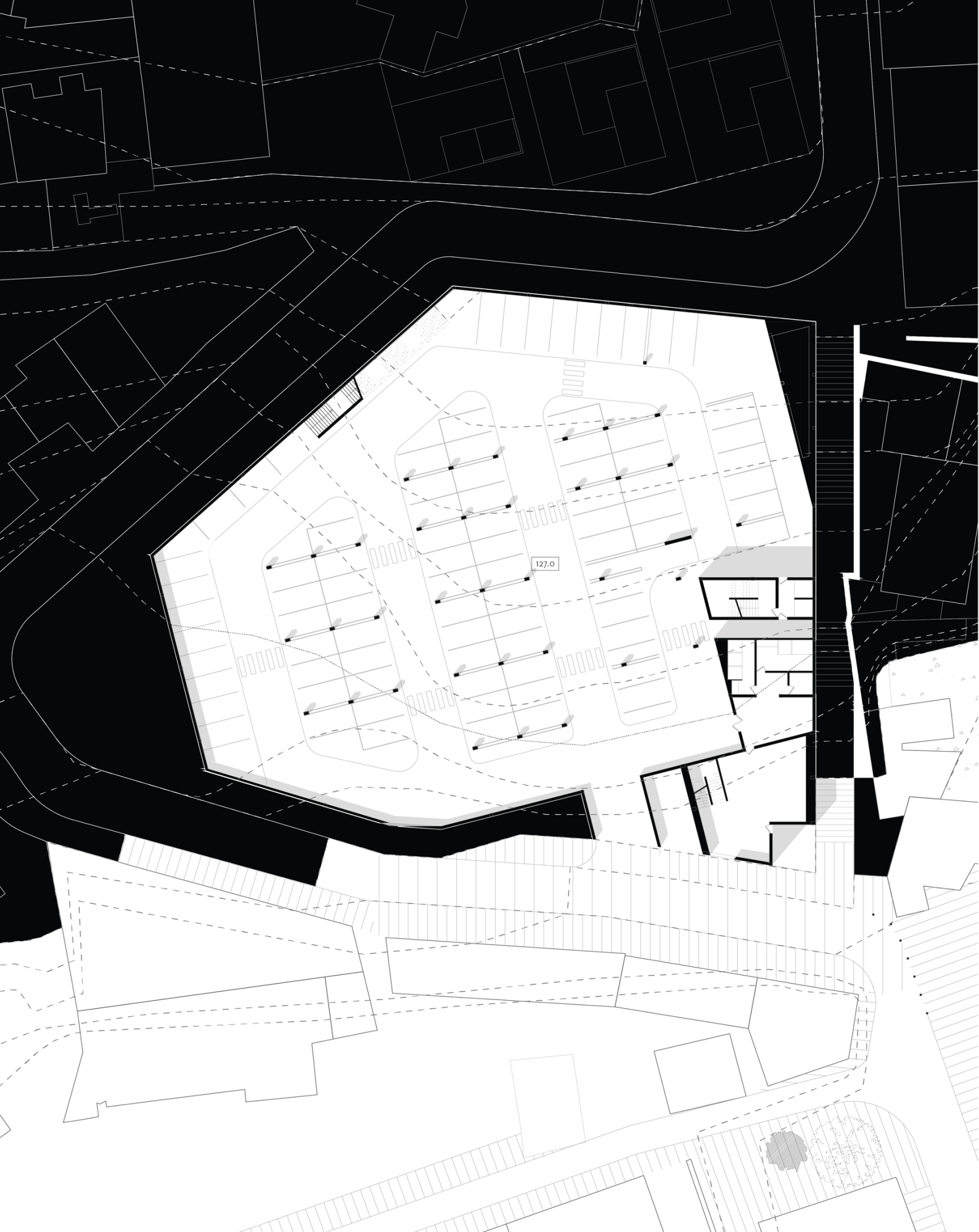


assume um papel central desta intervenção, uma vez que possibilita a transição entre interior/exterior e estabelece as direções do percurso neste novo espaço público, interligando todas as suas componentes: uma zona de esplanada que dá apoio à cafeteria, um auditório ao ar livre inserido no parque, zonas de passagem e de permanência.

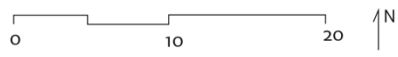
O espaço público aqui proposto permite a mobilidade entre a cota alta e a cota baixa do lote, e resulta da agregação entre os eixos previamente definidos e o próprio edifício, numa lógica de conectar os vários pontos de referência que aqui se propõem, criando percursos sensoriais de luz/sombra pela introdução de elementos arbóreos, estabelecendo lugares de passagem e lugares de permanência. Constitui-se assim um lugar para a comunidade, capaz de acolher diversas atividades essenciais à vida quotidiana da população. Um lugar que beneficia de um conjunto de infraestruturas que garantem e evidenciam a qualidade do espaço público e a sua relevância na cidade.

151

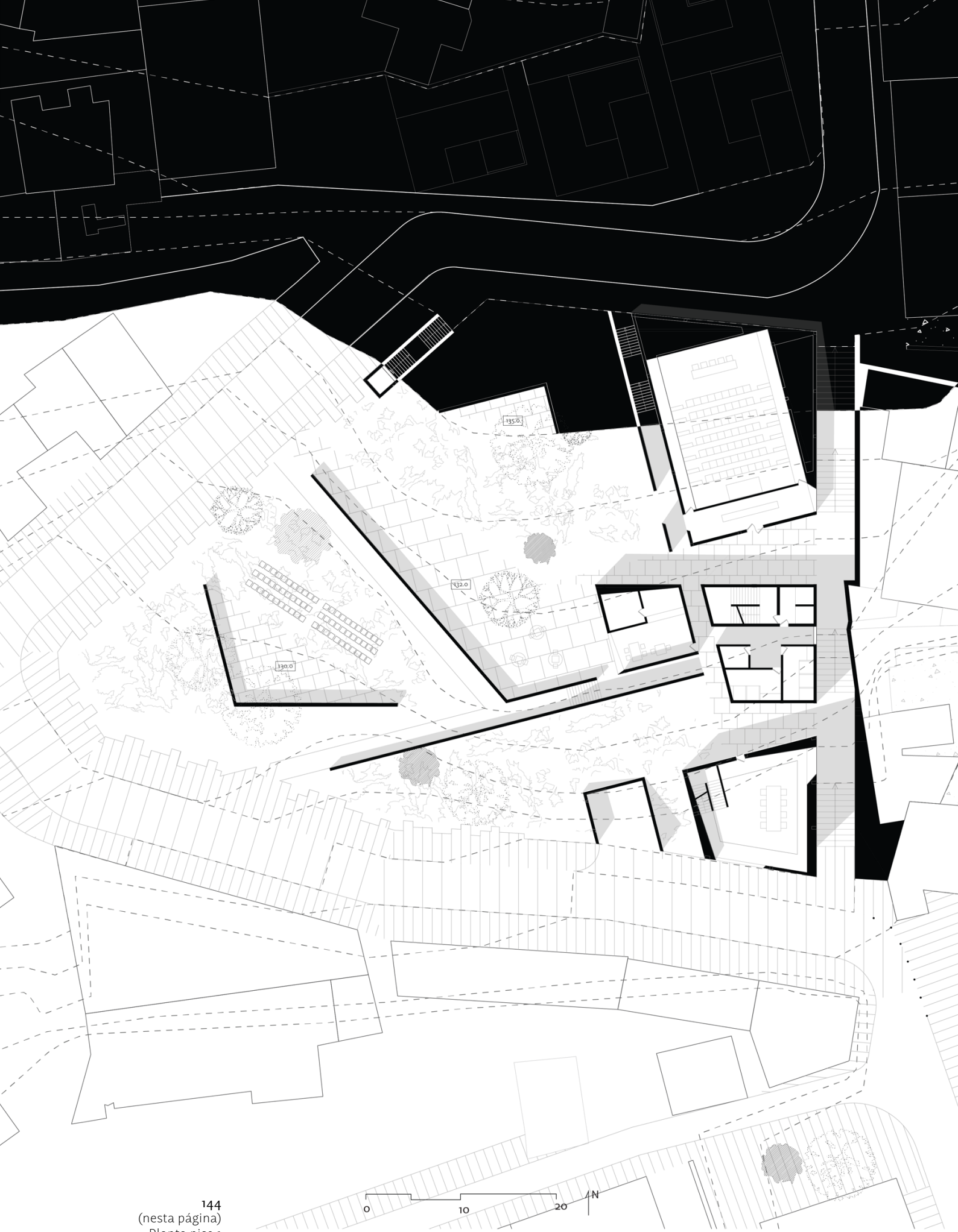




143  
(nesta página)  
Planta piso 0







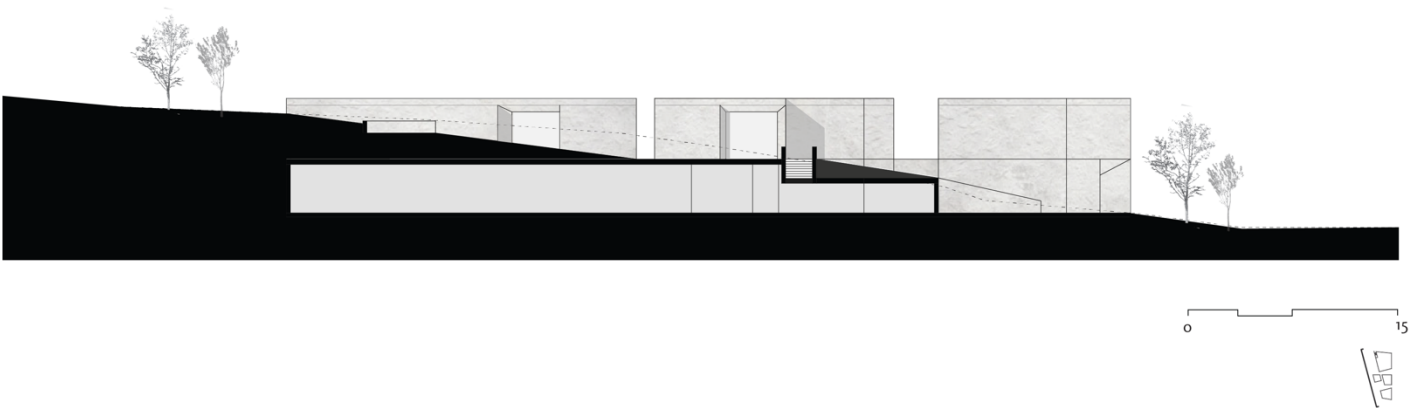
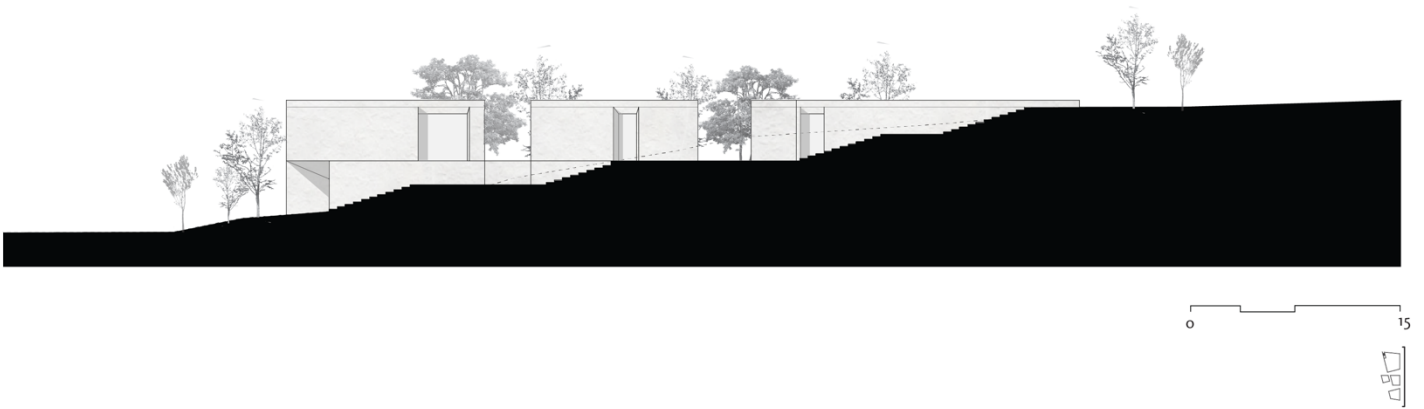
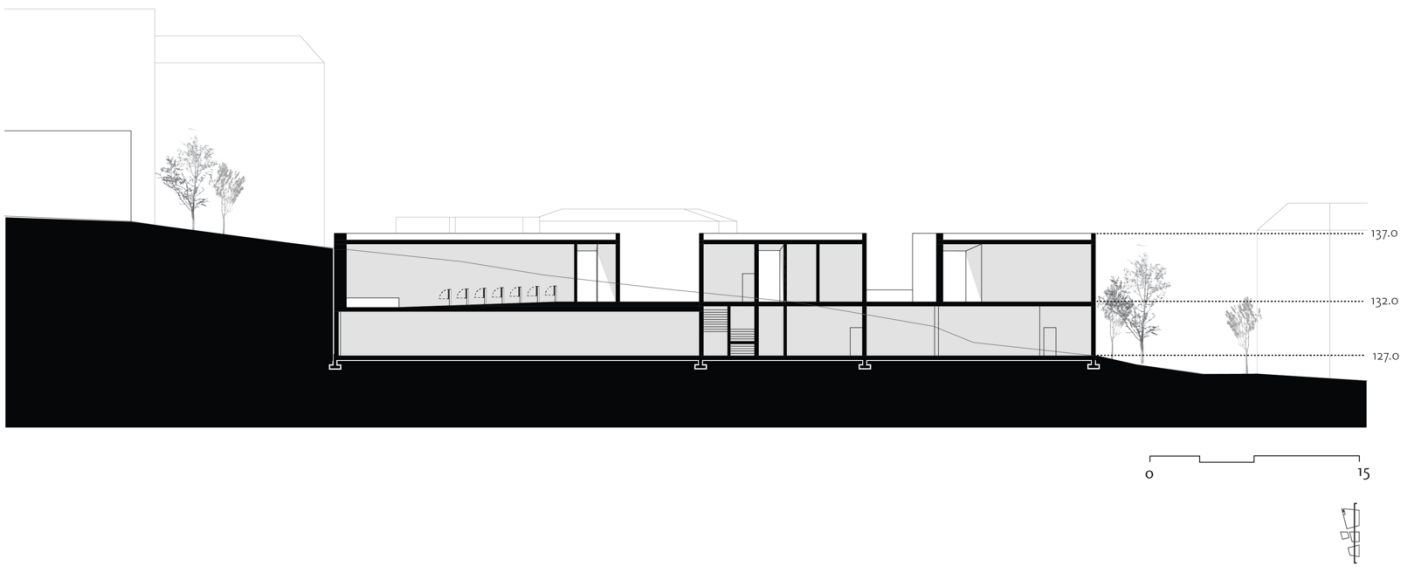
144  
(nesta página)  
Planta piso 1





145  
(nesta página)  
Planta coberturas





160



**146**  
(página anterior)  
Corte longitudinal do Centro  
Multifuncional

**147**  
(página anterior)  
Alçado do Centro Multifuncional

**148**  
(página anterior)  
Corte-alçado do Centro  
Multifuncional

**149**  
(nesta página)  
Ambiente do espaço público do  
Centro Multifuncional

## 5. Considerações finais

A grande vaga de urbanização que ocorreu ao longo da segunda metade do século XX marcou profundas alterações na paisagem de territórios evidentemente rurais, transformando-os em regiões principalmente urbanas, como é o caso do território de estudo deste Projeto Final. As tensões provocadas por esta dimensão funcional e morfológica traduzem-se numa produção frágil do tecido urbano que só a partir dos anos 1990 é reforçada com a introdução de infraestruturas de escala metropolitana antes programadas.

Na tentativa de colmatar estas insuficiências e dar uma nova leitura ao território, este Projeto Final assentou numa proposta urbana, a duas escalas diferentes:

i) a escala alargada, que teve como objetivo a consolidação do espaço urbano preservando as suas preexistências através da requalificação e do redesenho do espaço público. Desenvolvendo-se entre a urbanização da Quinta da Fidalga e a Avenida dos Bons Amigos, esta proposta ambicionou articular dois tipos de tecidos urbanos distintos, estabelecendo eixos de ligação entre a cota alta e a cota baixa da cidade, promovendo a construção de um lugar contínuo. Propôs-se para isto, uma sistematização de elementos urbanos que partilham da mesma expressão plástica que unificam a linguagem do aglomerado urbano e que possibilitam o desenvolvimento de uma sucessão contínua e coesa de acontecimentos públicos.

ii) a escala aproximada, visou numa primeira fase a exploração de hipóteses de tipologias para um conjunto residencial como resultado do próprio tecido urbano e dos seus espaços intersticiais,



contribuindo para a redefinição da frente de rua onde se interviu, conferindo-lhe continuidade. Propôs-se ainda um novo edifício - o Centro Multifuncional - de caráter cultural, funcionando como ponto de charneira entre o núcleo histórico e a zona mais emergente da cidade. O caráter flexível dos espaços programados para este edifício ambicionou promover novas dinâmicas sociais mais inclusivas e atividades recreativas que permitem a regeneração do ambiente urbano. Este edifício funciona numa lógica de articulação com um novo espaço público que procura potenciar as relações espaciais e morfológicas que o lugar estabelece com a sua envolvente, conferindo-lhe a ideia de continuidade, onde os espaços de transição assumem o papel principal à sua conceção.

Este novo espaço público é acessível na sua totalidade, através de percursos definidos com essa finalidade, mas oferece ao mesmo tempo ao utilizador liberdade de apropriação, de forma a que este se torne o principal beneficiado.

163

Tratando-se de um aglomerado urbano onde predomina a densa construção em altura, ambos os cenários de intervenção foram explorados tendo em especial atenção a escala local, numa ótica de valorizar elementos matriciais e com potencial de estruturação do território.



## Bibliografia

ARRABAÇA, Pedro (2002), *Formas Urbanas na Cidade Construída: Agualva - Cacém, 1953-2001*, Dissertação de Mestrado, Departamento de Geografia Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa

ASCHER, François (2010), *Os Novos Princípios do Urbanismo*, Lisboa: Livros Horizonte

BERGER, Alan (2006), *Drosscape: Wasting land in urban America*, Princeton, NJ: Princeton Architectural Press

BONET CORREA, António (1995), *Las Claves del Urbanismo*, Barcelona: Editorial Planeta

BRITO-HENRIQUES, Eduardo (coord.) (2019), *NoVOID - Ruínas e Terrenos Vagos: explorações, reflexões e especulações*, disponível em: [https://issuu.com/novoid/docs/novoid\\_livro\\_catalogo\\_-\\_versao\\_digi](https://issuu.com/novoid/docs/novoid_livro_catalogo_-_versao_digi)

165

CAVACO, Cristina; SANTOS, João Rafael; BRITO-HENRIQUES, Eduardo (2018), *NoVOID - Ideias para intervenção em espaços urbanos abandonados*, Lisboa: Academia de Escolas de Arquitetura e Urbanismo de Língua Portuguesa, disponível em [https://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/36383/1/NOVOID\\_Book\\_Interventions.pdf](https://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/36383/1/NOVOID_Book_Interventions.pdf)

CHING, Francis (1998), *Forma Espacio y Ordem*, Barcelona: Ediciones Gustavo Gili

CORREIA, Paulo (1993), *Políticas de solos no planeamento municipal*, Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian

COSTA, Nuno (2007), *Mobilidade e Transporte em Áreas Urbanas: O caso da Área Metropolitana de Lisboa*, Dissertação de Doutoramento, Departamento de Geografia, Faculdade de Letras de Lisboa, Universidade de Lisboa

DAVID, Ana (coord.) (2007), *Vazios Urbanos, Trienal de Arquitectura de Lisboa / Urban Voids*. Lisbon Architecture Triennale, Lisboa: Caleidoscópio

DOMINGUES, Álvaro (coord.) (2006), *Cidade e Democracia: 30 Anos de Transformação Urbana em Portugal*, 1a ed., Lisboa: Argumentum Edições

DOMINGUES, Álvaro (2011), Variações de Contexto e Escala de Urbanização, In Portas, Nuno; Domingues, Álvaro; Cabral, João - *Políticas Urbanas II. Transformações, Regulação e Projectos*, Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, pp. 68-135

FERNANDES, José Manuel (2012), *Arquitectura e Urbanismo na África Portuguesa*, Lisboa: Edições Caleidoscópico

FERNANDES, Sérgio (2014), *Génese e Forma dos Traçados das cidades portuguesas*, Tese de Doutoramento em Urbanismo, Faculdade de Arquitectura, Universidade de Lisboa

FERRÃO, João (2003), Para uma Área Metropolitana de Lisboa Cosmopolita e Responsável, In Tenedório, José - *ATLAS da Área Metropolitana de Lisboa*, Área Metropolitana de Lisboa, pp. 317-321

GASPAR, Jorge (2005), Cidade e urbanização no virar do milénio, In *Livro de Homenagem a Joaquim Gonzáles Vecín*, Departamento de Geografia, Universidade de León, pp. 285-299

GEORGE, Pedro, MORGADO, Sofia, LOURO, Margarida (2004), Área Metropolitana de Lisboa 1970-2001, De la monopolaritat a la matricialitat emergent, in *L'explosió de la ciutat. Morfologies, mirades i mocions sobre les transformacion territorials recents en les regions urbanes de l'Europa Meridional*, Barcelona: Col·legi d'Arquitectes de Catalunya-COAC/Forum Universal de les Cultures, pp. 62-85

GIEDION, Sigfried (1941), *Space, Time and Architecture*, Harvard University Press

HABRAKEN, N. John (1998), *The Structure of the Ordinary*, Cambridge: MIT Press Cambridge

LYNCH, Kevin (2002, ed. original 1960), *A Imagem da Cidade*, Lisboa: Edições 70

HERTZBERGER, Herman (1982), *Aldo Van Eyck*, Amesterdão: Stichting Wonen

HERTZBERGER, Herman (2006, ed. original 1999), *Lições de Arquitectura*, São Paulo: Martins Fontes

MARTÍ-ARÍS, Carlos (1993), *Las Variaciones de la Identidad. Ensayo sobre el tipo en arquitectura*, Barcelona: Ediciones del Serbal

MARTINS, Ana (2013), *Impacte Dos Investimentos nas Infraestruturas Rodo e Ferroviárias na Expansão e Estruturação Urbana no Eixo Queluz- Mem Martins (Sintra), no Período de 1991-*

2001, Tese de Doutoramento em Urbanismo, Faculdade De Arquitetura, Universidade Técnica de Lisboa

MERLIN, Pierre; CHOAY, Françoise (1988), *Dictionnaire de L'Urbanisme et de l'Aménagement*, Press Universitaire de France

MONTEYS, Xavier (2018), *La calle y la casa: Urbanismo de interiores*, Barcelona: Gustavo Gili

PANERAI, Philippe; DEPAULE, Jean-Charles; DEMORGON, Marcelle (1999), *Analyse Urbaine*, Marseille: Éditions Parenthèses

PORTAS, Nuno (2012), *O Ser Urbano nos Caminhos de Nuno Portas*, Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda

PELUCCA, Bruno (2010), *Progetto e Territorio La Via Portoghese*, Firenze: Alinea Editrice

PEREIRA, Ana (2002), *Geografia Física e Ambiente*, Lisboa: Universidade Aberta

RUBY, Ilka, RUBY Andreas (2006), Groundscapes - The re-discovery of the ground in *contemporary architecture*, LandScape Series, Barcelona: Gustavo Gili, pp. 9-31

167

SALGUEIRO, Teresa (1992), *A Cidade em Portugal: Uma geografia Urbana*, 2a Edição, Porto: Edições Afrontamento

SALGUEIRO, Teresa (1998), Cidade Pós-Moderna, Espaço fragmentado, Lisboa: *Inforgeo*, pp. 225-236

SANTOS, João Rafael (coord.) (2017), *AdaptPolis – Descodificar a fragmentação urbana: infraestruturas, paisagem e projeto territorial para a Área Metropolitana de Lisboa*, (consultado a 16 Junho 2019), disponível em [http://adaptpolis.fa.ulisboa.pt/adaptpolis\\_report\\_nov2017.pdf](http://adaptpolis.fa.ulisboa.pt/adaptpolis_report_nov2017.pdf)

SILVA, Patrícia (2017), *Acupuntura Tática em Vazios Urbanos. Estratégias participadas de Revitalização e Organização Local em Aqualva-Cacém*, Dissertação de Mestrado em Urbanismo, Faculdade de Arquitetura, Universidade de Lisboa

SMITHSON, Alison (1974), *Team 10 primer*, Londres: MIT press

SOLÀ-MORALES, Ignasi (1995), Terrain vague In C.C. Davidson (Eds.), *Anyplace*, Cambridge, MA: MIT Press, pp. 108-123

SOLÀ-MORALES, Manuel (1992), *Public and Collective Space, The Urbanisation of the Private Domain as a New Challenge*, La Vanguardia

SOLÀ-MORALES, Manuel (2008), *Public and Collective Space, The Urbanisation of the Private Domain as a New Challenge. A Matter of Things*, Rotterdam: Nai Publishers

UNWIN, Simon (2007), *Doorway*, Grã-Bretanha: The Cromwell Press

VAN EYCK, Aldo (1984), *Aldo Van Eyck*, Amesterdão: Stichting Wonen

## Documentos digitais

CÂMARA MUNICIPAL DE SINTRA (CMS) (2019), Plano Diretor Municipal: Proposta de Plano. Volume II – Regulamento. Sintra: CMS, Direção Municipal de Ambiente, Planeamento e Gestão do Território, Gabinete do Plano Diretor Municipal, (consultado a 13 Março 2019), disponível em: <https://cm-sintra.pt/territorial/plano-diretor-municipal>

FIGUEIRA, Miguel (2015), Percurso Pedonal em Montemor-o-Velho, em *arq|a - Arquitectura e Arte*, (consultado a 25 Março 2019), disponível em: <https://www.revarqa.com/content/1/1493/percurso-pedonal-assistido-montemorovelho/>

JUNTA DE FREGUESIA DE AGUALVA E MIRA SINTRA (2019), Origem e História, (consultado a 13 Março 2019), disponível em: <http://www.jf-agualvamisira.pt/a-freguesia/origemhistoria/>

OUDENAMPSEN, Merijn (2011), A cidade como playground, Belo Horizonte: PISEAGRAMA, (consultado a 30 Maio 2019), disponível em: <https://piseagrama.org/a-cidade-como-playground/>

169

SCHEERLINCK, Kris (2010), Depth Configurations. Proximity, Permeability and Territorial Boundaries in Urban Projects, (consultado a 15 Setembro 2019), disponível em: <http://www.tesisenxarxa.net/TDX-0203110-102626/>

SIMIONATO, Thaís (2014) Bernard Tschumi e o Parc de La Villette, (consultado a 14 Junho 2019), disponível em: <https://praticasprojetuais.files.wordpress.com/2014/06/thac3ads-simionato.pdf>



## Anexos

Anexos I - Documentos referenciados

Anexos II - Levantamento fotográfico

Anexos III - Processo desenhado

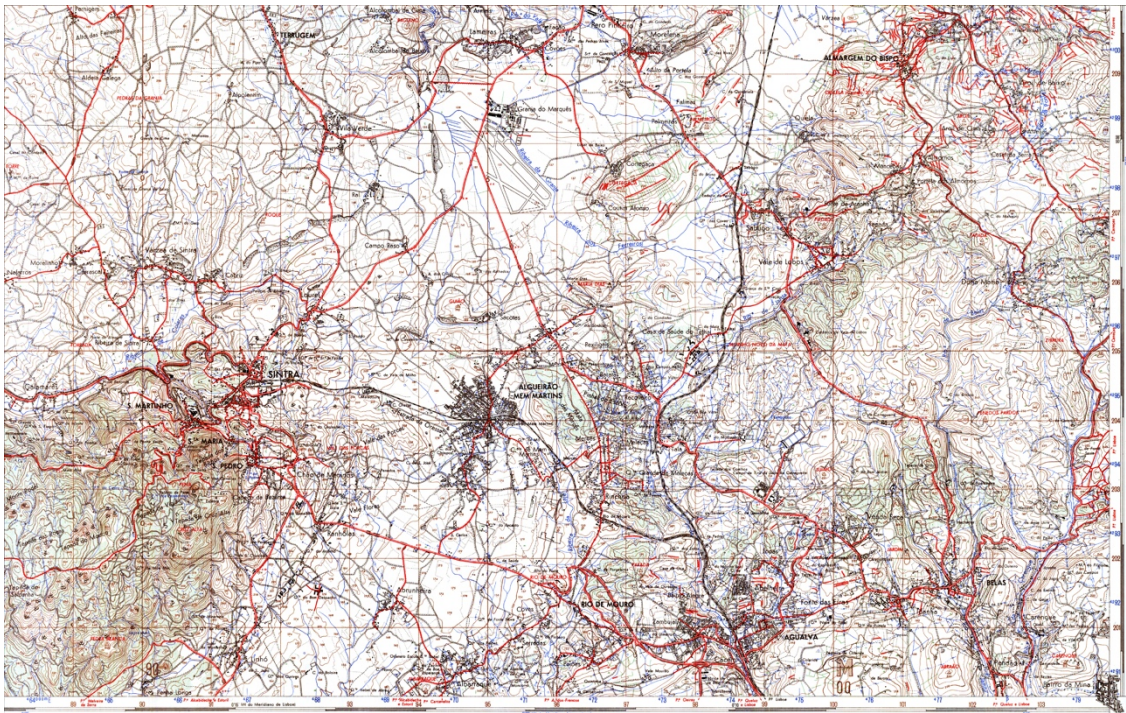
Anexos IV - Maquetes

Anexos V - Painéis Síntese




Anexos I

Documentos referenciados







  
MUNICÍPIO DE SINTRA  
Departamento Administrativo  
Repartição de Secretaria  
ALVARÁS DE LOTEAMENTO

ALVARÁ N.º 61/73

PROCESSO GRACIOSO


ASSUNTO : ALVARA DE LOTEAMENTO.

EMITIDO A FAVOR : JOÃO BELO DE ORTIGÃO RAMOS.

PARA O PRÉDIO : SITO EM AGUALVA.

DESCRIÇÃO PREDIAL: SOB O Nº 26.073 , Livro B-64 a folhas 156 -V.

176

  
MUNICÍPIO DE SINTRA  
Departamento Administrativo  
Repartição de Secretaria  
ALVARÁS DE LOTEAMENTO

ALVARÁ N.º 63/73

PROCESSO GRACIOSO

ASSUNTO : ALVARA DE LOTEAMENTO.

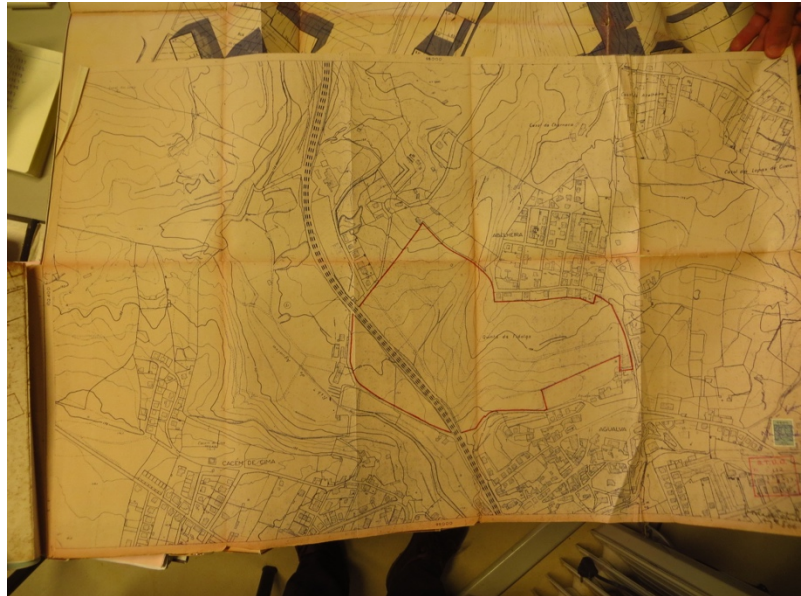
EMITIDO A FAVOR : MANUEL PEDRO RODRIGUES e AURELIO PEREIRA.

PARA O PRÉDIO : SITO EM AGUALVA.

DESCRIÇÃO PREDIAL: SOB O Nº 44.950 , a folhas 140-V do Livro B-114.

177





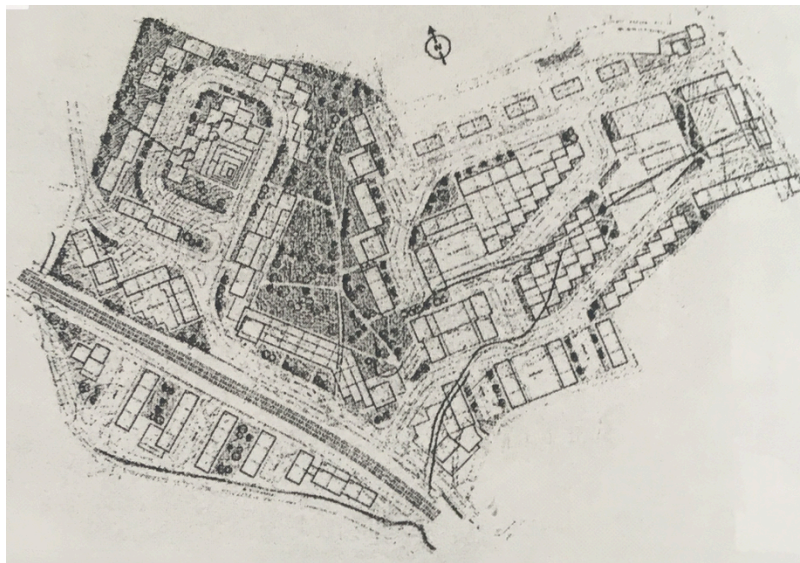
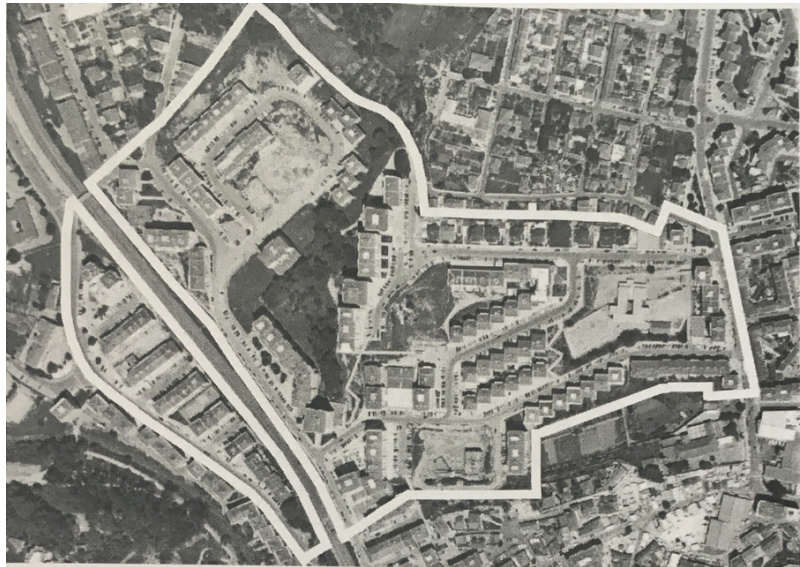
179





180







Anexos II

Levantamento fotográfico







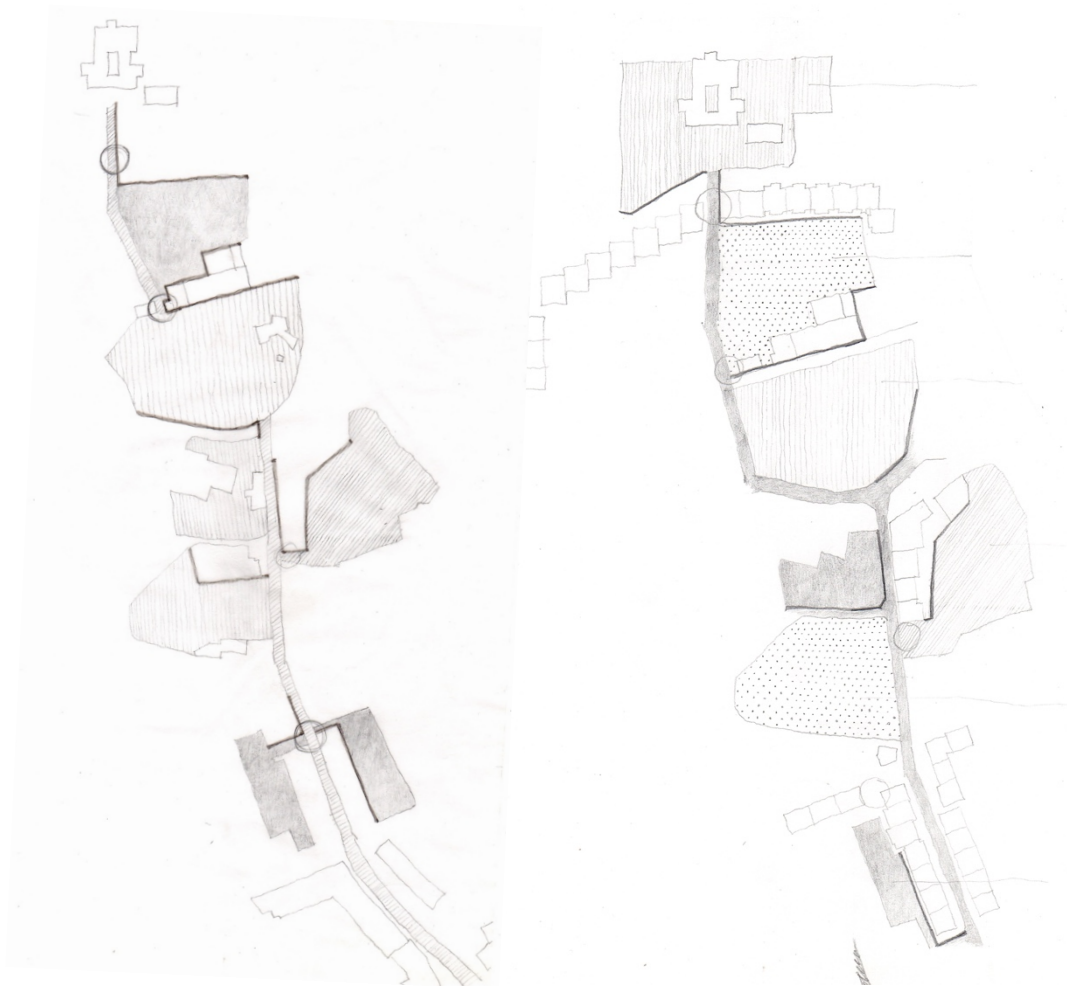


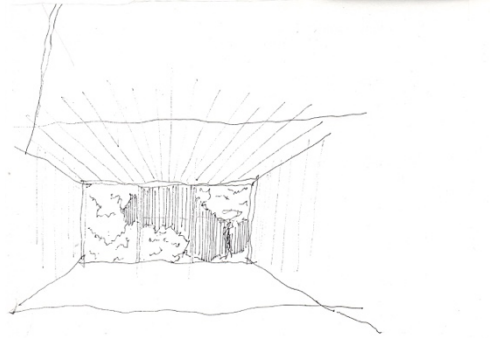




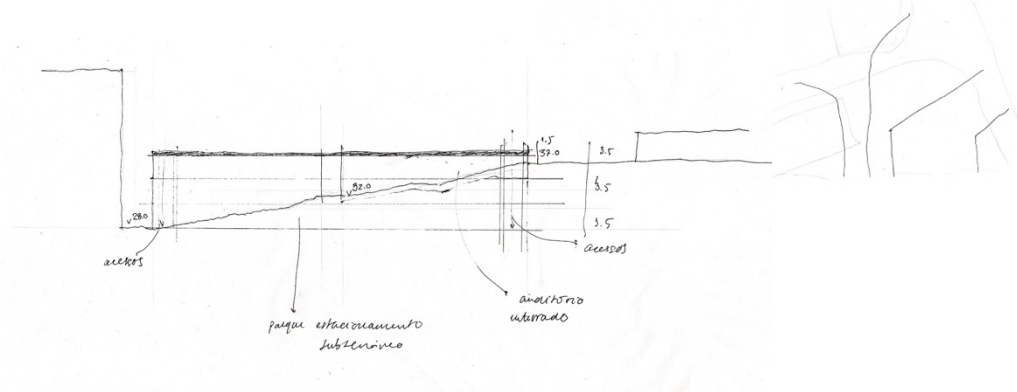
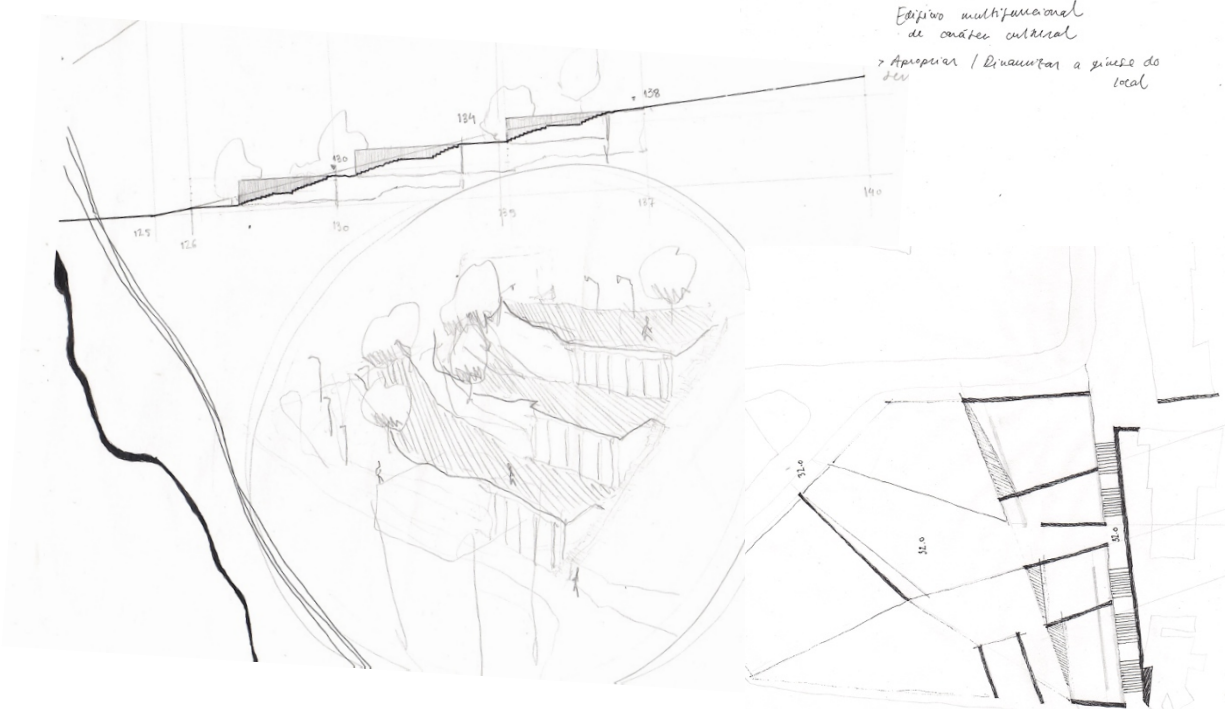
Anexos III

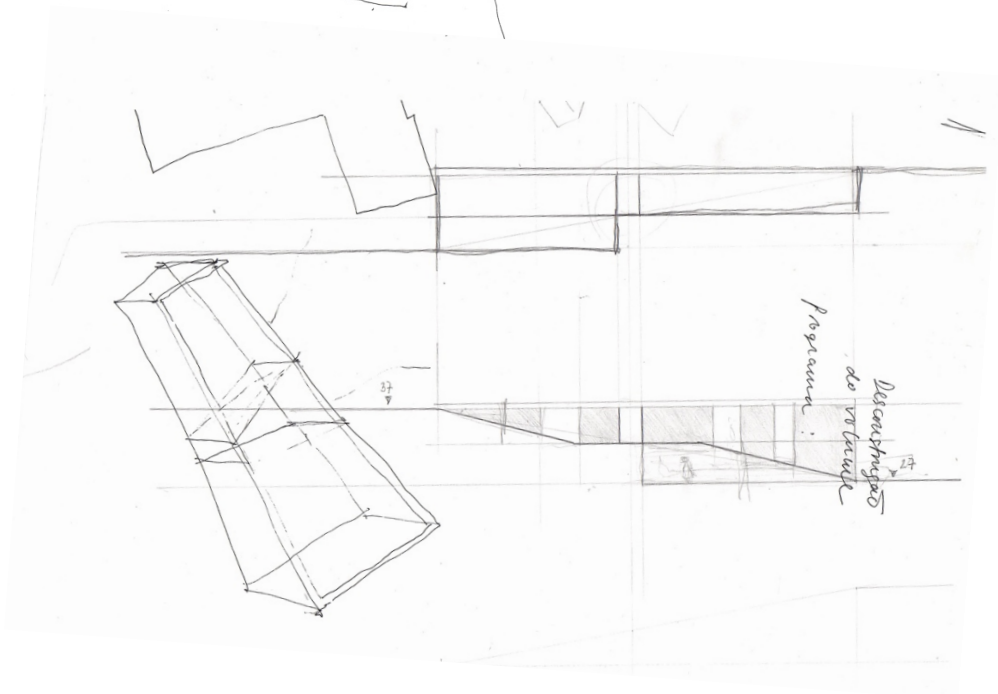
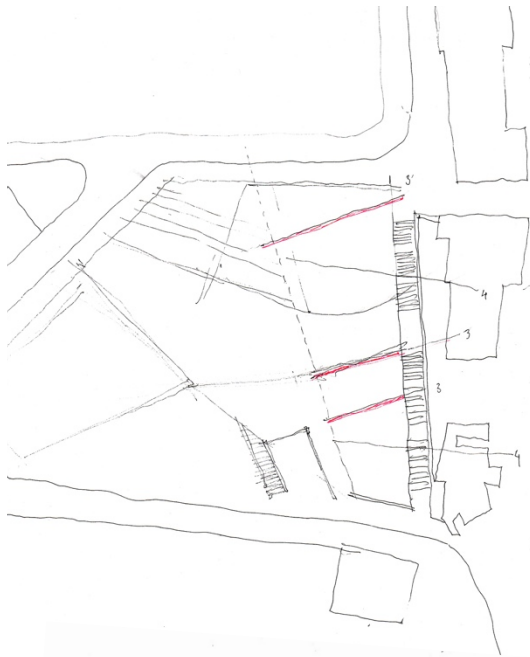
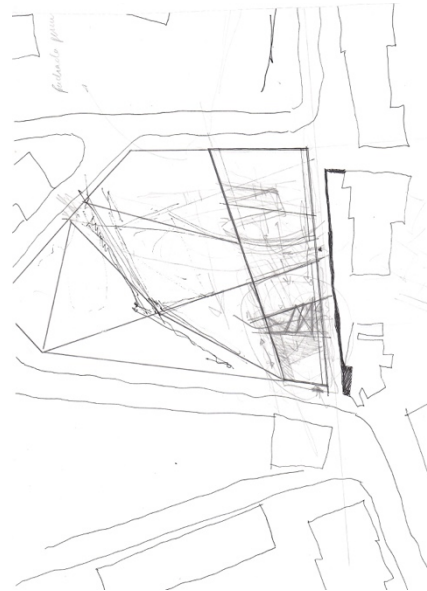
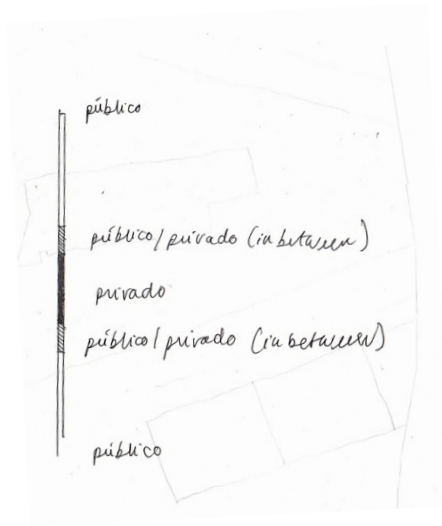
Processo desenhado

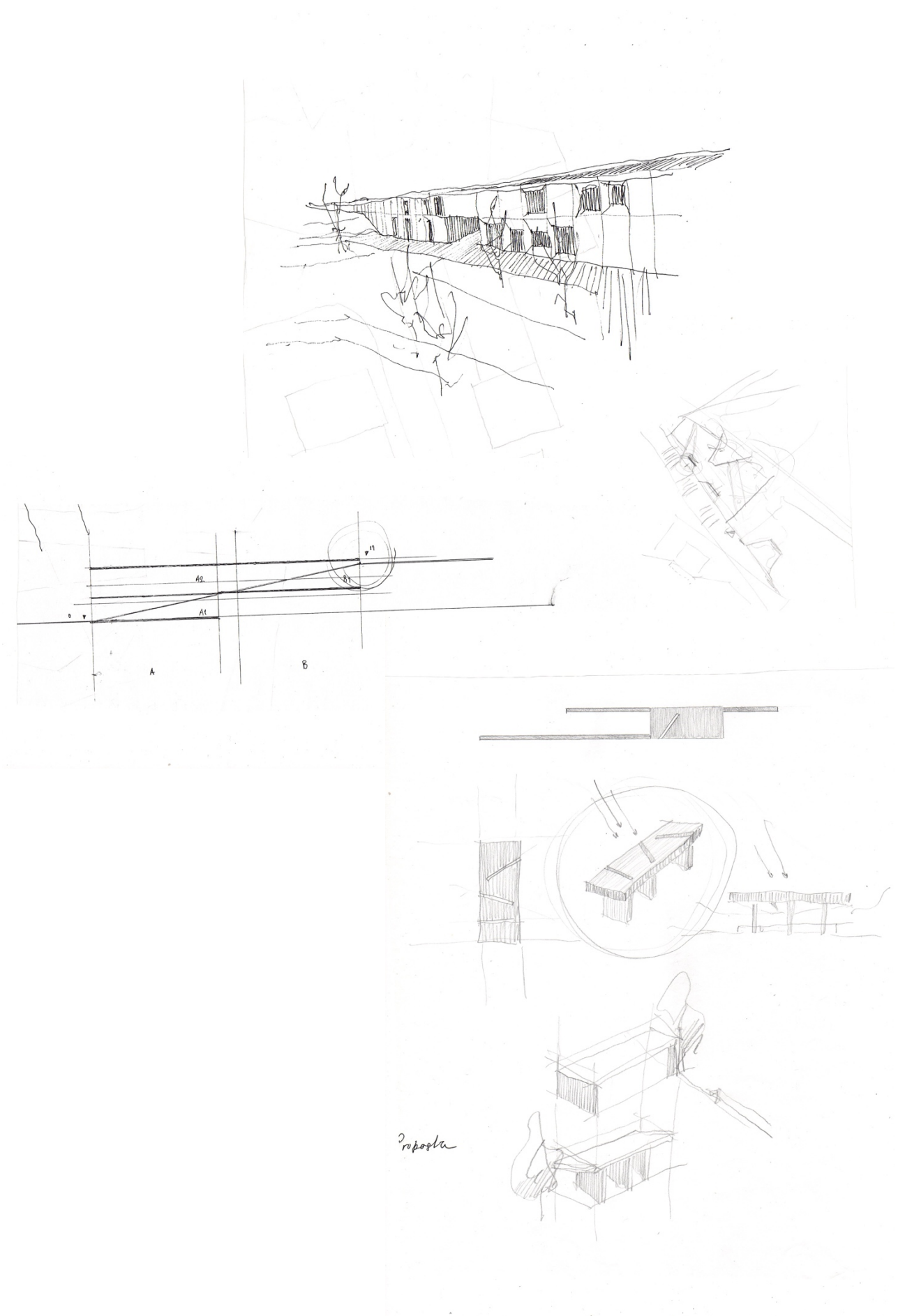




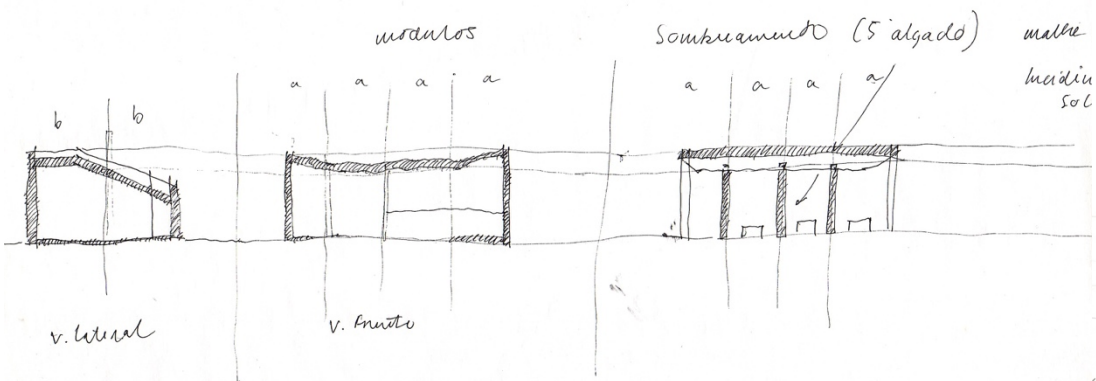
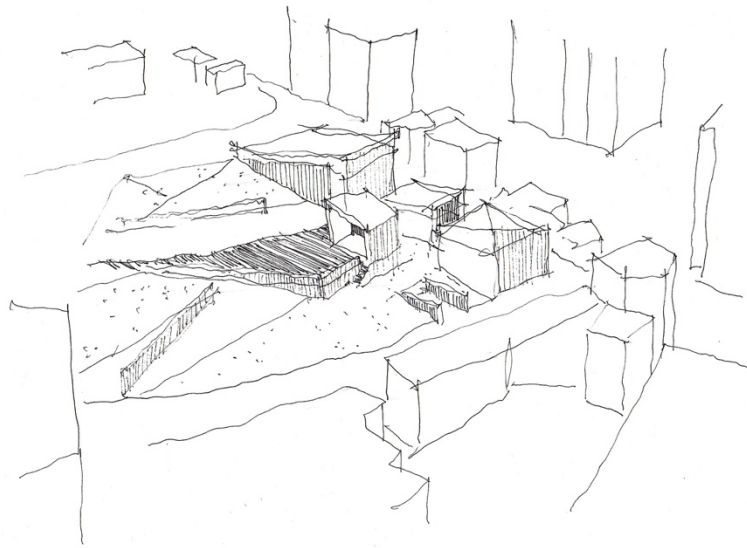
190







*Proposta*



ateliu m6

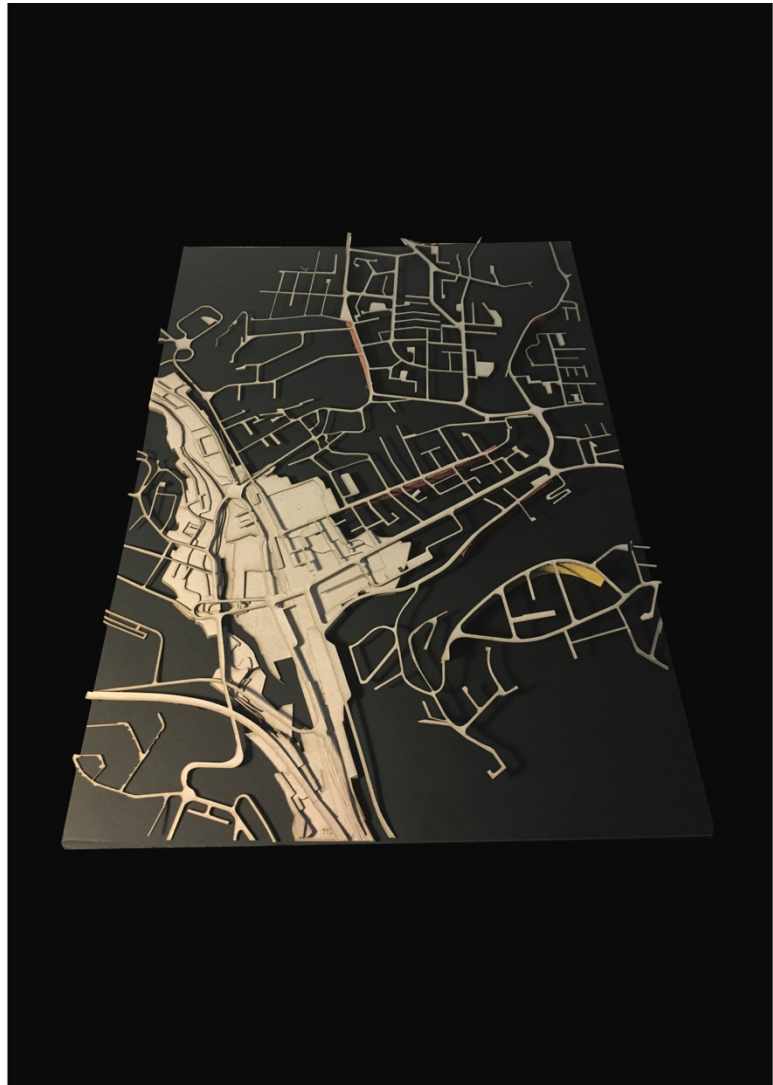
- > Sala de espetáculos
- > Centro de exposições

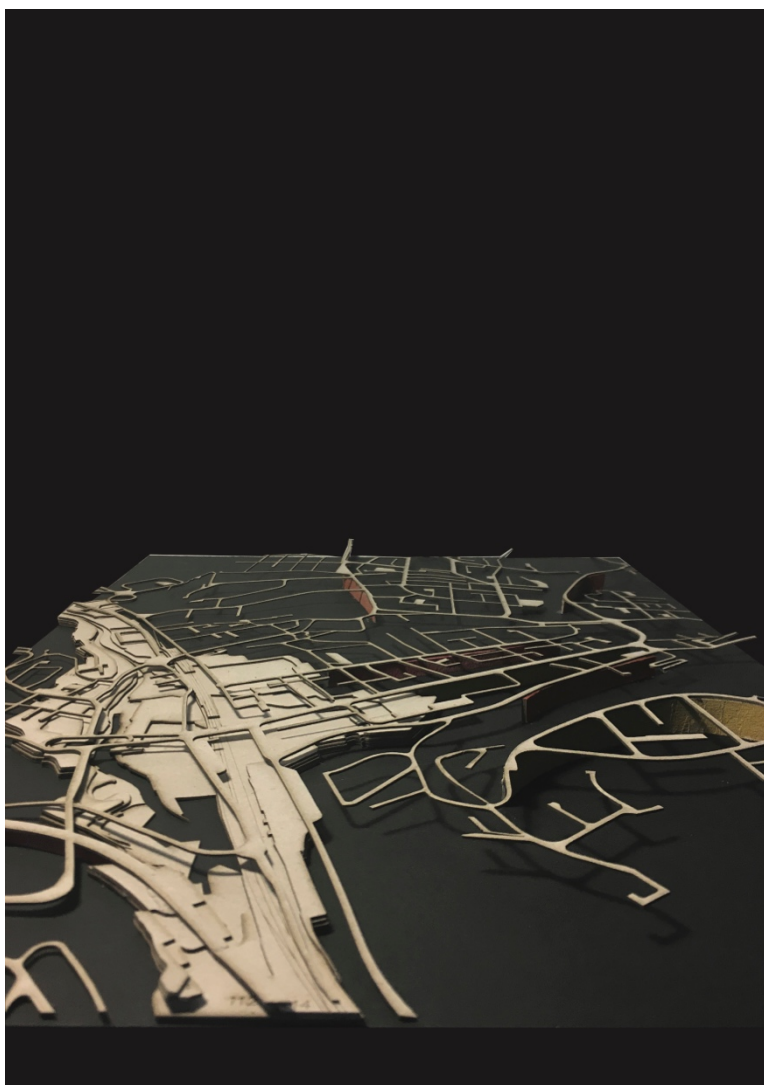


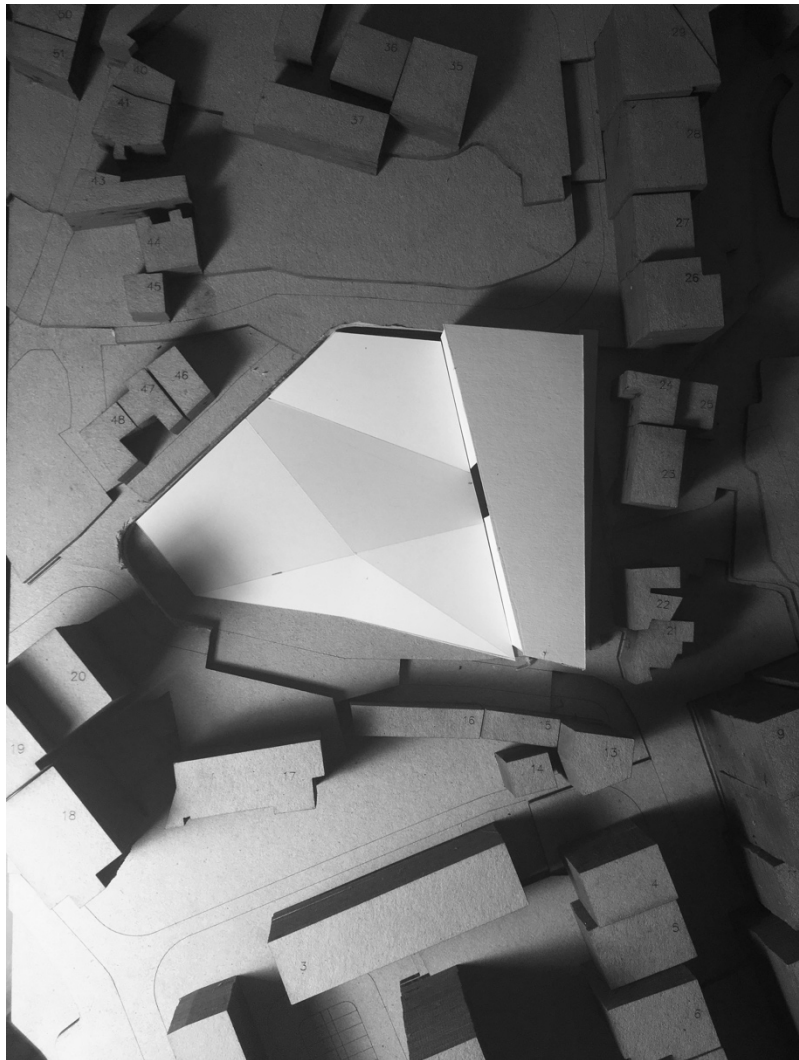


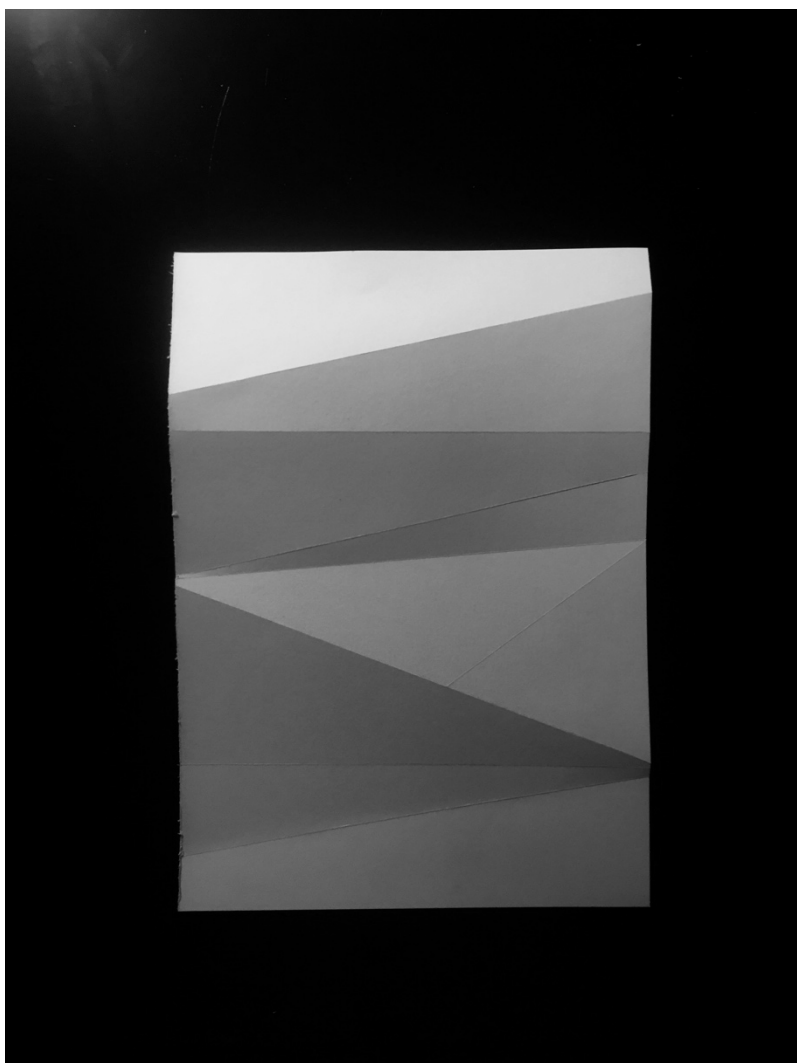
Anexos IV

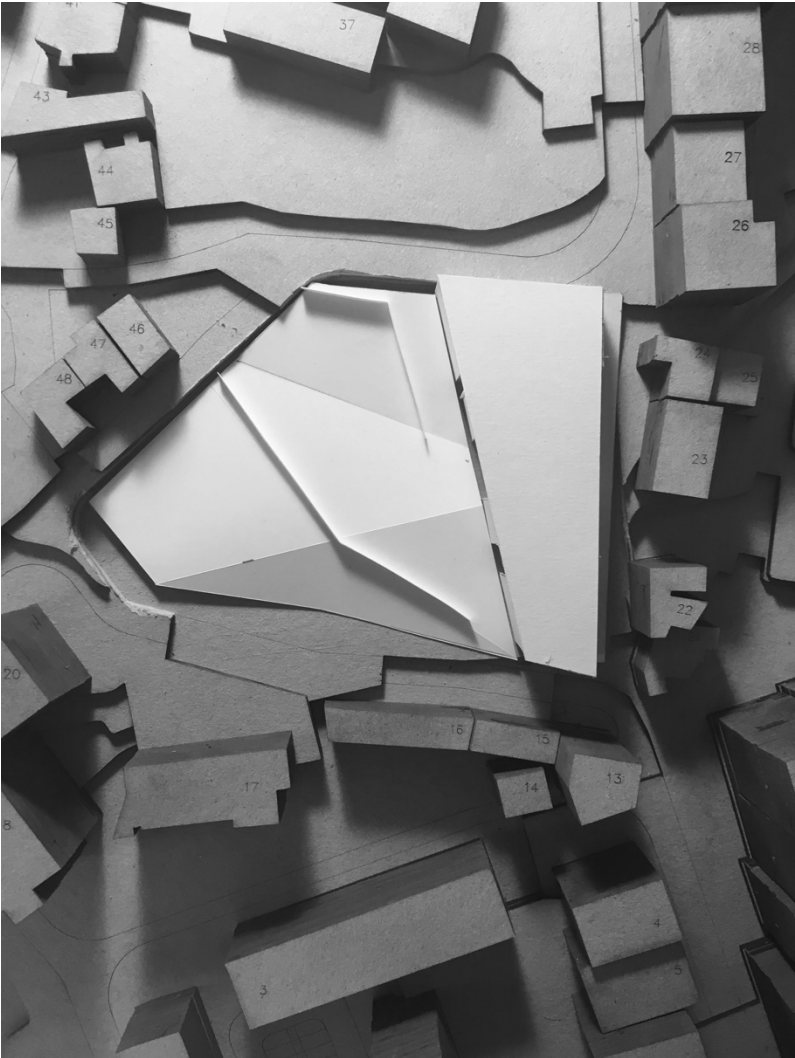
Maquetes

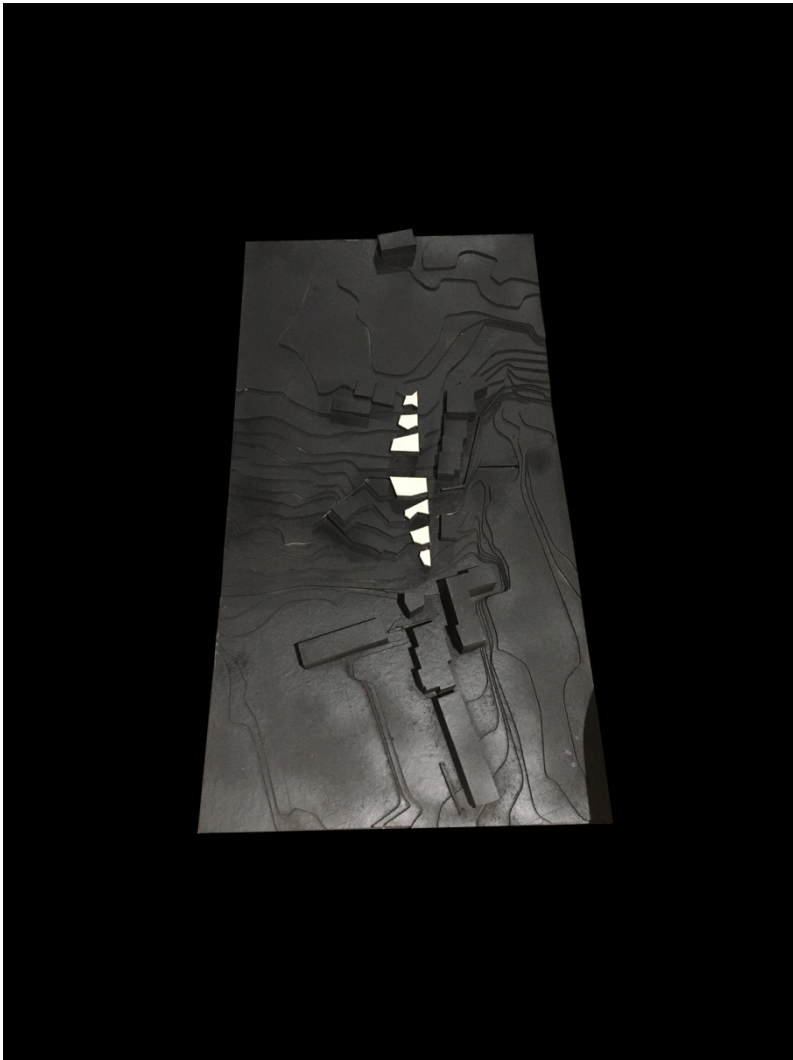


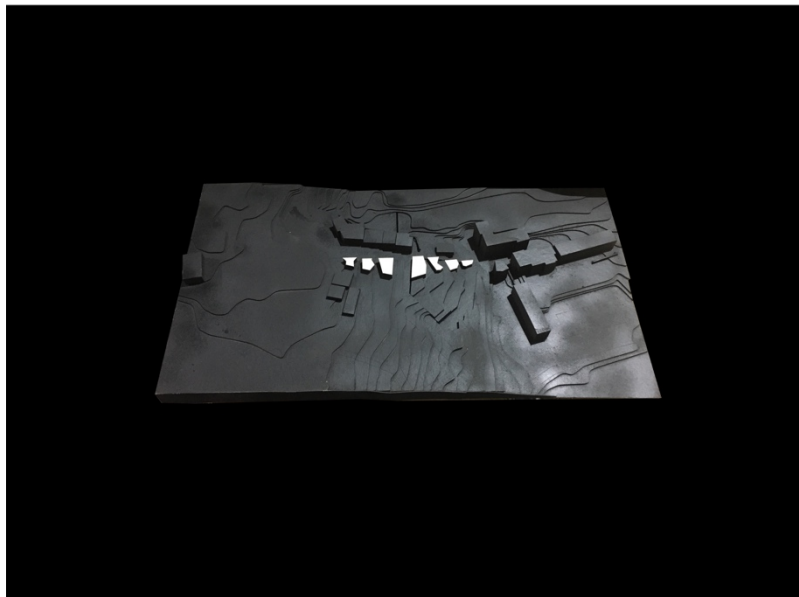


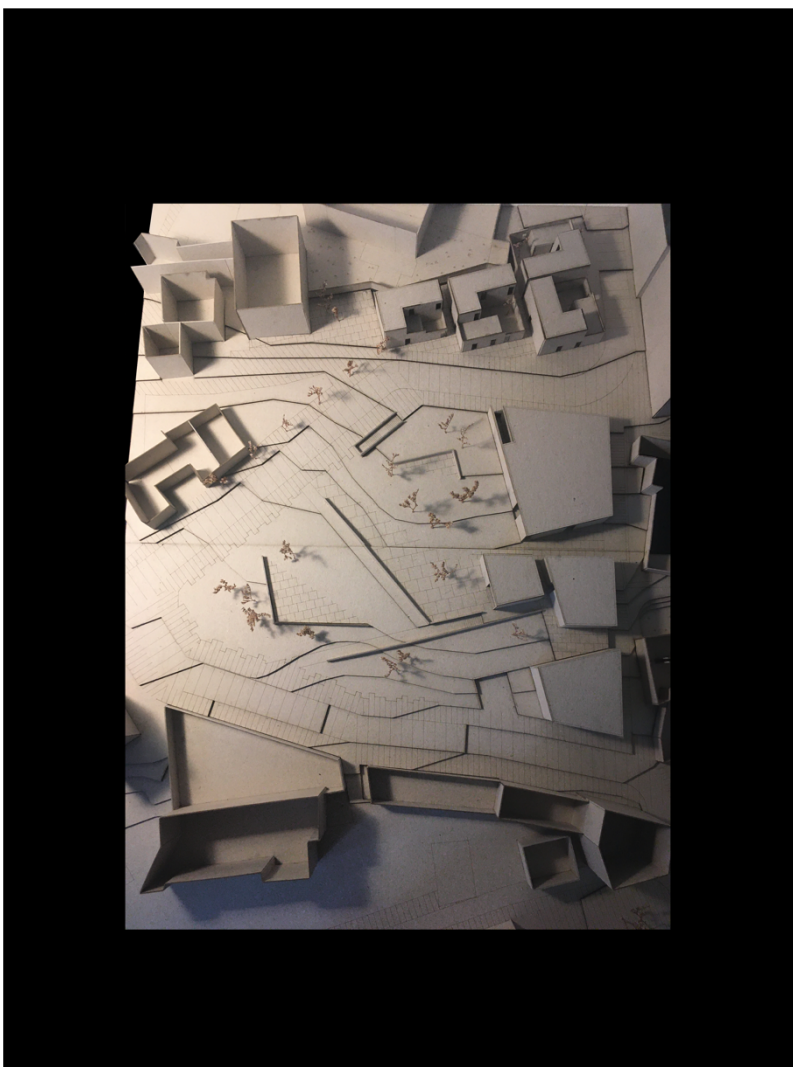


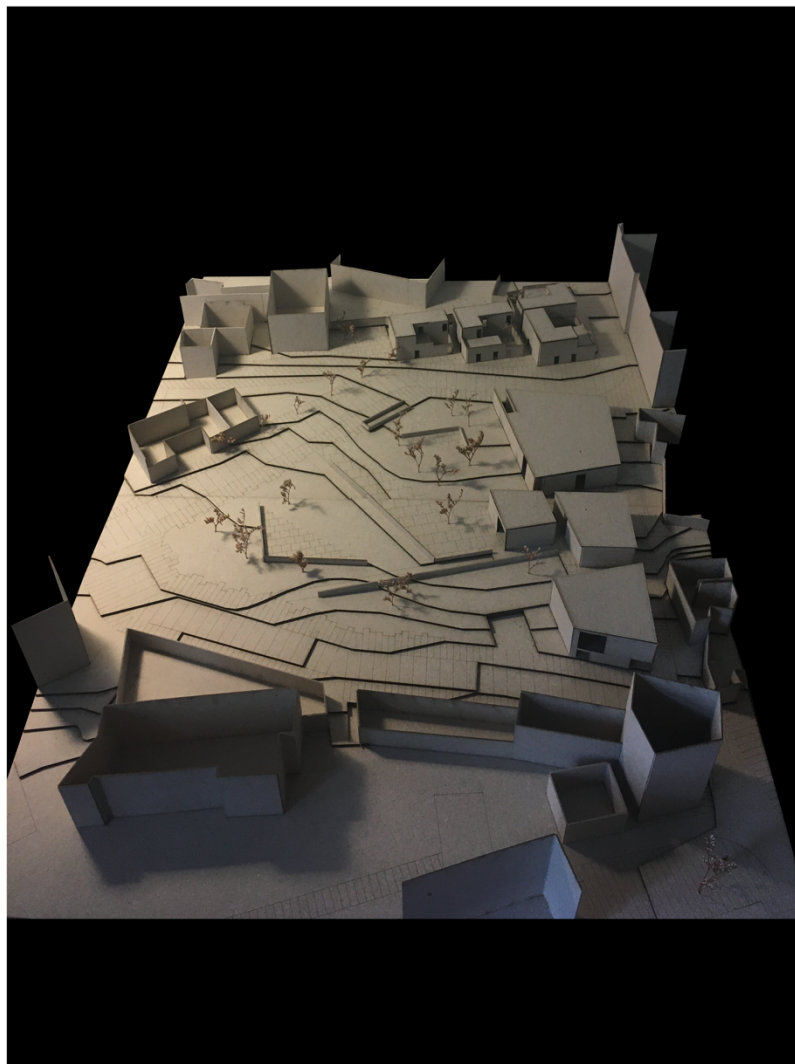




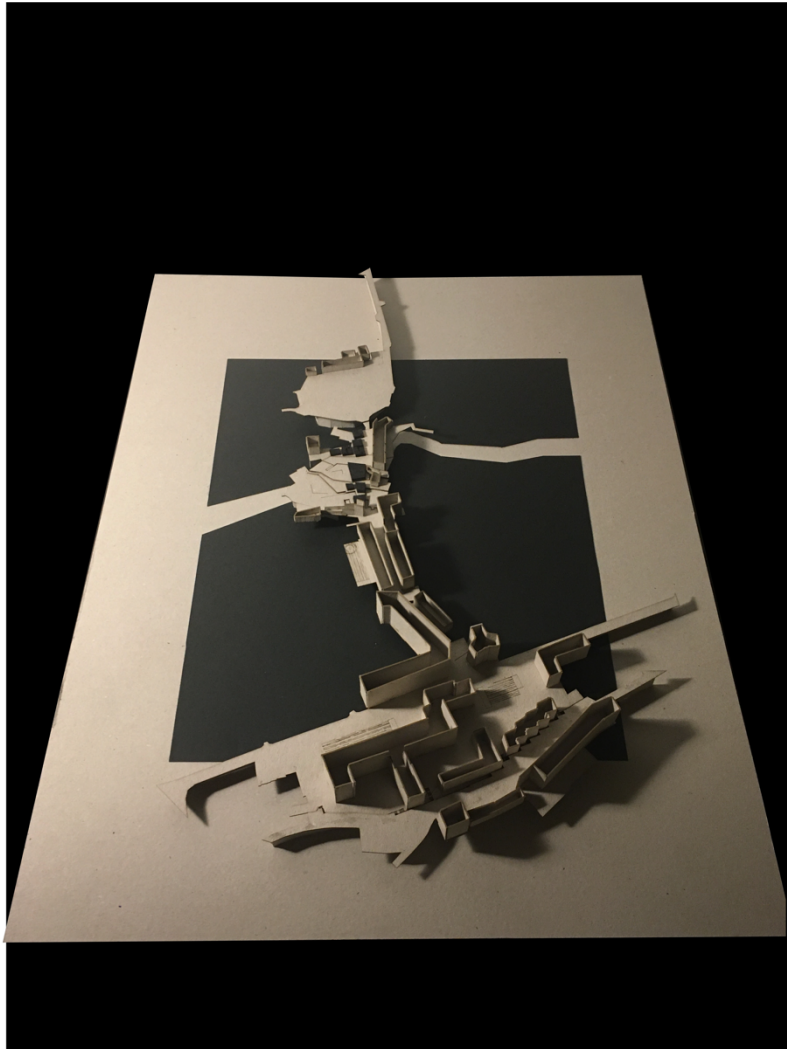




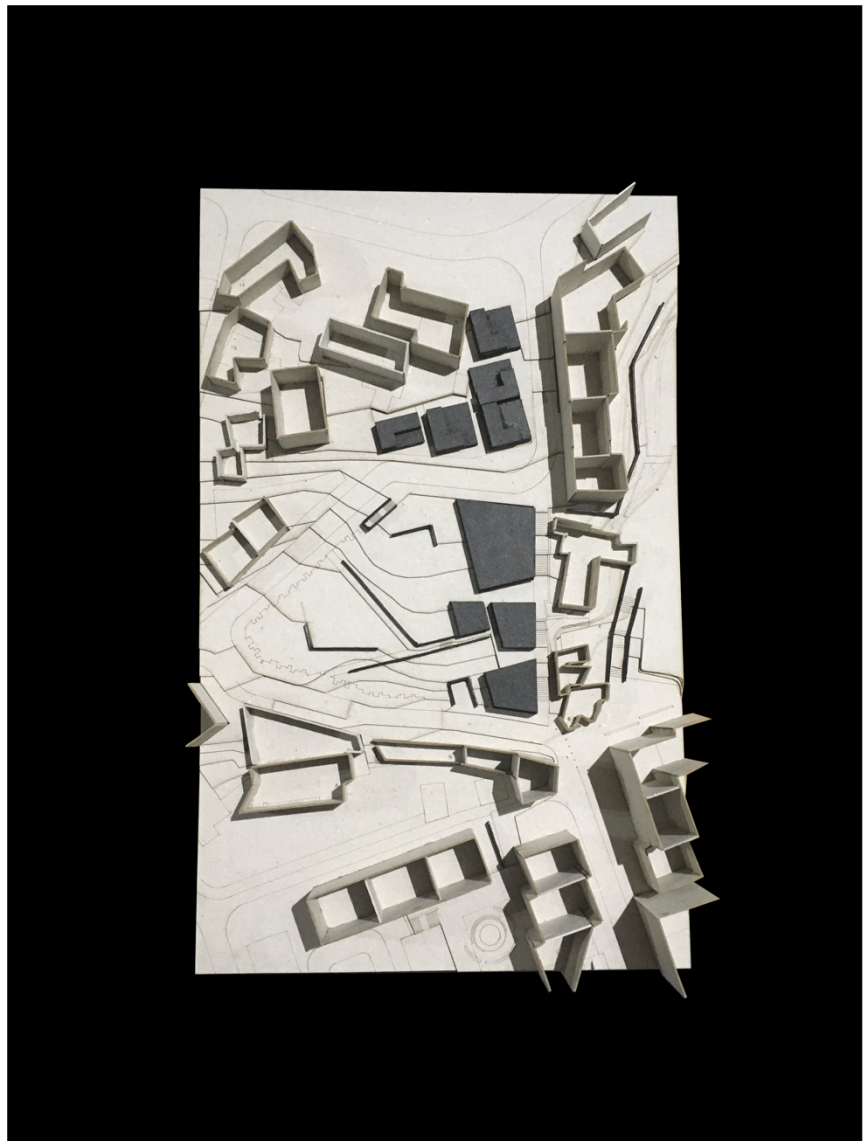














## Anexos V

### Painéis Síntese

1. O território de estudo no contexto da AML
2. Evolução temporal: edificado, rede ferroviária e rede viária
3. As componentes do mosaico territorial
4. Enquadramento da área de intervenção
5. Linhas de ação estratégicas
6. Escala alargada: entre Aqualva antiga e a Avenida dos Bons Amigos
7. O Plano Urbano
8. Escala 1:500 - Planta e cortes da nova praça na Avenida dos Bons Amigos
9. Escala 1:500 - Planta e cortes da requalificação da praça existente na Avenida dos Bons Amigos
10. Escala aproximada: conjunto residencial - entre o tecido urbano e os espaços intersticiais
11. Escala 1:500 - Planta de coberturas e planta de implantação do conjunto residencial
12. Centro Multifuncional: uma topografia habitada entre muros
13. Escala 1:200 - Planta de coberturas e do piso principal
14. Escala 1:200 - Planta do estacionamento e cortes/alçados
15. Ambientes do Centro Multifuncional e corte a 1/50 da relação entre o interior/exterior





# TERRITÓRIOS *IN-BETWEEN*

Os Espaços de Transição como Elementos de Requalificação Urbana.  
O caso do Núcleo Urbano de Aqualva.

## 2. *Evolução temporal: edificado, rede ferroviária e rede viária*

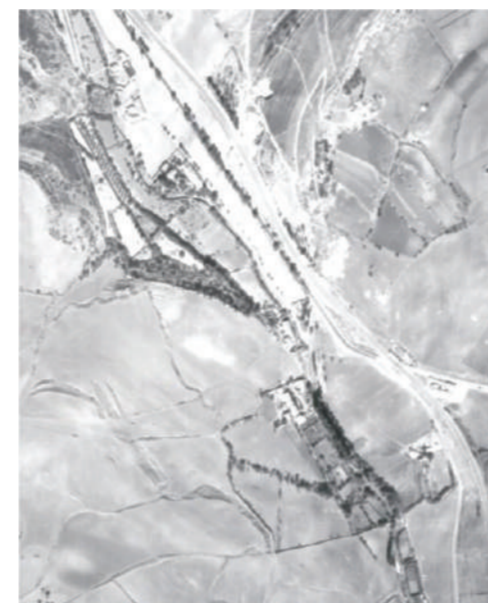


1940

Na década de 1940, Aqualva-Cacém caracteriza-se pela sua compactidade num território marcadamente rural. A rede viária persiste inalterada relativamente ao que eram os itinerários do século XIX, apoiados na Estrada de Sintra. A linha ferroviária acomodada-se à topografia dos vales e as estações ocorrem em espaços ainda sem ocupação significativa na envolvente, sendo que as ligações viárias estabelecem as relações entre as estações e os pequenos aglomerados.

1960

A partir de 1957, com a eletrificação da linha de Sintra, assiste-se a uma intensificação de movimentos pendulares com Lisboa. A mobilidade acrescida, combinada com custos de habitação relativamente baixos, levou ao desenvolvimento das primeiras operações de fracionamento urbano, ainda que em lógicas de pequena dimensão, assentes na edificação de moradias unifamiliares e de pequenos blocos de habitação coletiva. As vias convergentes nas estações ferroviárias ganham um maior destaque como suportes destas etapas de crescimento urbano, embora a sua matriz rústica se mantenha praticamente inalterada.



Fotografia aérea da zona da Ribeira das Jardas e Estrada do Cacém, 1944  
Fonte: Arquivo Municipal de Lisboa



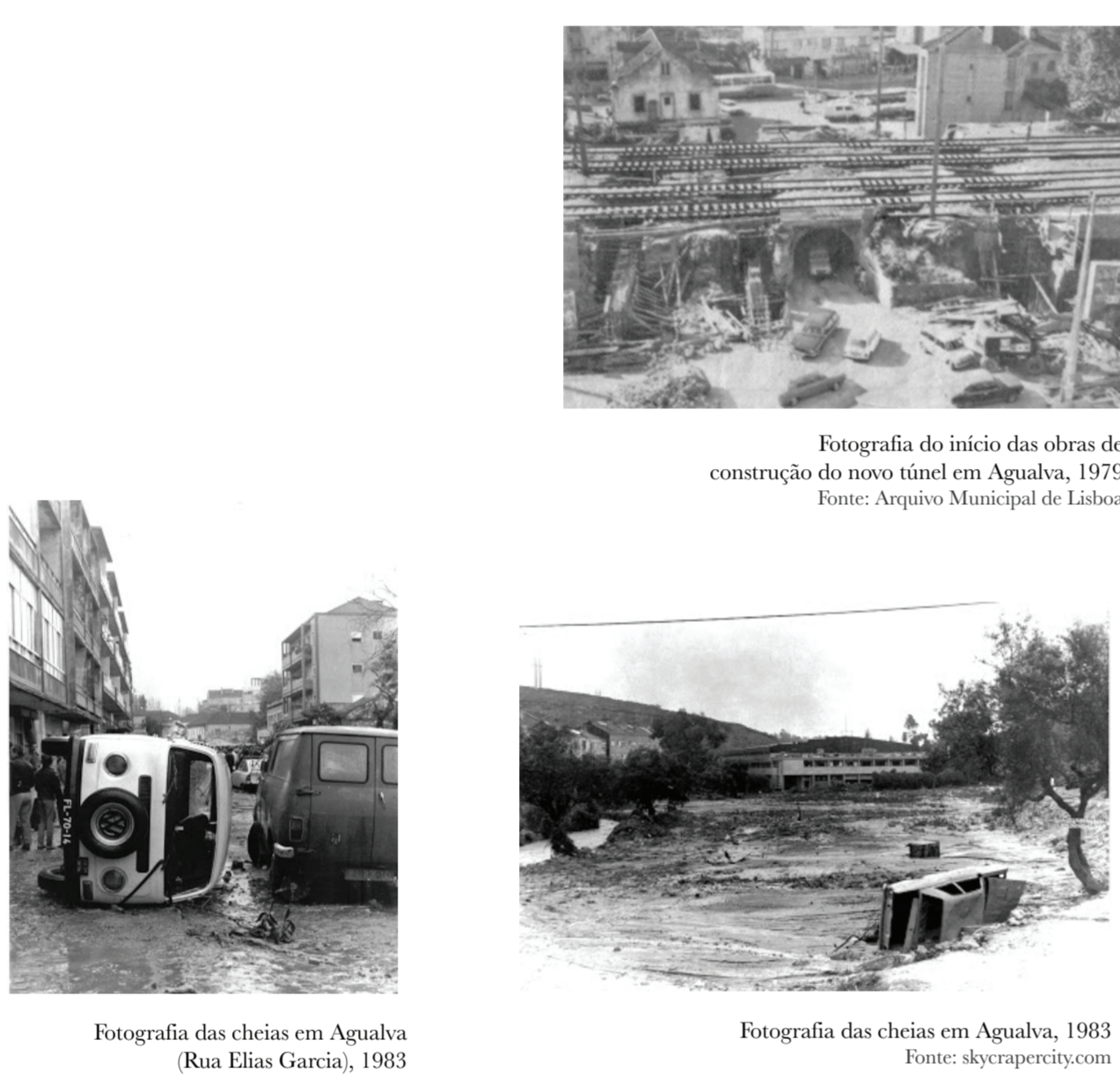
Fotografia sobre Aqualva, 1950  
Fonte: skyrapercity.com



Fotografia em Aqualva, 1970  
Fonte: skyrapercity.com



Fotografia em Aqualva, sem data  
Fonte: skyrapercity.com



Fotografia do início das obras de construção do novo túnel em Aqualva, 1979  
Fonte: Arquivo Municipal de Lisboa

Fotografia das cheias em Aqualva (Rua Elias Gattás), 1983  
Fonte: skyrapercity.com

Fotografia das cheias em Aqualva, 1983  
Fonte: skyrapercity.com

1990

Nos anos 1990, a suburbanização ganha escala e este território é protagonista de uma das mais expressivas formas de densificação urbana. A edificação em altura substitui as primeiras moradias, sem que o perfil do espaço urbano e a dotação de equipamentos e espaços abertos acompanhe de forma propositada esta intensificação do uso do solo. Nos espaços envolventes, surgem loteamentos industriais que tiram partido de uma rede viária proto-metropolitana e de uma melhoria nas condições de abastecimento elétrico.

2010

A partir dos anos 2010 reconhece-se um fenómeno associado à colmatção e preenchimento de áreas disponíveis, muitas vezes substituindo antigos edifícios nas zonas mais centrais. É também perceptível uma alteração na organização dos espaços de consumo e de atividades económicas, com o aumento de edifícios pavilhões associados ao retalho, servidos por parques de estacionamento menos fronteirais face ao edificado.

### Lógicas de parcelamento



#### 1- Núcleos antigos

Lógica de parcelamento que decorre de processos de longa sedimentação com reduzida transformação fundiária. A matriz densa e irregular adapta-se às formas dominantes do relevo e à rugosidade dos caminhos. Os logradouros de cada parcela (apresentando uma largura relativamente reduzida) são aproveitados como extensões do espaço doméstico podendo acolher pequenas hortas e admitindo adições de edificado.

#### 2- Agregação linear

Associado à presença estruturante das antigas estradas e caminhos, identificam-se duas situações diferentes: uma produzida nas décadas de 1950 e 1960, dando continuidade aos núcleos urbanos mantendo uma lógica irregular, de pequenas parcelas sobre as quais se edificam moradias de dimensão reduzida, e uma outra, mais recente, onde o fracionamento ocorre segundo uma lógica mais regular com tipologias multifamiliares.

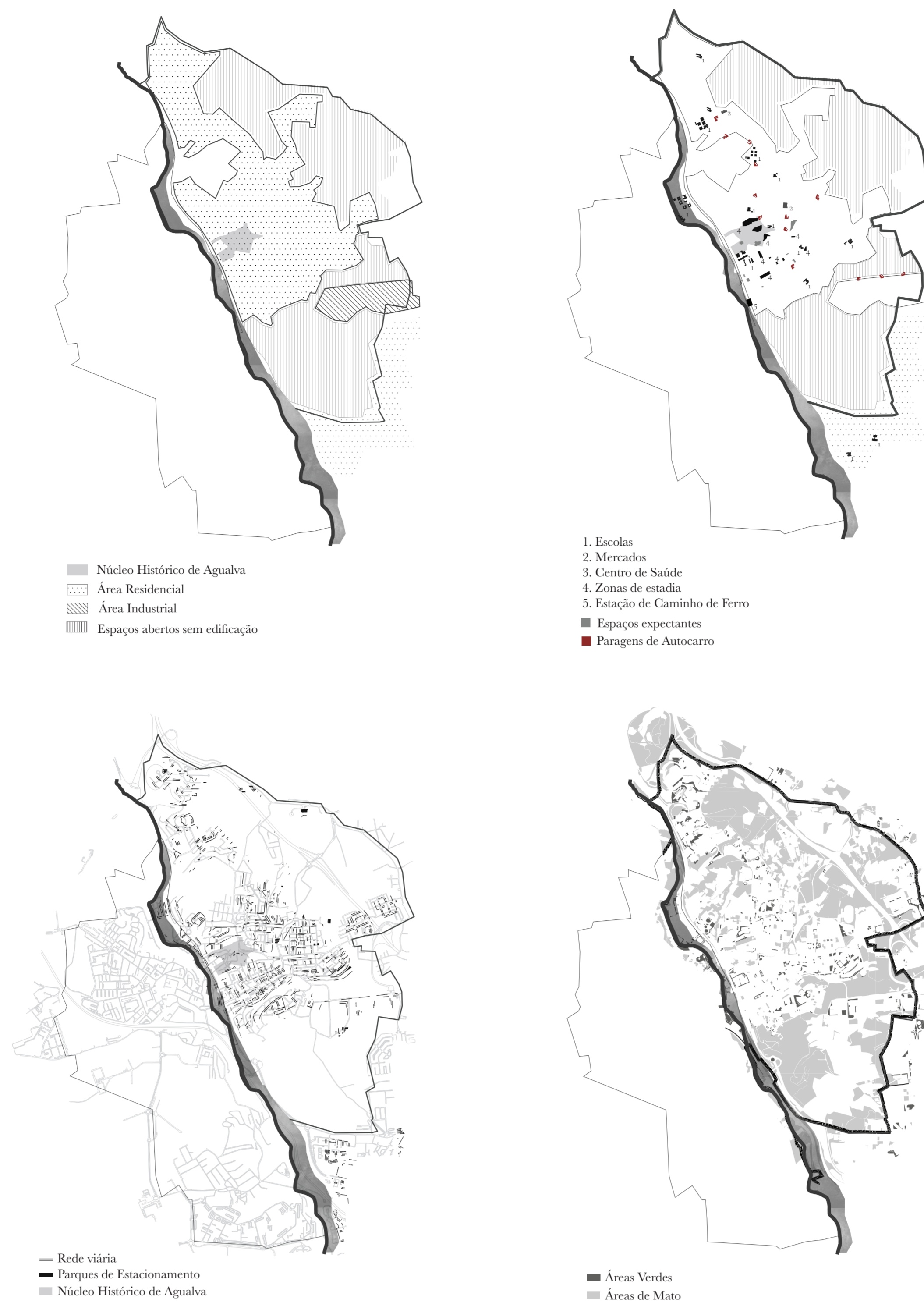
#### 3- Parcela isolada

Correspondendo à fase inicial do crescimento suburbano, assenta na urbanização parcela-a-parcela, sem alteração dos seus limites, viabilizada pela introdução de vias simples e alinhamentos edificados. Deste mosaico parcelar resultam alinhamentos edificados cujas frentes se confrontam com as traseiras e logradouros residuais, descontinuidades e roturas volumétricas e ausência de lógicas de transição entre elementos de natureza diversa.

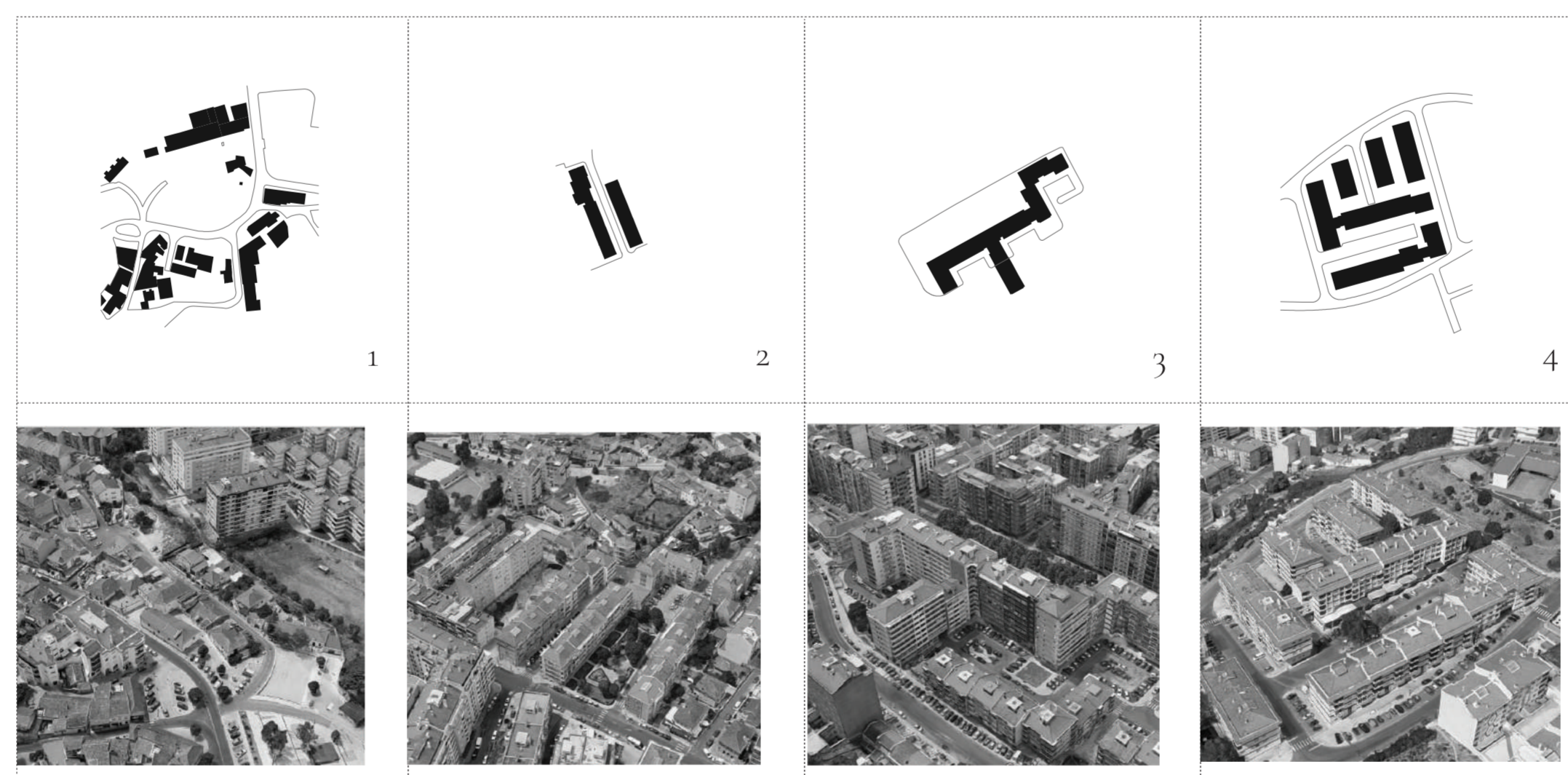
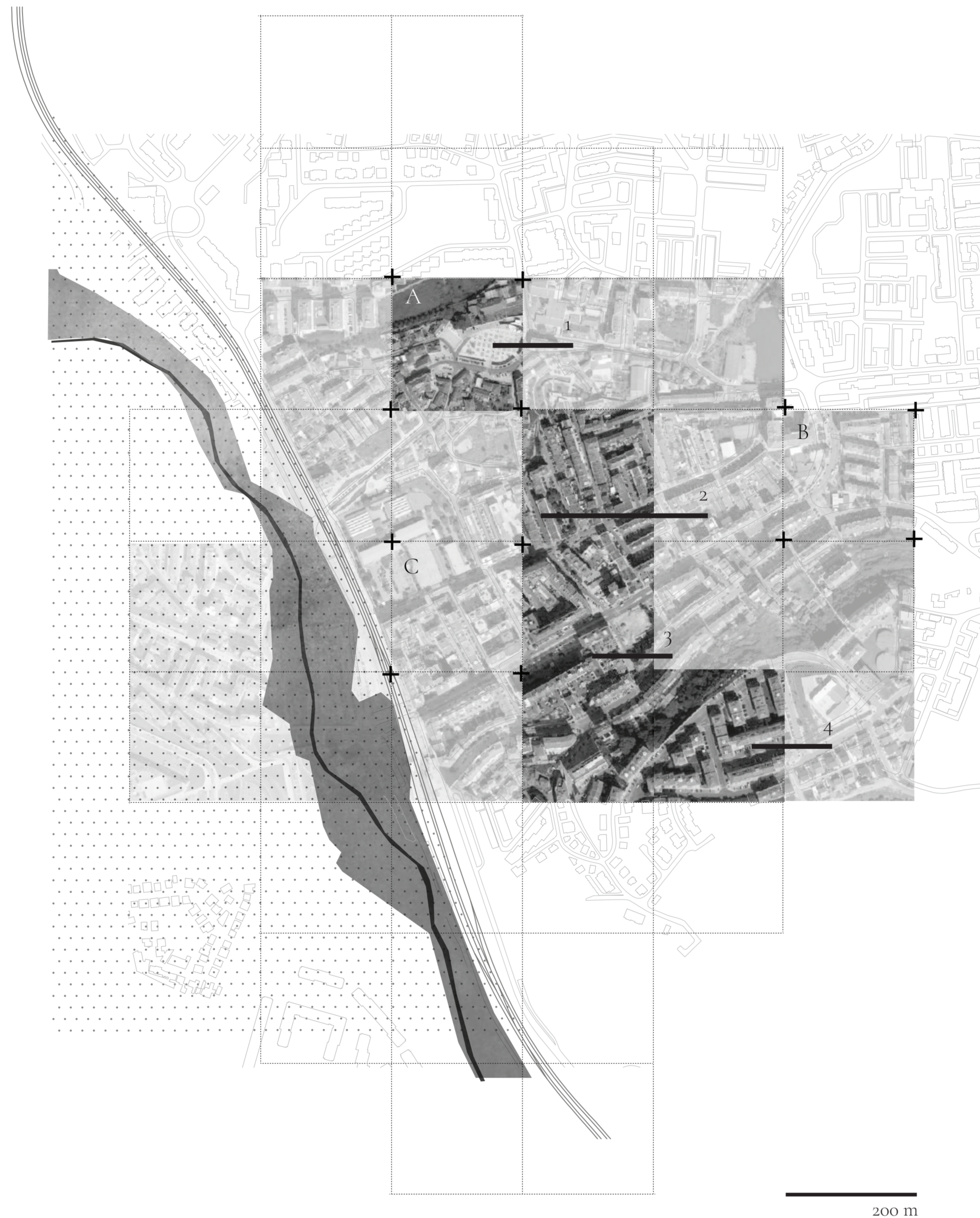
# TERRITÓRIOS *IN-BETWEEN*

Os Espaços de Transição como Elementos de Requalificação Urbana.  
O caso do Núcleo Urbano de Aqualva.

## 3. As componentes do mosaico territorial



### Relação do processo de formação com o suporte viário / Caracterização e usos do espaço público

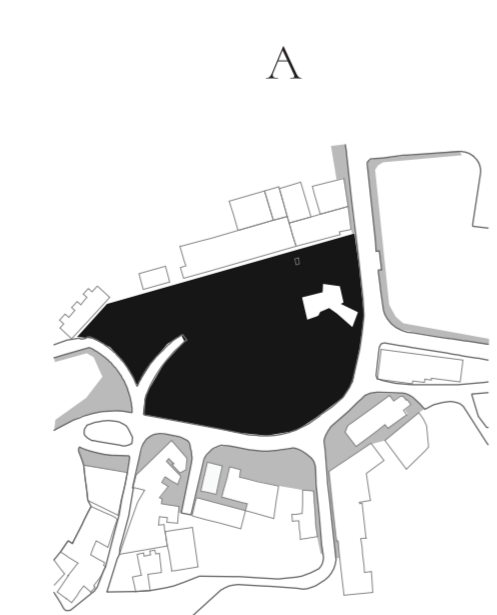


Núcleo antigo, agregado linearmente a vias de traçado irregular com alargamentos pontuais

Tecido estruturado transversalmente a via existente, com ligação viária direta

Tecido associado a abertura de nova via estruturante de aglomerado urbano, segundo sequência de loteamentos de pequena/média dimensão

Tecido estruturado sem ligação a via pré-existente



Espaço público de geometria irregular, de carácter multifuncional, de estadia e apropriação por usos temporários. Definição otimizada de vias de circulação automóvel e de estacionamento e dotação maximizada de espaços de circulação pedonal e estadia.



Espaço exterior entre edifícios modelados em duas plataformas, cada uma associada a usos distintos: bolsa de estacionamento e espaço de estadia e recreio com espaço verde arborizado. Espaço envolvente de circulação viária e pedonal contínua.



Espaço exterior com usos dominantes de circulação viária e estacionamento, com espaços de circulação pedonal descontínuos, desarticulados e sem legibilidade na relação lógica de acesso.

# TERRITÓRIOS *IN-BETWEEN*

Os Espaços de Transição como Elementos de Requalificação Urbana.  
O caso do Núcleo Urbano de Aqualva.

## 4. Enquadramento da área de intervenção

500 m 500 m 500 m 500 m 500 m



Jardim das Jardas



Quinta da Fidalga / Largo da República



Ribeira das Jardas



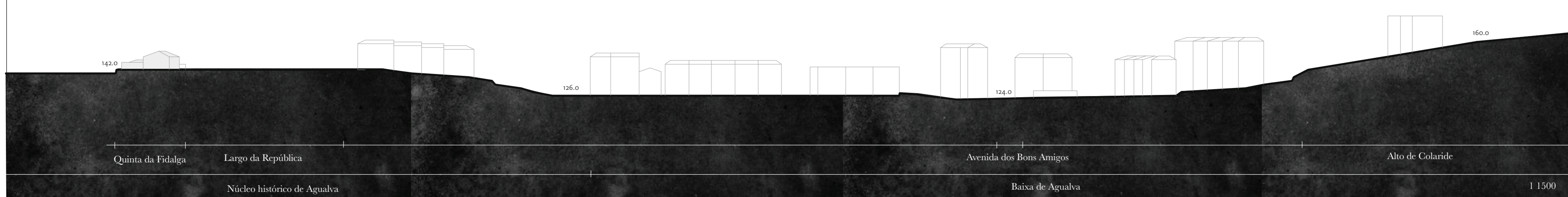
Escadinhas da Ponte Nova



Avenida dos Bons Amigos



Vista sobre Aqualva



# TERRITÓRIOS *IN-BETWEEN*

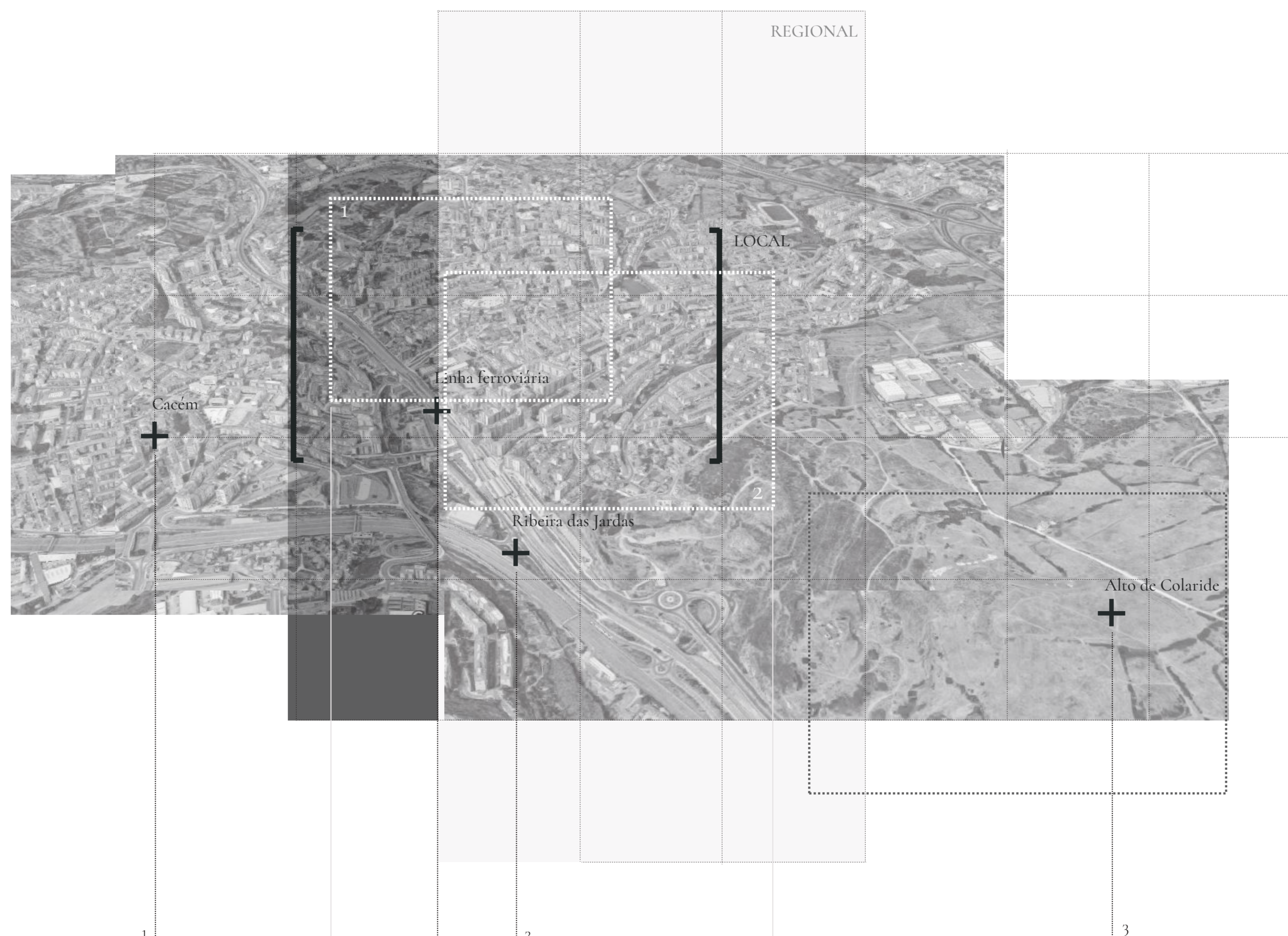
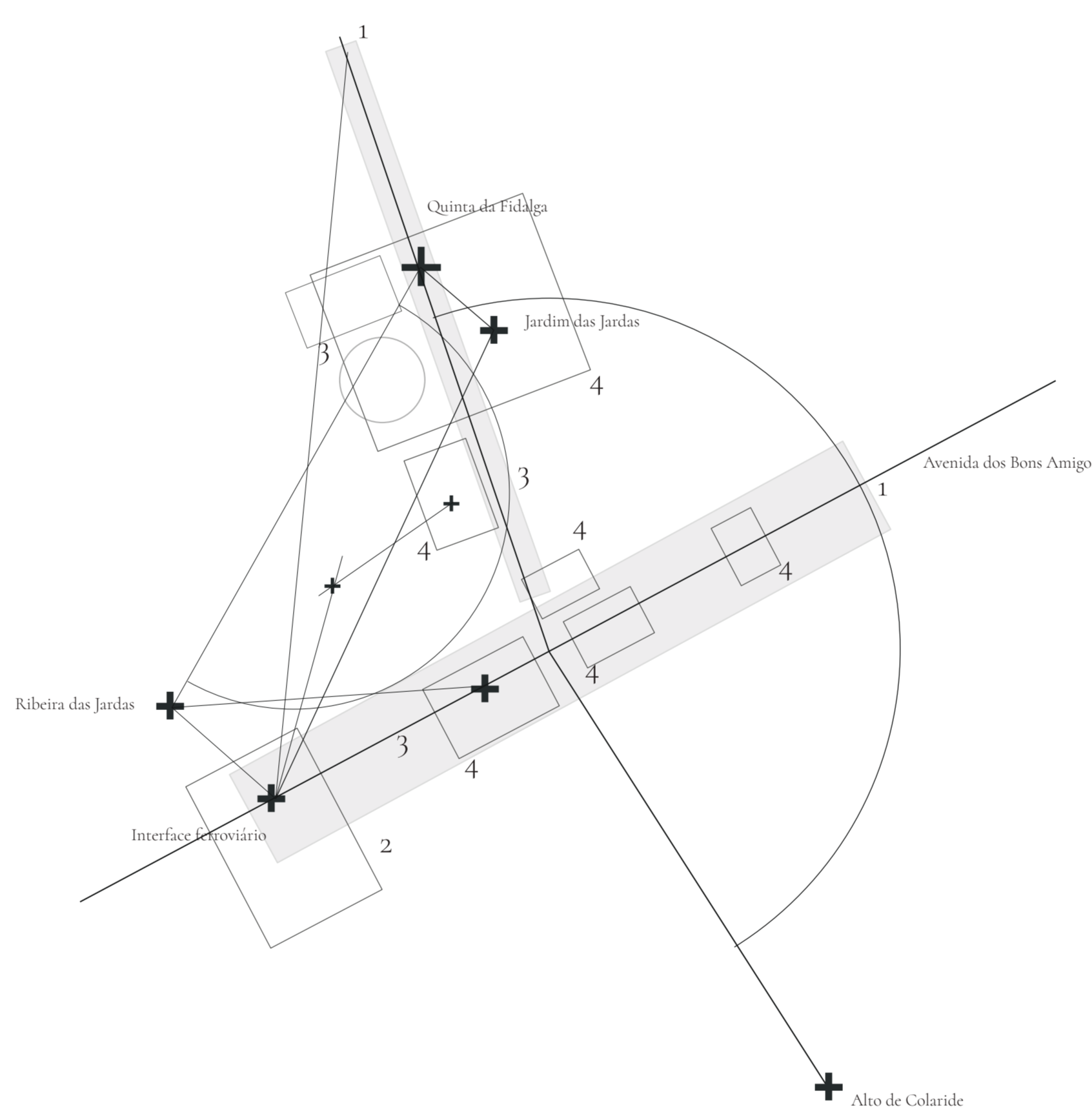
Os Espaços de Transição como Elementos de Requalificação Urbana.  
O caso do Núcleo Urbano de Agualva.

## 5. Linhas de ação estratégicas



<p><b>+</b> Pontos de interesse</p> <p>Destacam condições especiais e zonas específicas que traduzem possíveis intervenções de forma a criar novas configurações no desenho urbano.</p>	<p><b>□</b> Área de impacto</p> <p>Delimitação das áreas de intervenção prioritárias e consequentemente da sua abrangência, tendo em conta a escala local do território, aplicando diferentes densidades consoante as problemáticas identificadas.</p>	<p><b>△</b> Local de Intervenção</p> <p>Definido através dos principais eixos de intervenção que fazem a ligação entre o núcleo histórico de Agualva e a Av. dos Bons Amigos, procurando uma solução urbana/projetual adequada.</p>
---	--	---

## Diagrama de potenciais conexões



- |   |   |   |
|---|---|---|
| 1   | 2   | 3   |
| Conectar a zona de intervenção aos aglomerados adjacentes | Núcleo histórico de Agualva - Baixa densidade | Tirar partido da rede hidrográfica existente introduzindo novos espaços verdes para uso coletivo ou como suporte de produção agrícola |
|   |   | Baixa de Agualva - Alta densidade   |
|   |   | Combater a fragmentação da integridade paisagística relativa aos espaços abertos não edificados identificados na zona                 |

# TERRITÓRIOS IN-BETWEEN

Os Espaços de Transição como Elementos de Requalificação Urbana.  
O caso do Núcleo Urbano de Aqualva.

## 6. Escala alargada Entre Aqualva antiga e a Avenida dos Bons Amigos



Áreas de intervenção prioritárias segundo o Programa Estratégico de Reabilitação de Aqualva

- 1 - Núcleo Histórico de Aqualva
- 2 - Baixa de Aqualva
- 3 - Avenida D. Nuno Álvares Pereira
- 4 - Baixa da Estação

Pontos de interesse

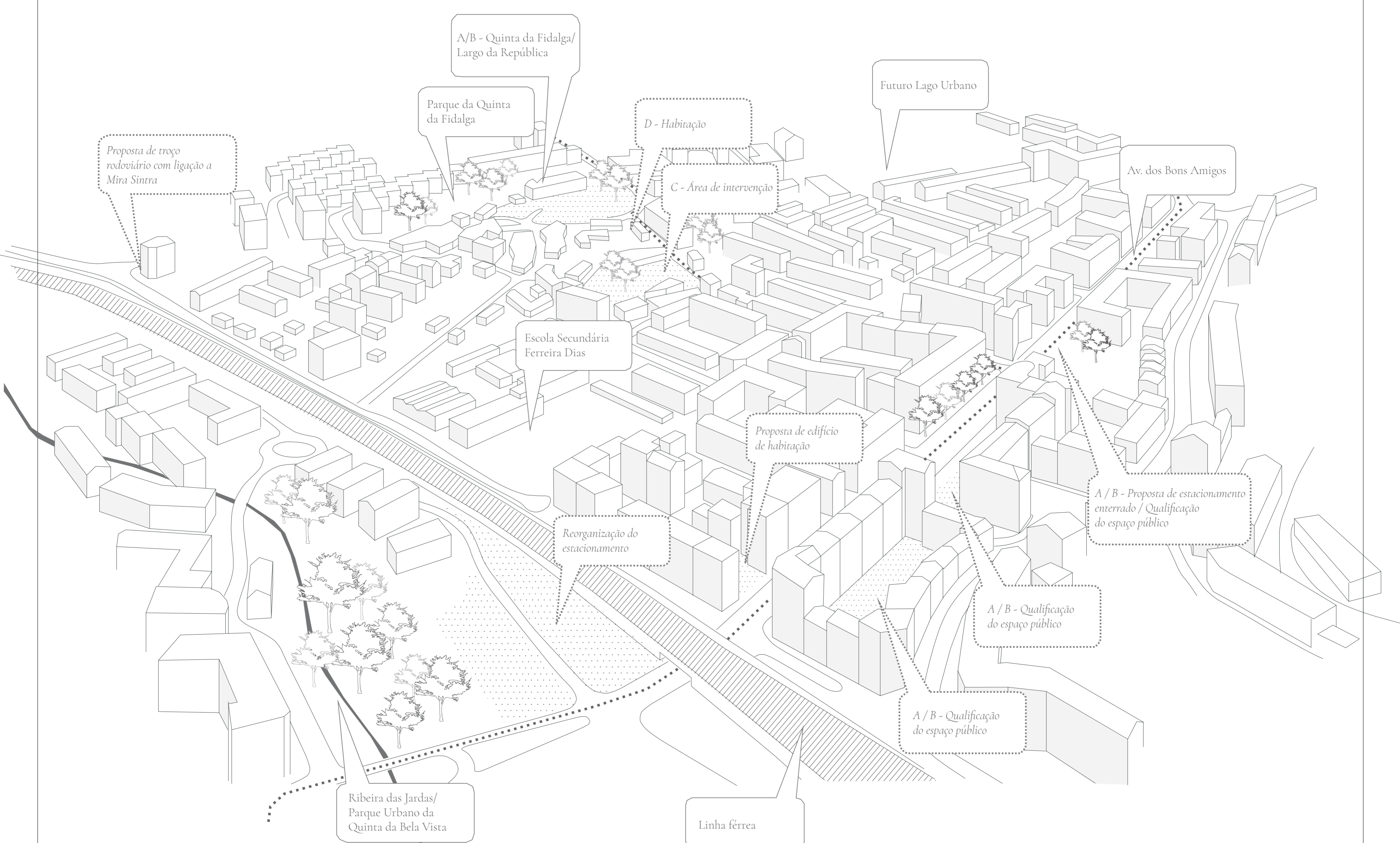
- A - Parque Urbano da Quinta da Bela Vista
- B - Tholos de Aqualva
- C - Quinta da Fidalga
- D - Futuro Lago Urbano
- E - Complexo Desportivo e Anta de Aqualva
- F - Futuro Parque Arqueológico de Colaride
- G - Moinho da Pedra

Reorganização do estacionamento

Criação de passeios devidamente dimensionados com a proposta de novos parques de estacionamento subterrâneos  
Possibilidade de introdução de novo mobiliário urbano e de novos percursos que vão promover a dinamização da cidade

Qualificação do Espaço Público

Redefinição dos pavimentos dos espaços públicos existentes que nunca funcionaram como tal.  
Liberar estes espaços do atravessamento ou da presença automóvel, passando a destinar-se apenas aos peões.  
Construção de muros que possibilitam a introdução de mobiliário urbano e que promovem a estadia e o convívio.

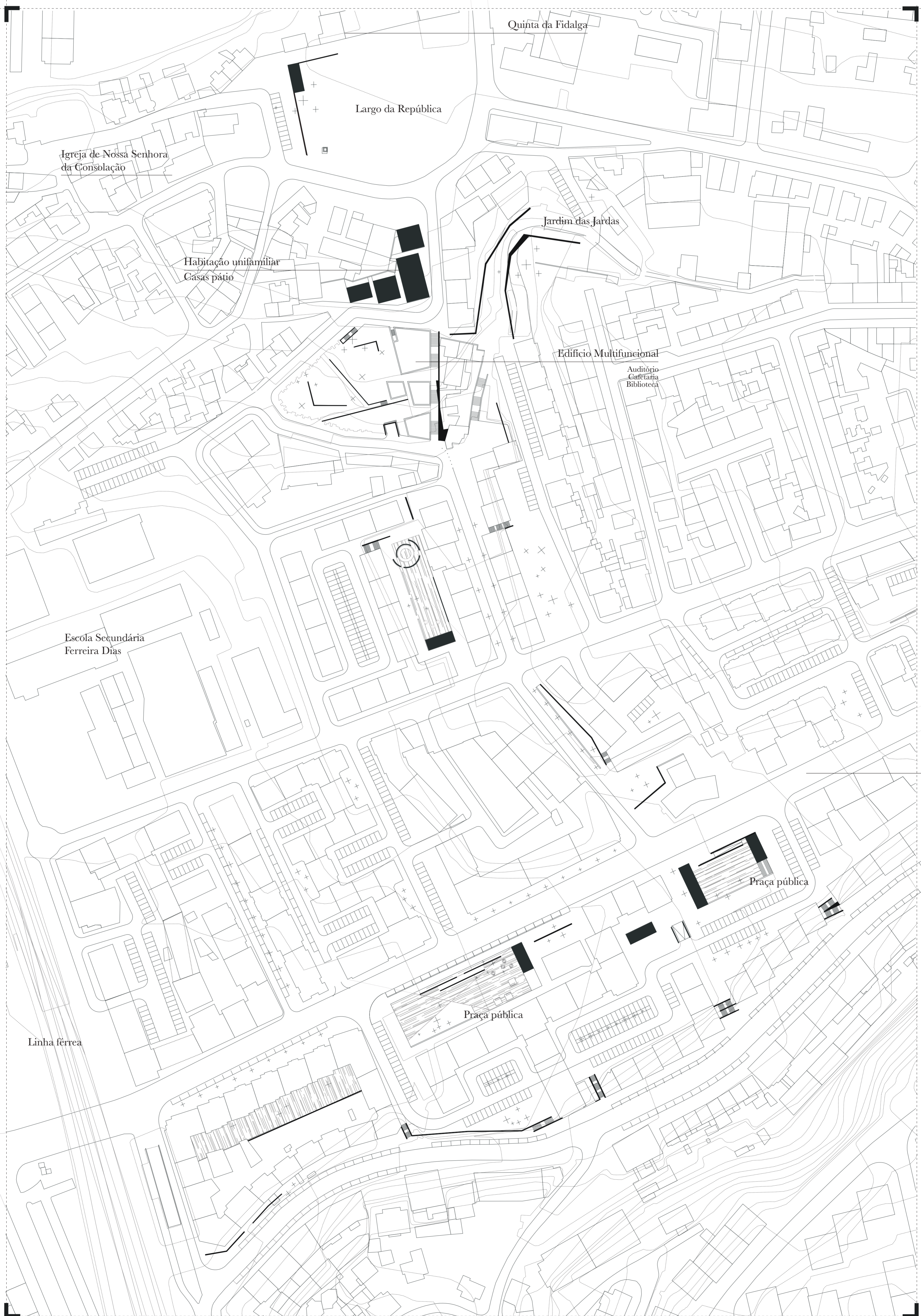
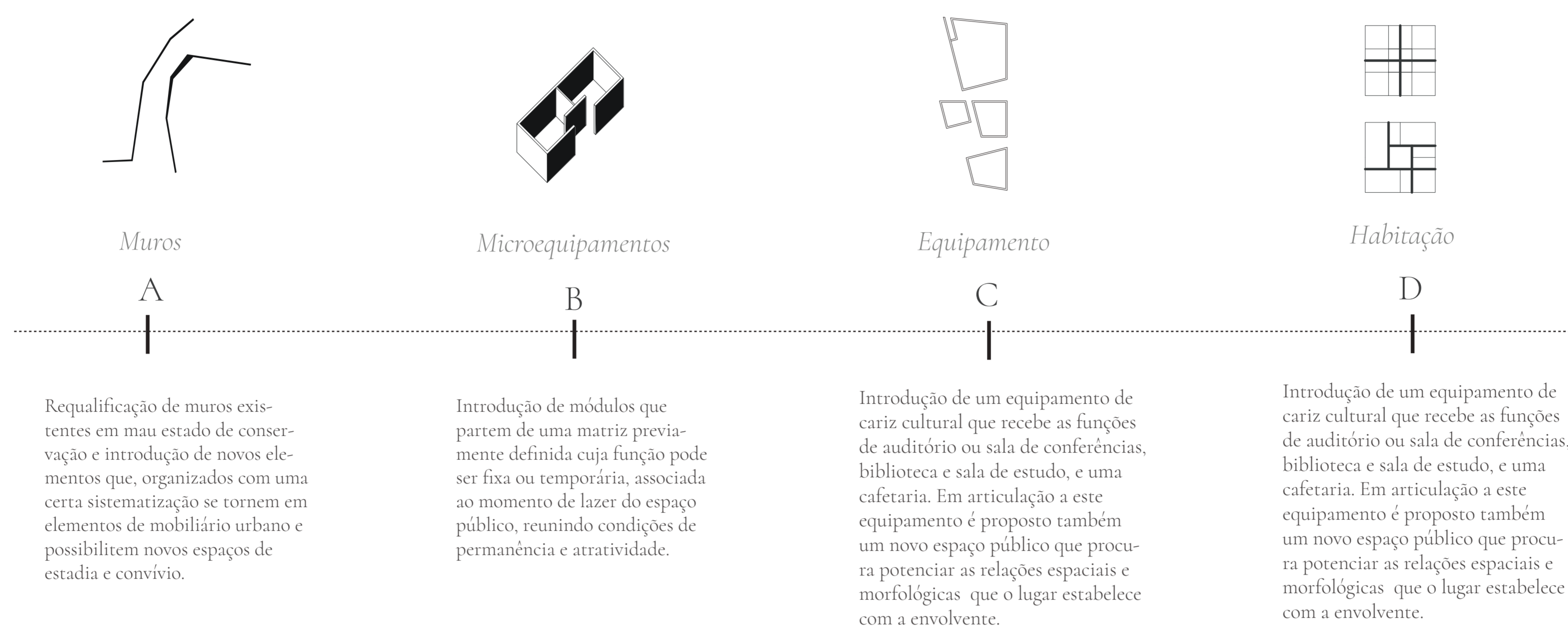


# TERRITÓRIOS *IN-BETWEEN*

Os Espaços de Transição como Elementos de Requalificação Urbana.  
O caso do Núcleo Urbano de Aqualva.

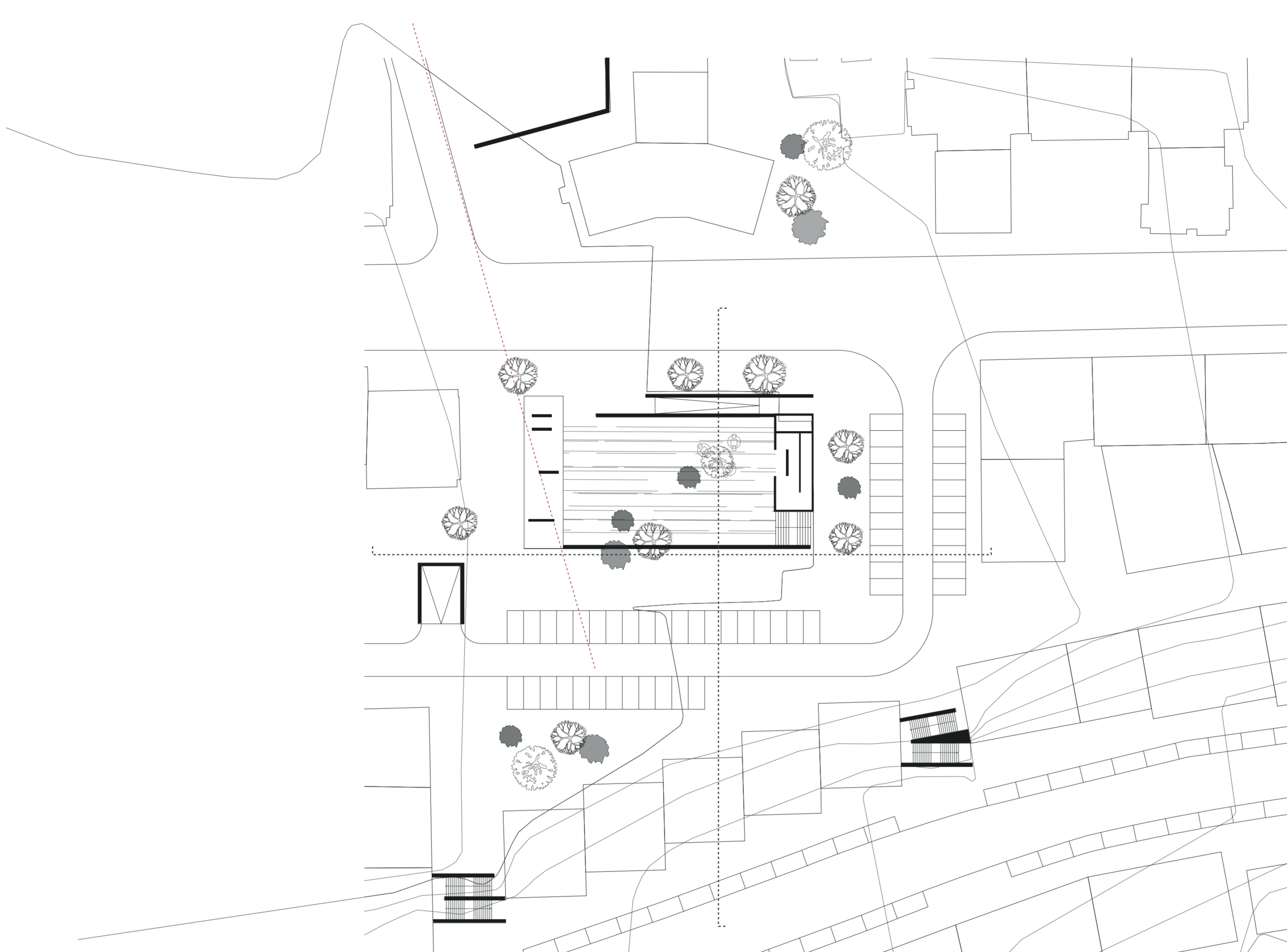
## 7. O Plano Urbano

### Sistema de intervenção

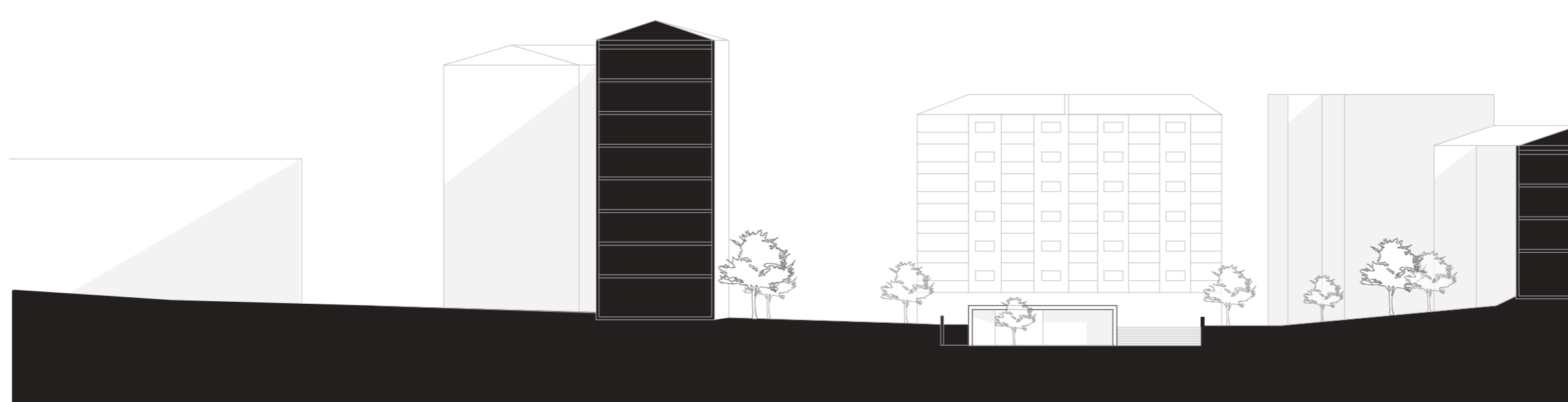
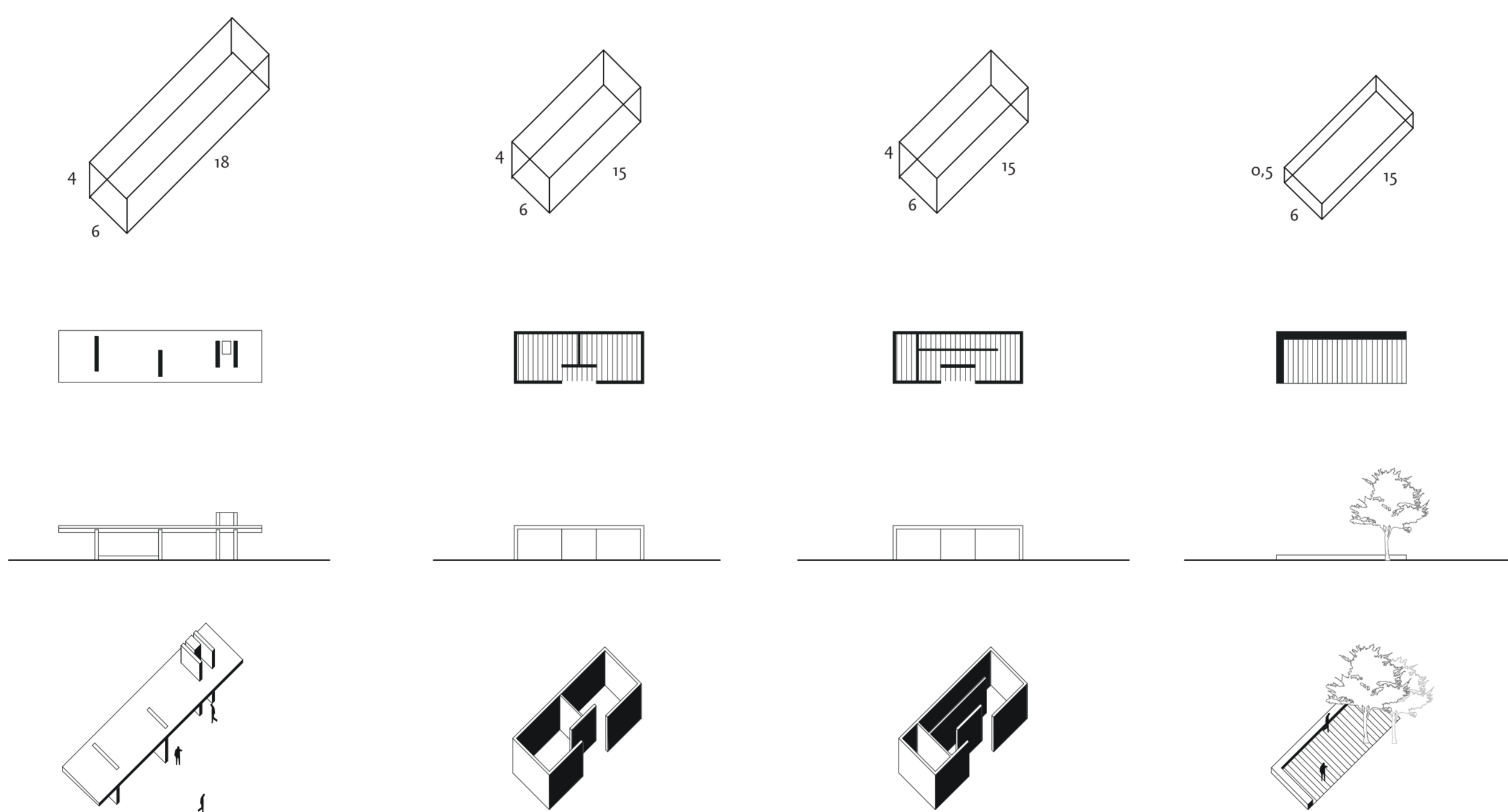


# TERRITÓRIOS *IN-BETWEEN*

Os Espaços de Transição como Elementos de Requalificação Urbana.  
O caso do Núcleo Urbano de Aqualva.



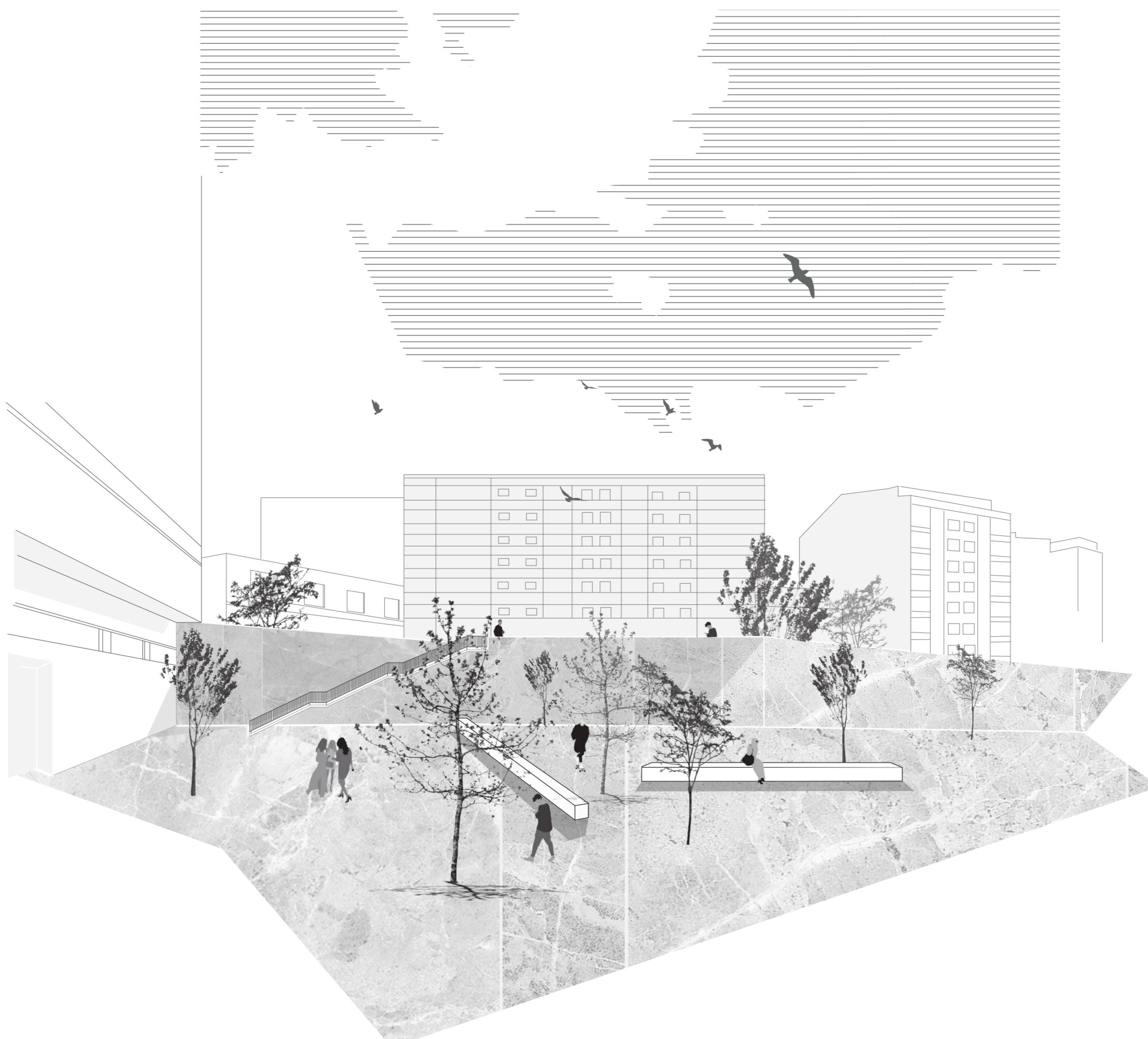
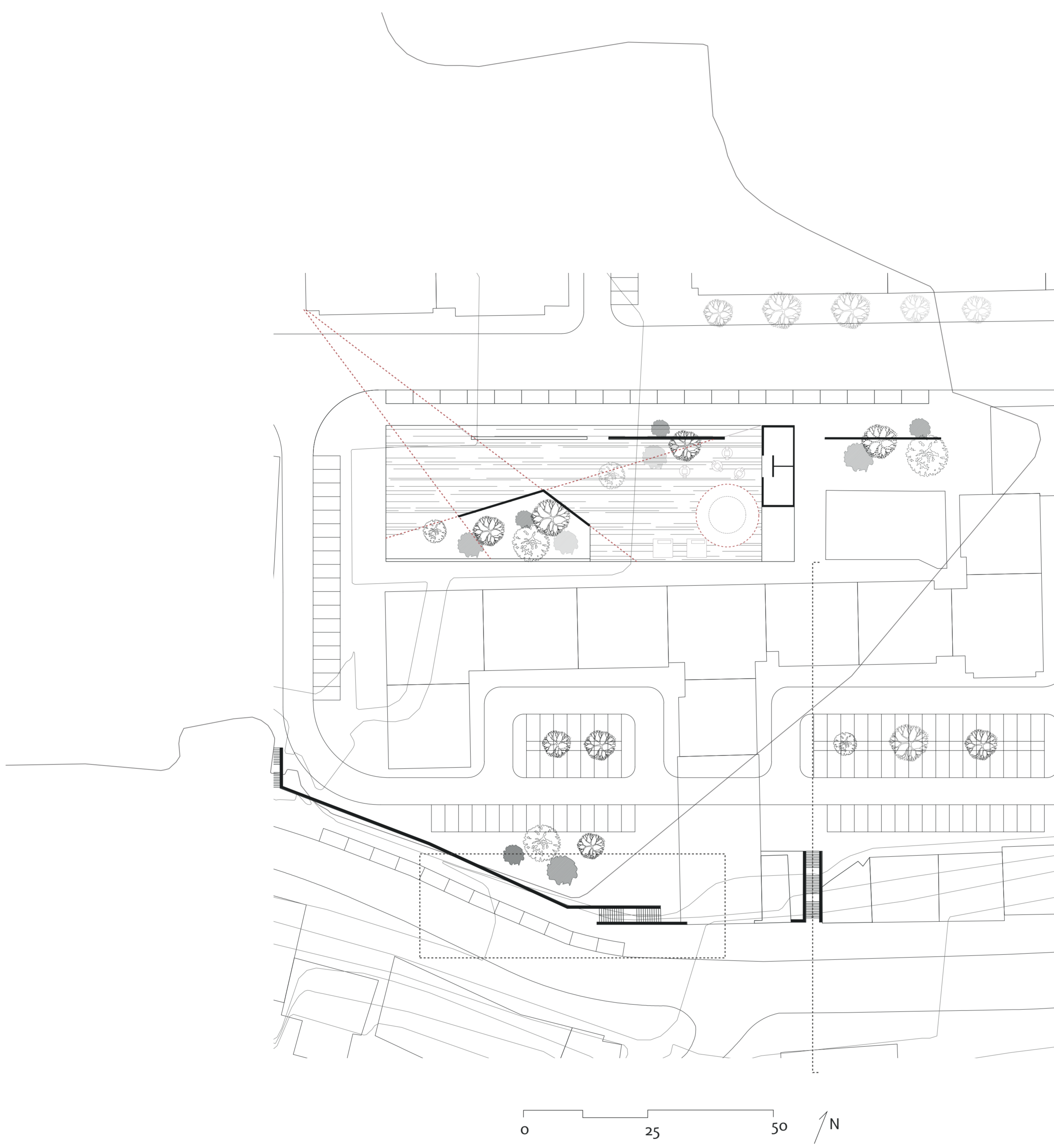
0 25 50 N



0 25 50

# TERRITÓRIOS *IN-BETWEEN*

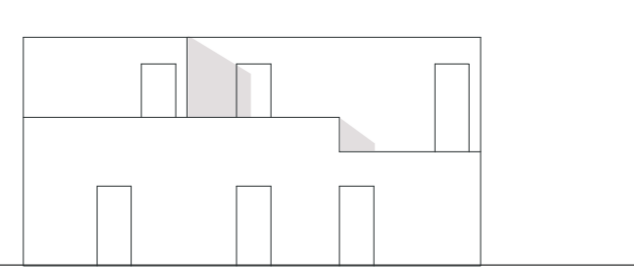
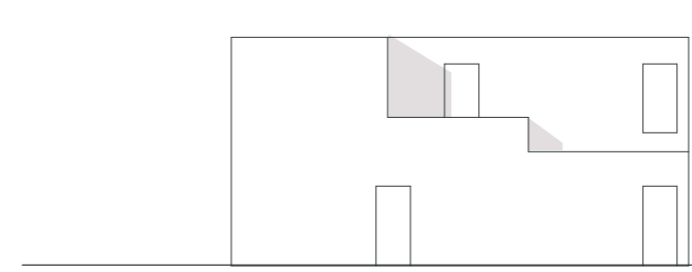
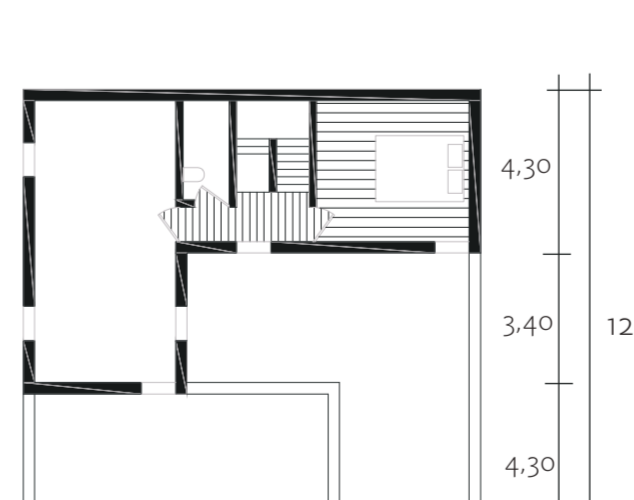
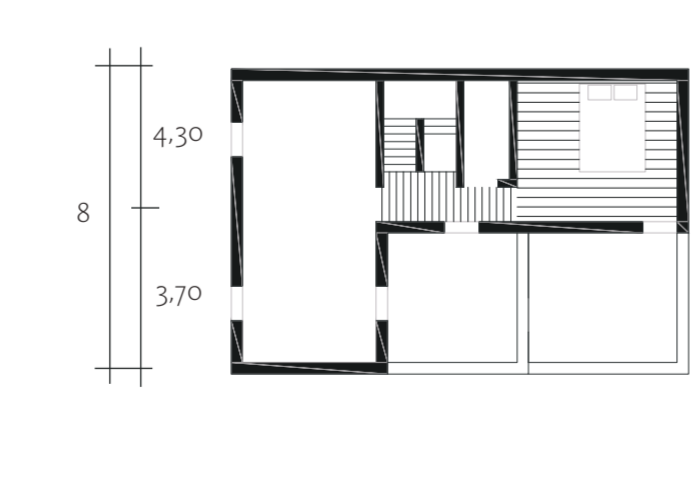
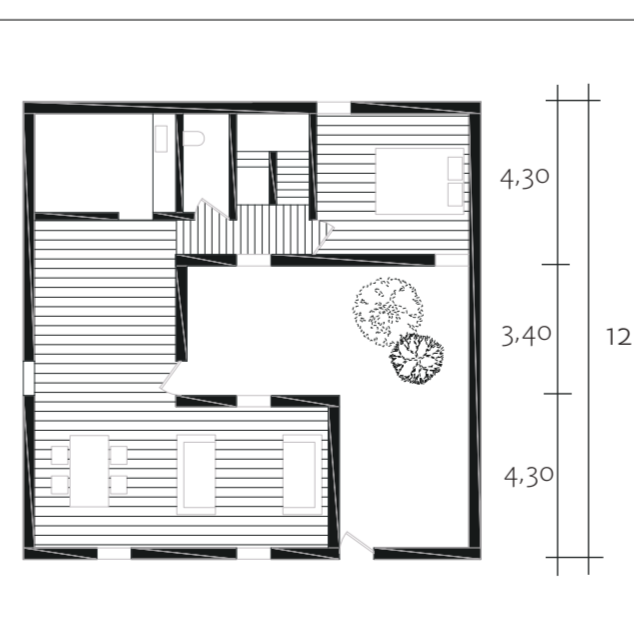
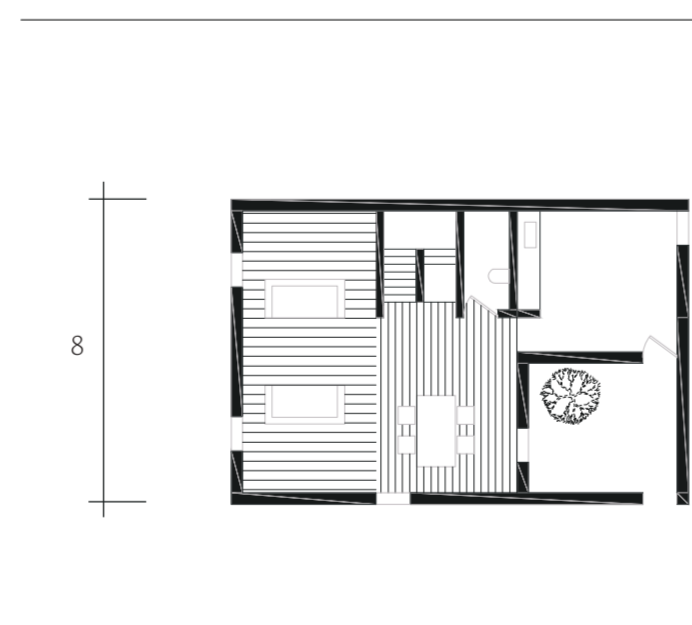
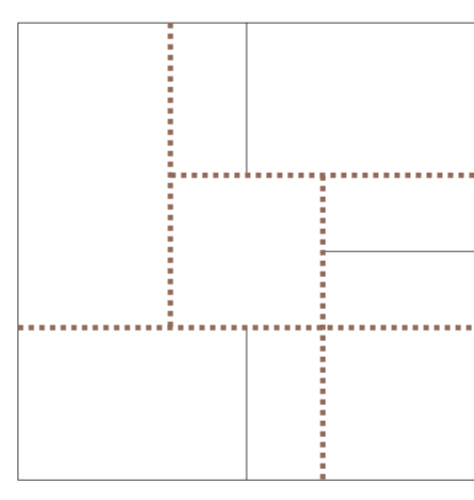
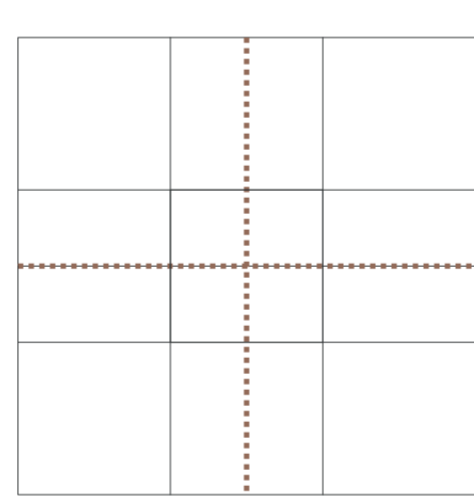
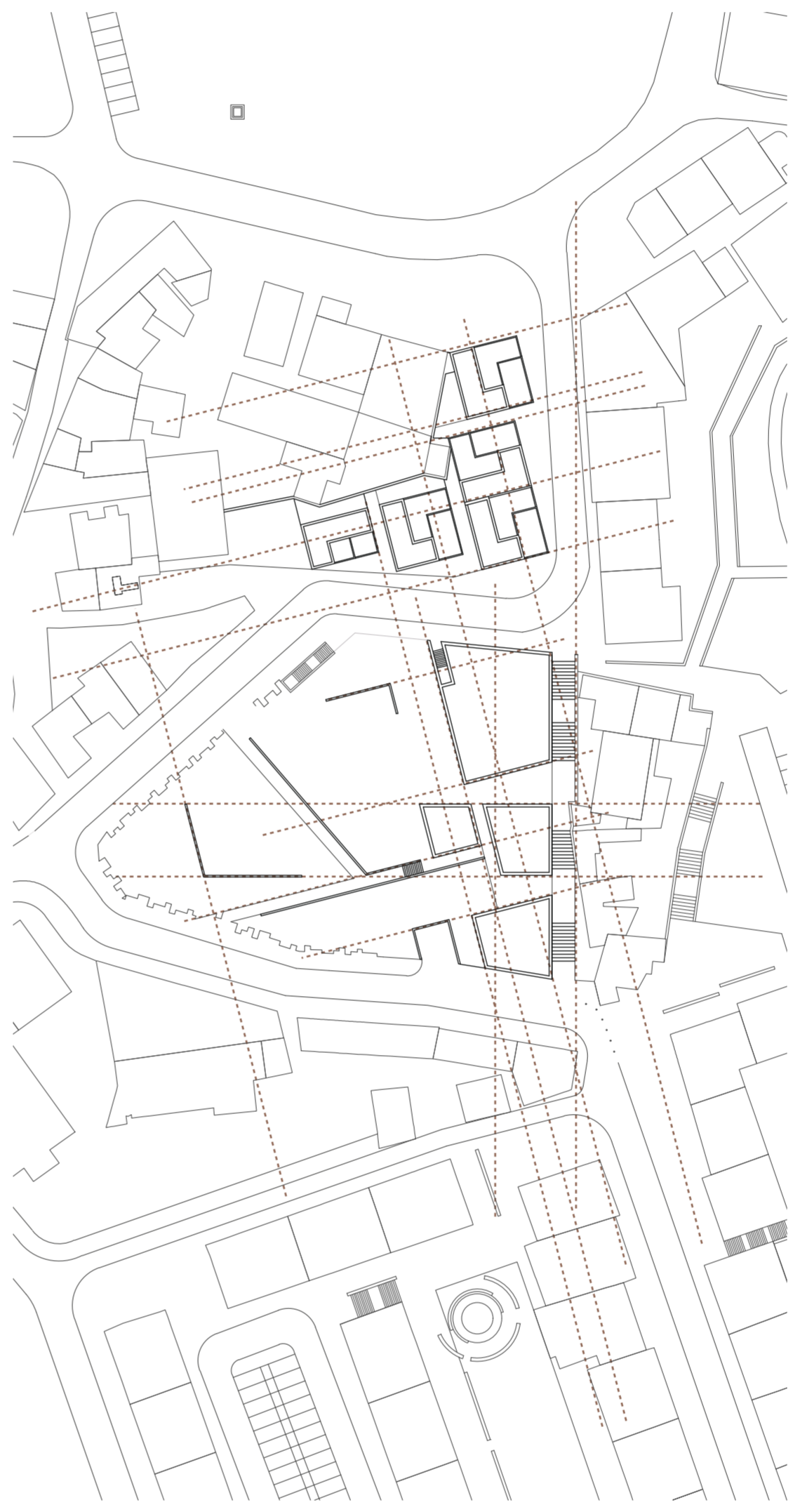
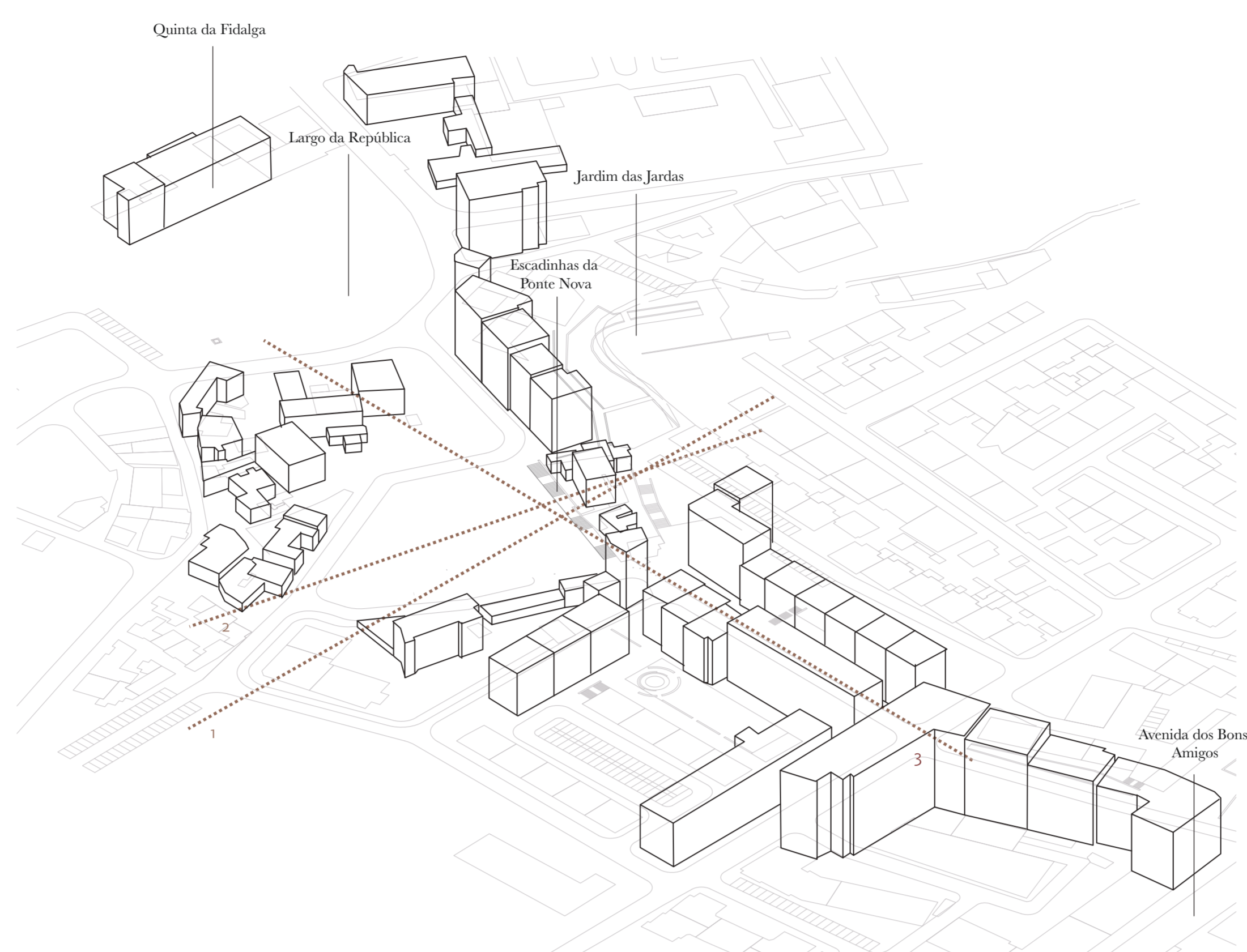
Os Espaços de Transição como Elementos de Requalificação Urbana.  
O caso do Núcleo Urbano de Aqualva.



# TERRITÓRIOS *IN-BETWEEN*

Os Espaços de Transição como Elementos de Requalificação Urbana.  
O caso do Núcleo Urbano de Aqualva.

10. *Escala aproximada*  
*Conjunto residencial: entre o tecido urbano e os espaços intersticiais*



Tipologia A

Tipologia B

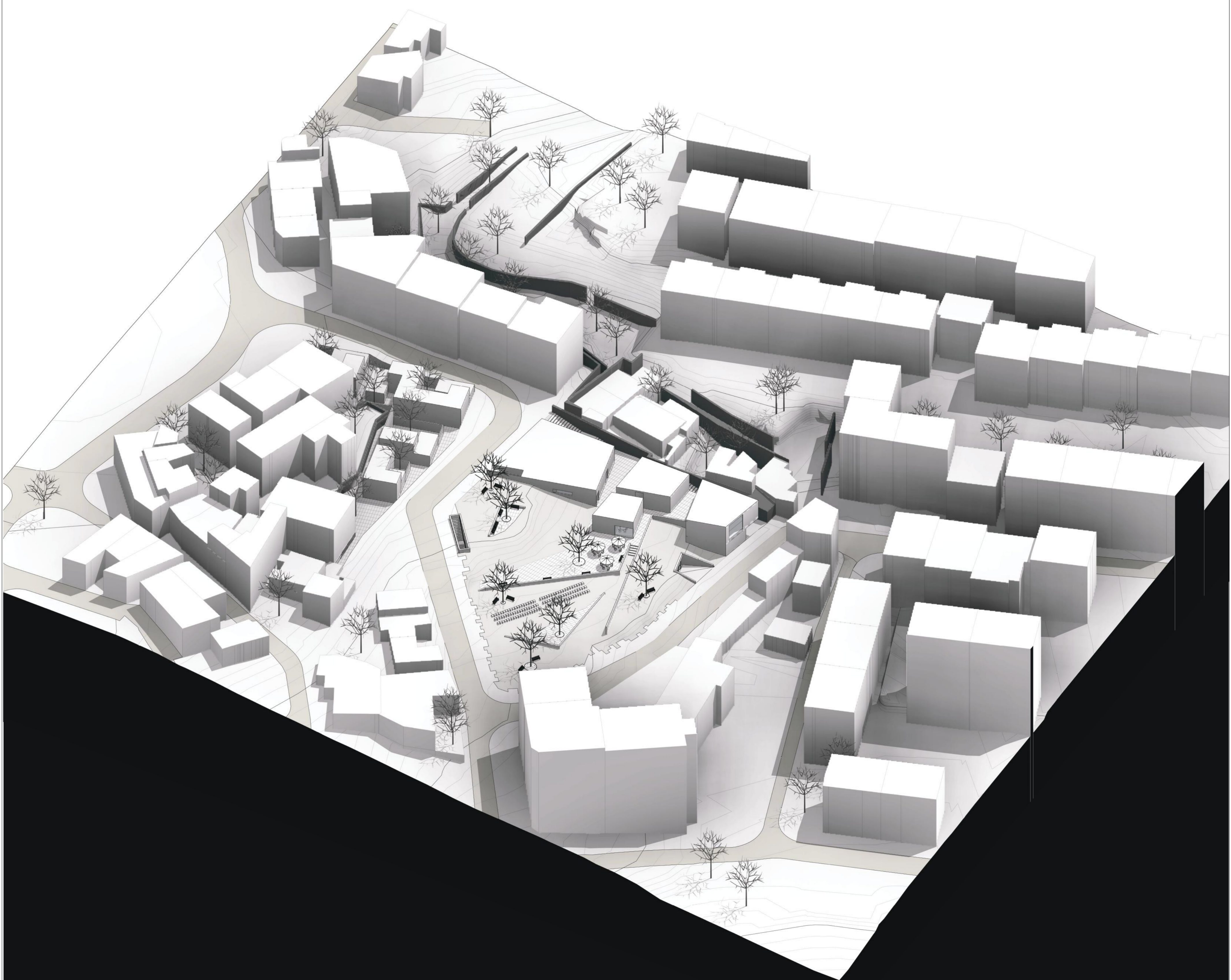
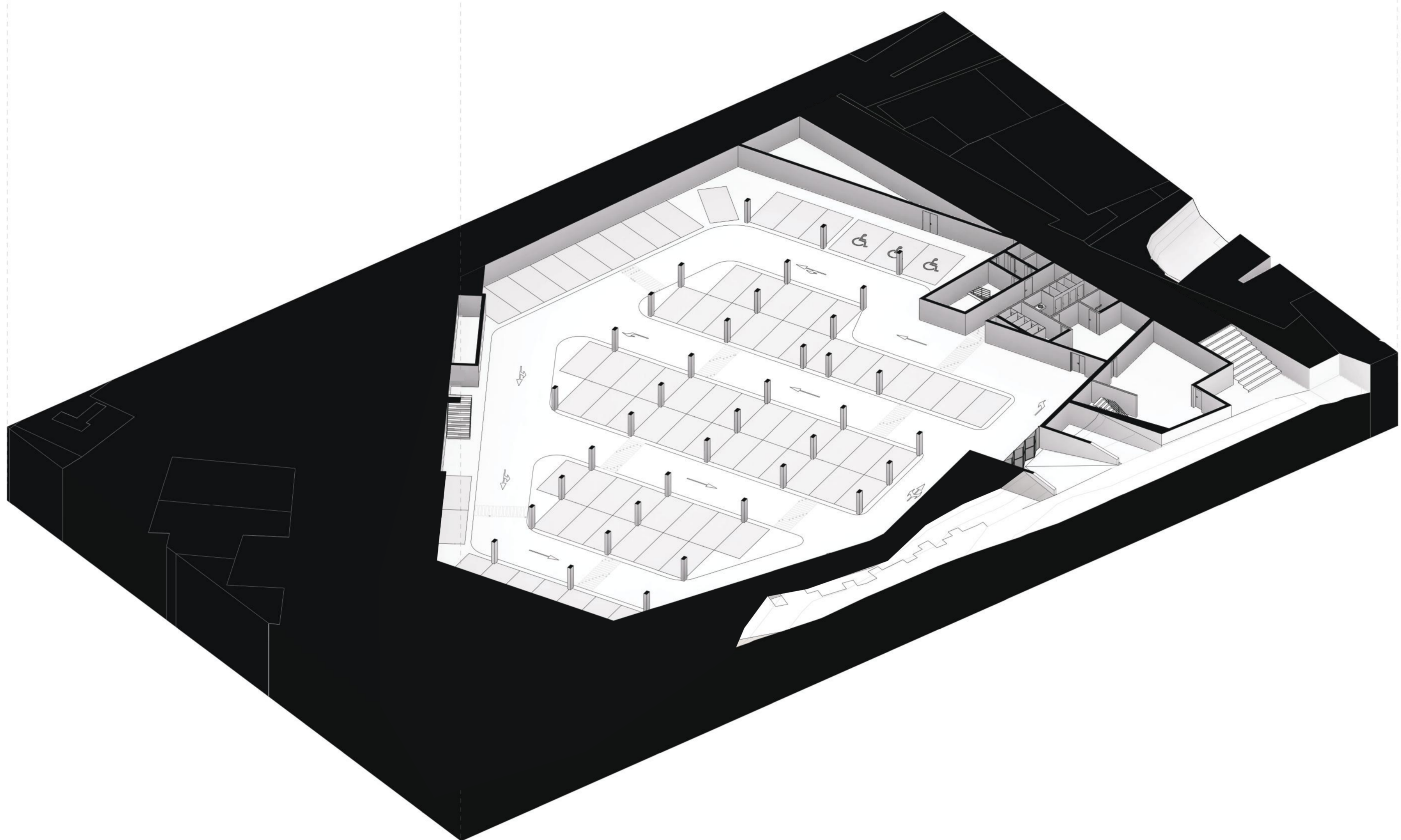
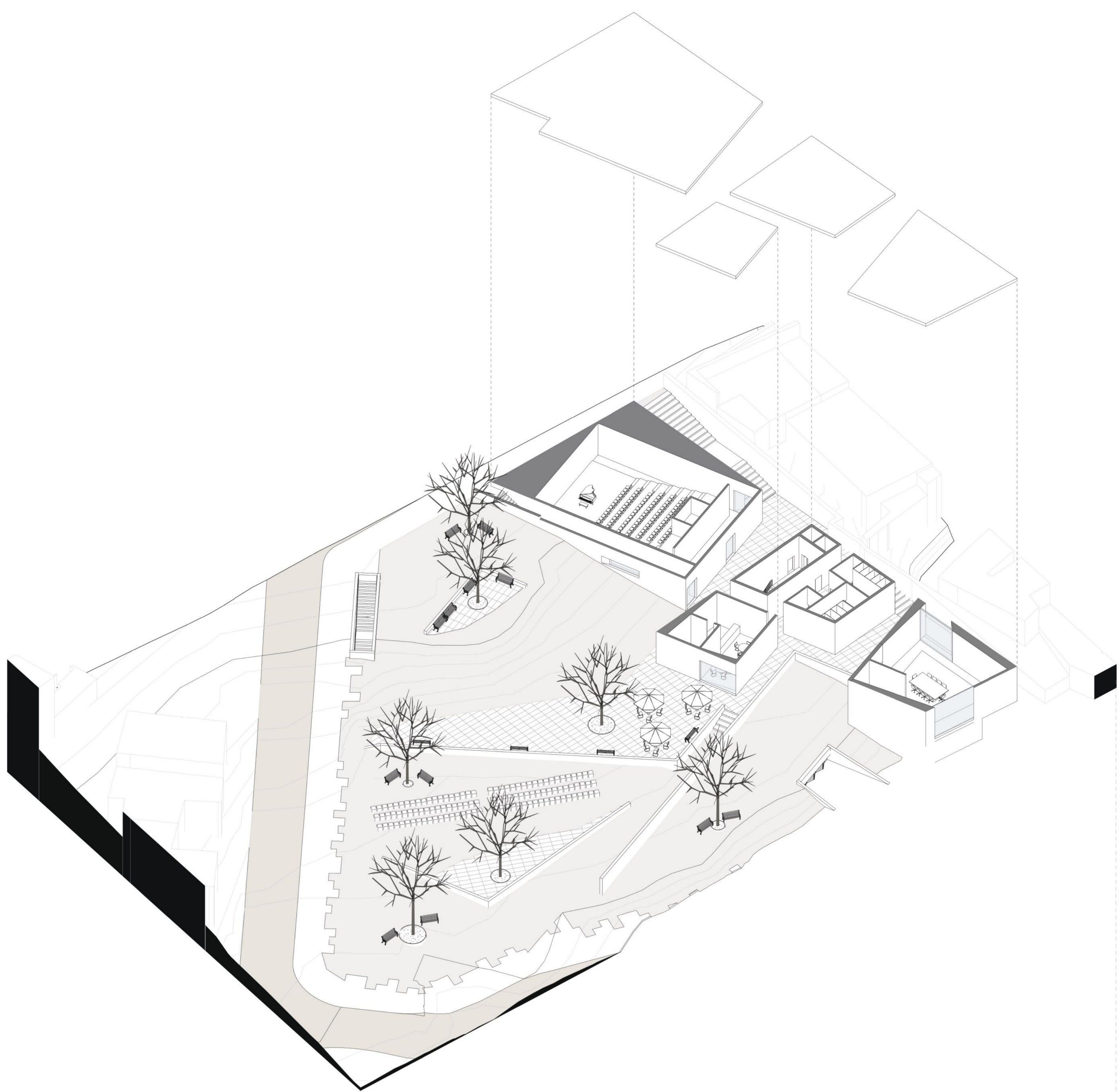
# TERRITÓRIOS *IN-BETWEEN*

Os Espaços de Transição como Elementos de Requalificação Urbana.  
O caso do Núcleo Urbano de Aqualva.



# TERRITÓRIOS *IN-BETWEEN*

Os Espaços de Transição como Elementos de Requalificação Urbana.  
O caso do Núcleo Urbano de Aqualva.



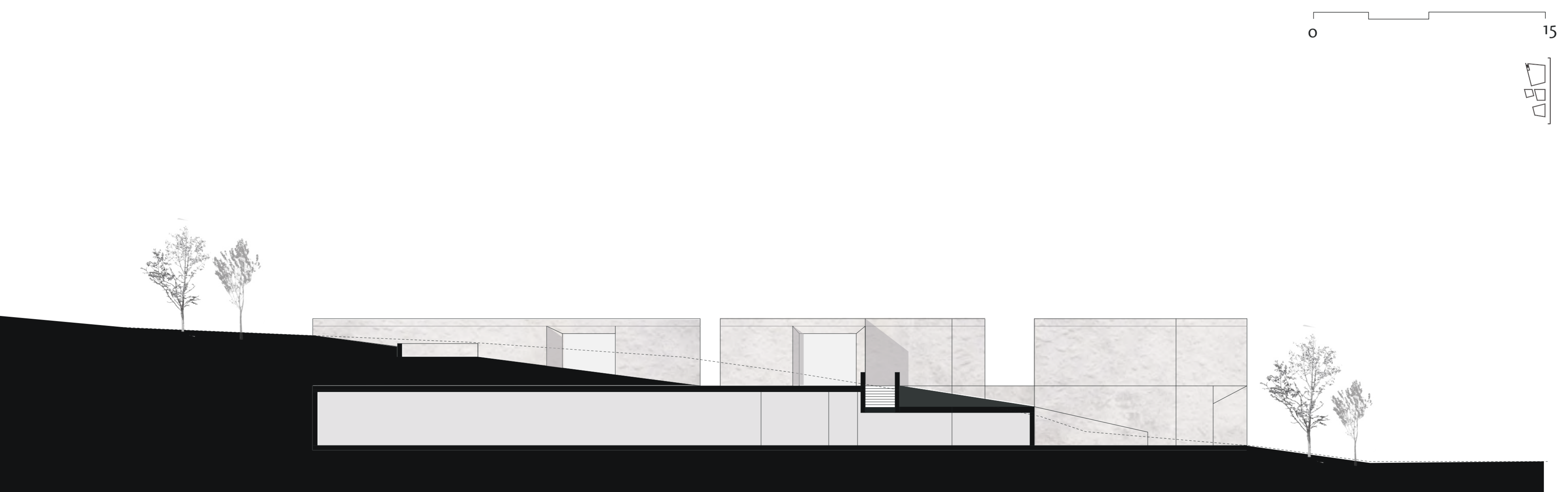
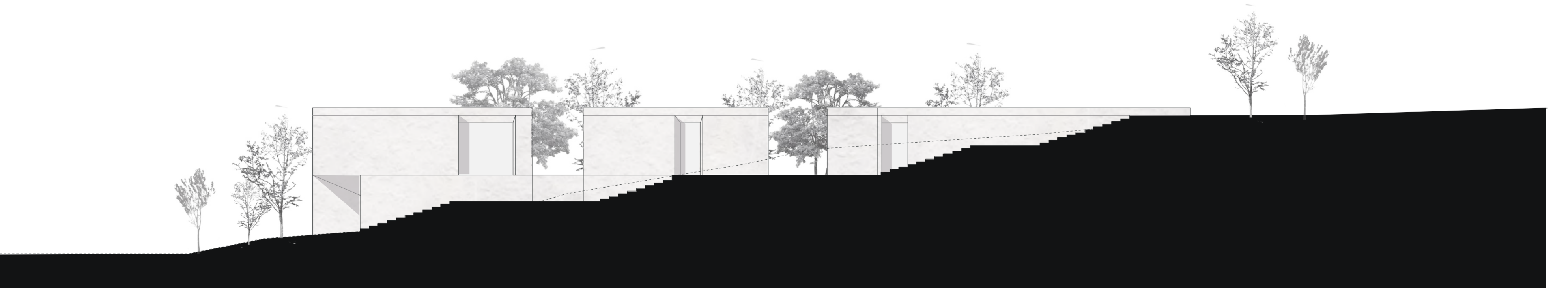
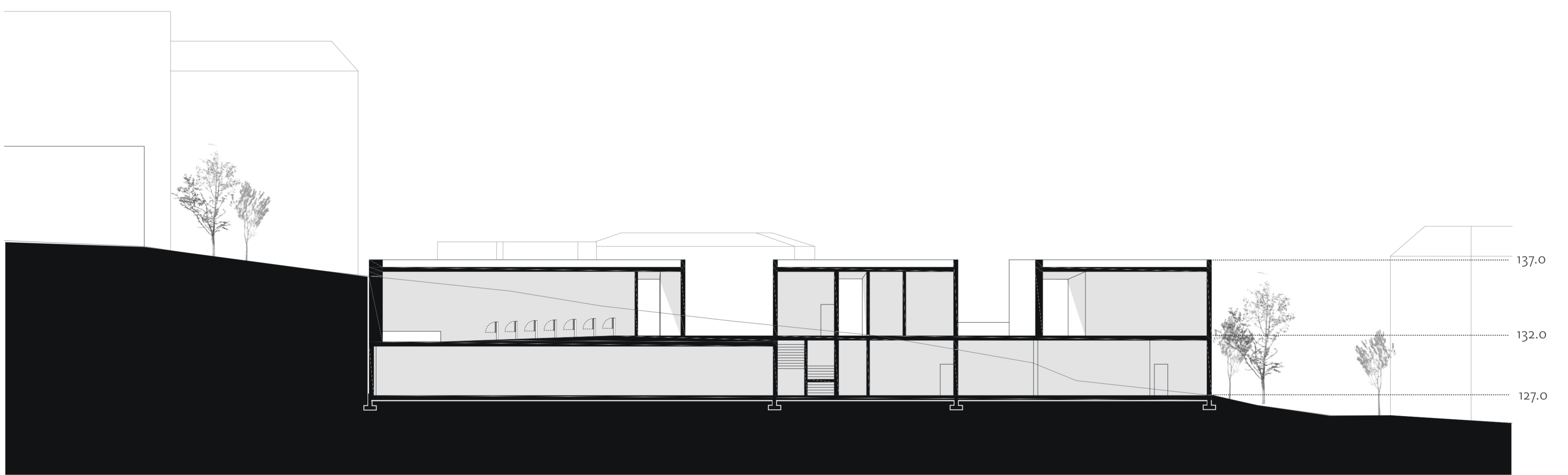
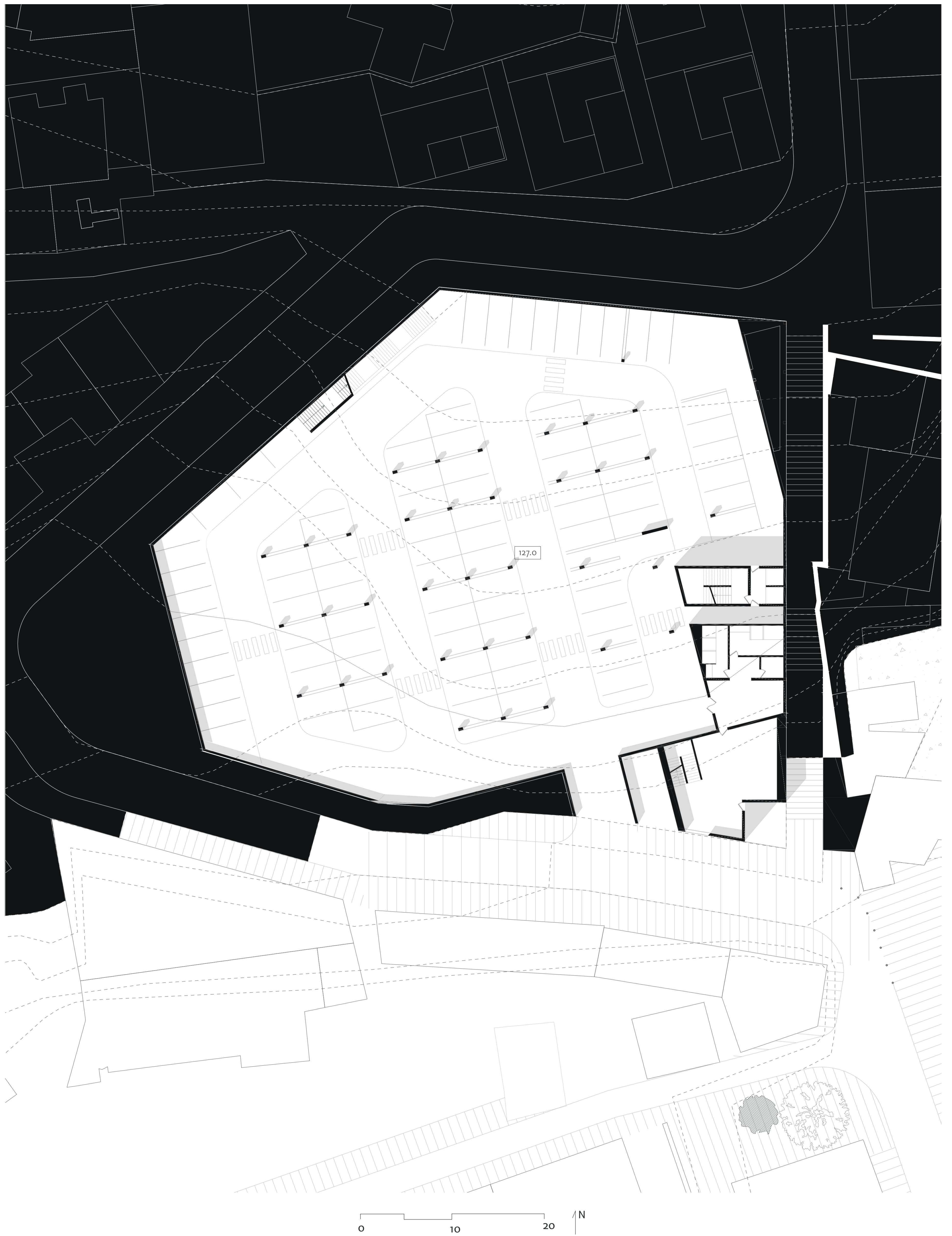
# TERRITÓRIOS *IN-BETWEEN*

Os Espaços de Transição como Elementos de Requalificação Urbana.  
O caso do Núcleo Urbano de Aqualva.



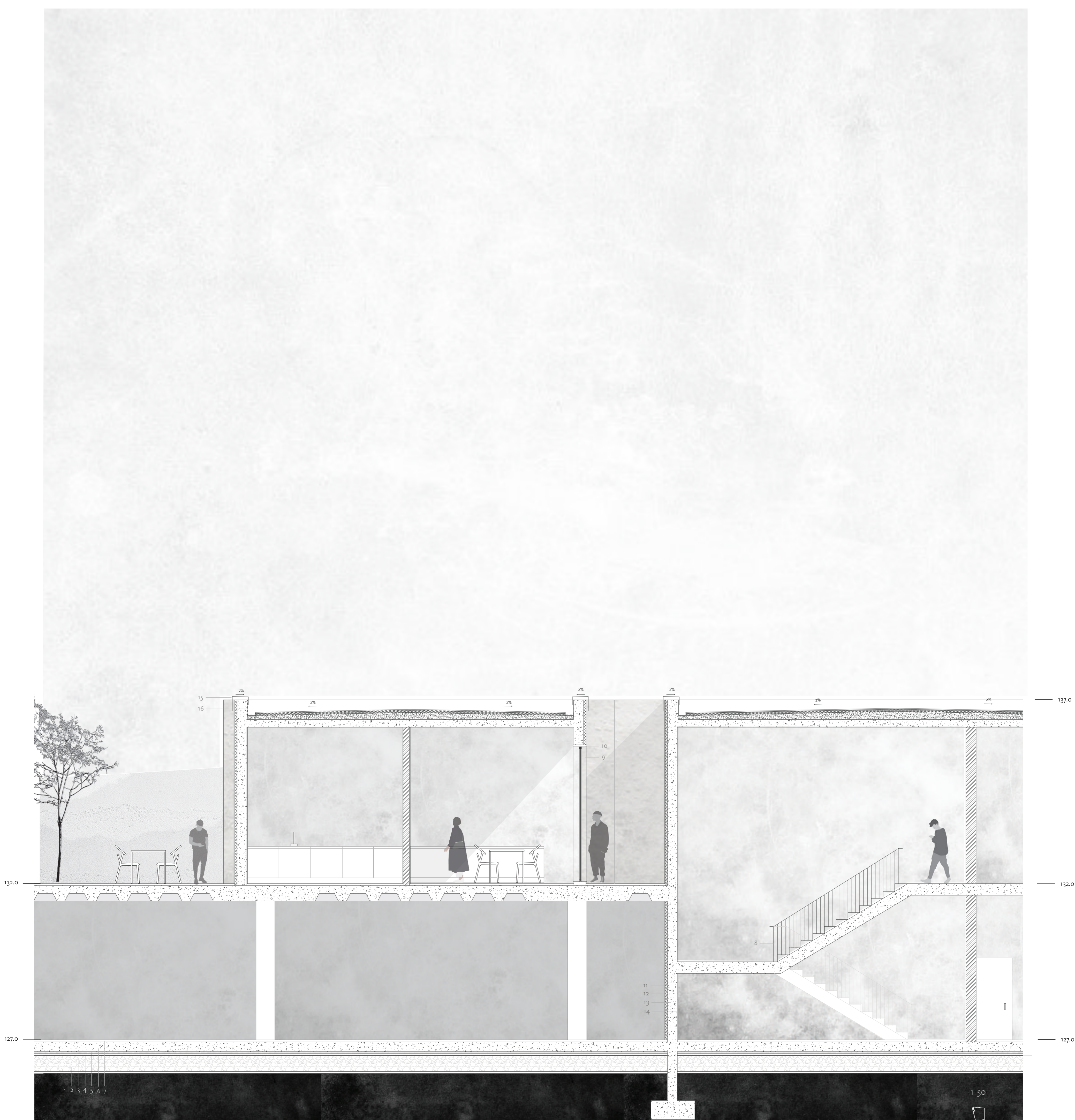
# TERRITÓRIOS *IN-BETWEEN*

Os Espaços de Transição como Elementos de Requalificação Urbana.  
O caso do Núcleo Urbano de Aqualva.



# TERRITÓRIOS *IN-BETWEEN*

Os Espaços de Transição como Elementos de Requalificação Urbana.  
O caso do Núcleo Urbano de Aqualva.



1 - Tela Geotêxtil; 2 - Membrana Georradix; 3 - Enrocamento; 4 - Impermeabilização; 5 - Tela pitorrada drenante; 6 - Laje de betão armado; 7 - Betão de regularização; 8 - Guarda metálica em aço lacada a preto; 9 - Caisilharia lacada a preto de aço; 10 - Peça de madeira autoclavada para remate de isolamento térmico; 11 - Microcimento hidrófugo; 12 - Isolamento térmico EPS; 13 - Betão estrutural; 14 - Reboco pintado; 15 - Rufo metálico; 16 - Tela de impermeabilização.